

JUVENTUDE E SUBTÂNCIAS PSICOATIVAS: UM ESTUDO SOBRE RITOS RELIGIOSOS E VIDA COMUNITÁRIA

ROSILEUDA PONTES DE AGUIAR



EDIÇÕES
INESP



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

**JUVENTUDE E SUBTÂNCIAS PSICOATIVAS: um
estudo sobre ritos religiosos e vida comunitária**

Roseleuda Pontes de Aguiar

**JUVENTUDE E SUBTÂNCIAS PSICOATIVAS: um
estudo sobre ritos religiosos e vida comunitária**

INESP

Fortaleza - Ceará

2022

Copyright © 2022 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia, Valquíria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

José Gotardo Filho

Revisão

Sandra Bastos Mesquita

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

A282j Aguiar, Roseleuda Pontes de.
Juventude e substâncias psicoativas: [livro eletrônico] um estudo sobre ritos religiosos e vida comunitária / Rosileuda Pontes de Aguiar. – Fortaleza: INESP, 2022.
184 p. : il. color. ; 2300 Kb ; PDF

ISBN: 978-85-7973-172-3

1. Alucinógenos e experiência religiosa. 2. Psicodélicos. 3. Espiritualidade. I. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de Estudo e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 299

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro, desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674

Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

TEL: (85)3277.3701 – FAX (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

PALAVRA DO DEPUTADO EVANDRO LEITÃO

As pesquisas realizadas nos programas de pós-graduação das universidades e faculdades do Ceará vêm servindo de base para a produção de publicações que subsidiam a elaboração de projetos de lei e de indicação e outras importantes decisões políticas.

Refletir sobre o uso de substâncias psicoativas em contexto religioso, analisar os aspectos socioculturais intrínsecos à prática e investigar a sua relação com o consumo de drogas pela juventude são imprescindíveis para a pauta política.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará - Alece, por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp, disponibiliza esse trabalho que colabora imensamente com o futuro do nosso estado, pois se vincula às questões sociais e ao fortalecimento de um estado cada vez mais democrático.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PALAVRA DO PROF. DR. JOÃO MILTON CUNHA DE MIRANDA

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados.

O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O Juventude e substâncias psicoativas: um estudo sobre ritos religiosos e vida comunitária é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital" e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

PALAVRA DA DEPUTADA AUGUSTA BRITO

É com satisfação que apresento o livro de Roseleuda Pontes, intitulado *Juventude e substâncias psicoativas: um estudo sobre ritos religiosos e vida comunitária*. A obra constitui esforço intelectual e acadêmico voltado para uma urgente questão na sociedade brasileira que atinge, atualmente, milhares de jovens. O consumo desenfreado de drogas tem levado a problemas delicados como: desajustes familiares, insegurança social, passando pelo comércio ilícito de tais substâncias e por políticas públicas sobre drogas no Brasil.

Em um quadro persistente de problemas, o estado vem se esforçando para dar sua contribuição no enfrentamento de tais questões. Neste sentido, o Poder Legislativo do Estado do Ceará não poderia se omitir, tampouco os mandatos assumidos por deputadas e deputados desta Casa Legislativa. Por isso, então, nosso irrestrito apoio à publicação do livro de Roseleuda Pontes, na esperança de que seu estudo venha contribuir para o conhecimento e o norteamo de ações que possam de algum modo, amparar nossos jovens e famílias diante de tais desafios.

Deputada Augusta Brito
Procuradora Especial da Mulher

PREFÁCIO

Sinto-me honrado por ter sido convidado pela autora, Roseleuda Pontes, para prefaciar este *Juventude e substâncias psicoativas: um estudo sobre ritos e vida comunitária*, que aborda dois temas que me são pessoalmente caros: a espiritualidade e as substâncias psicoativas e dentre estas os psicodélicos. A espiritualidade em sua expressão mais corriqueira, a religiosidade, é um dos mais intrigantes e antigos fenômenos humanos. Christopher Hitchens nos diz que, a religião faz parte da constituição humana. Também faz parte da nossa história cultural e intelectual. A religião foi nossa primeira tentativa de literatura, os textos, nossa primeira tentativa de cosmologia, dando sentido onde estamos no universo, nossa primeira tentativa de cuidar da saúde, acreditando na cura pela fé, nossa primeira tentativa de filosofia. Podemos encontrar as manifestações de religiosidade nos mais primitivos agrupamentos humanos. Os psicodélicos também têm seu uso envolto nas mesmas brumas do fenômeno humano. Múltiplos e bem-conceituados estudos propõem que a evolução humana em todos os seus matizes foi mediada, em maior ou menor escala, pela ingestão de substâncias psicodélicas presentes em algumas plantas e, facilmente, coletadas e ubiquamente localizadas, como cactos e cogumelos, que tornaram possível a construção progressiva da mente humana a partir do aparelho cerebral dos hominídeos. Juntos, esses dois elementos, acompanham o ser humano em sua jornada das cavernas às estrelas.

Esses mesmos elementos se tornaram sinônimos de poder e domínio e por milênios governaram os destinos da humanidade até o aparecimento do estado moderno que, aliado à ciência, substituiu a religiosidade e controla os psicodélicos. No entanto, a religiosidade sendo apenas uma vertente da espiritualidade, não a contém e por isso a substituição dessa não implica a eliminação daquela. Assim, a espiritualidade vestida com as roupas que lhe emprestaram Freud e Jung ressurgem nos círculos acadêmicos e nos consultórios da vanguarda vienense, amparada em sonhos e arquétipos. Os psicodélicos, por sua vez, ressurgem nos laboratórios europeus e americanos nos anos de 1950

e, rapidamente, pulam para dentro do coração acadêmico da nação mais poderosa do planeta na forma de LSD, com Timothy Leary, Stanislav Grof, Richard Alpert e outros como seus arautos mais inquietos e barulhentos. Mais uma vez a reunião de espiritualidade e psicodélicos desafia o *establishment*, se recusa a ir ao Vietnã, deixa crescer os cabelos e prega a paz e amor como modo de vida. O resto dessa história todos conhecemos e ainda hoje vivemos algumas consequências desse fenômeno histórico recente na forma das políticas públicas do controle de drogas, que começam a ser desafiadas.

O *establishment* reagiu ocupando as universidades, fechando os laboratórios e as religiões em todas as suas vertentes passaram a sofrer de inanição e crise de identidade, tornando-se uma caricatura do que foram. A tentativa frustrada da ciência, apesar de seus encantos e brinquedos, de substituir a espiritualidade, apenas aprofunda o vazio existencial que, feito um buraco negro, consome toneladas diárias de drogas legais e ilegais. No entanto, dos rincões esquecidos da floresta amazônica, ouve-se um grito ancestral que ecoa no vazio existencial humano, juntando novamente espiritualidade e psicodélicos. O fenômeno das religiões hoasqueiras surge com um vigor novo, se espalha pelo ambiente urbano brasileiro e, rapidamente, transpõe fronteiras e mares. Como se fosse uma novidade vê-se objeto de interesse de universidades, governos e empresas que querem mais uma vez tornar o inefável quantificável, o intangível alienável.

Assim, o ambiente urbano brasileiro se torna o espaço onde nascem e pululam os grupos que fazem uso da ayahuasca, que é o resultado da decocção de um cipó (*Banisteriopsis caapi*) e um arbusto (*Psychotria viridis*), inofensivo à saúde e que permite aos seus usuários a experiência transcendente da concentração mental em seu sentido mais profundo e luminoso.

Dentre esses grupos, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV), o maior em número de sócios e o mais organizado em sua estrutura espiritual e administrativa. Fundado em 22 de julho de 1961, pelo seringueiro José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, a UDV expandiu-se de sua base em Porto Ve-

lho para todo o Brasil e mais 10 países em quatro continentes. Conta, atualmente, com mais de 22 mil associados que frequentam suas sessões de modo regular duas vezes por mês, em seus 227 núcleos e distribuições autorizadas.

A UDV é organizada em departamentos ocupados por voluntários eleitos para mandatos de três anos e supervisionados por uma Diretoria Geral e um Mestre Geral, representante eleitos por igual período. Dentre os departamentos destacamos o Departamento Médico e Científico que tem como objetivo: promover pesquisas em colaboração com universidades e Centros interessados no estudo do chá Hoasca e o Departamento de Doutrinação e Orientação Espiritual responsável pela manutenção da integridade e divulgação da doutrina e ensinamentos de seu fundador, Mestre Gabriel. A UDV conta ainda com uma rede de entidades beneficentes coordenadas pela Casa da União, que visa apoiar e auxiliar seus associados e desenvolver trabalhos de apoio à comunidade. O Departamento de Plantio e Meio Ambiente da UDV é responsável pela adaptação e cultivo de plantas amazônicas e autóctones utilizando a mão de obra voluntária de seus sócios. Todos os departamentos estão integrados na ação comum de propiciar aos membros uma experiência espiritual holística, integrativa e significativa, propiciando a evolução do ser humano no sentido de seu desenvolvimento espiritual, moral e intelectual.

A pesquisa apresentada neste livro pela pesquisadora Roseleuda Pontes, analisa como adolescentes e jovens frequentadores dos núcleos localizados na Região Metropolitana de Fortaleza aplicam princípios e valores aprendidos na UDV, no enfrentamento do desafio de crescer e viver em um ambiente social desafiador e plural. Quão diferentes e quão iguais esses jovens pesquisados são dos outros jovens e quanto dessas diferenças podem ser atribuídas às suas vivências no mundo da Hoasca.

Este, certamente, é um trabalho de grande relevância que aponta possíveis caminhos estratégicos para uma sociedade que se encontra pressionados contra as cordas do ringue na luta contra as drogas.

De acordo com Viktor Frankl, o vazio existencial é a ausência de sentido na vida e tem como uma de suas causas a perda de conexão com as origens, cultura e tradições na qual fomos criados. O ambiente criado e oferecido pela UDV é composto de múltiplos elementos que giram em torno de seus rituais com o chá Hoasca, mas incluem também vivência comunitária ativa e inclusiva, onde os participantes de todas as idades encontram seu *locus* de atuação e importância dentro da organização social do grupo. Tudo isso acontece como parte do processo de evolução espiritual, o que dá sentido a cada tarefa e ação, preenchendo o vazio existencial com a busca contínua da evolução espiritual.

Juventude e substâncias psicoativas: um estudo sobre ritos e vida comunitária, é uma leitura intrigante que nos abre janelas de percepção para uma realidade conhecida, desafiando ideias pré-concebidas e mostrando a importância da espiritualidade como fator integrador na educação de jovens saudáveis.

Fortaleza, fevereiro de 2022.

Tadeo Feijão

PRÓLOGO

Este livro de Roseleuda Pontes trata de assunto relevante e contemporâneo, com acentuada importância para a saúde pública e para nossa juventude. O estudo é resultado de pesquisa de mestrado realizada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), no programa de pós-graduação em Sociologia, trabalho que tive a satisfação de acompanhar como supervisor.

Entre 2016 e 2018, Roseleuda participou do mestrado com visível motivação, tanto em aulas, seminários e congressos, quanto por ocasião das duas bancas examinadoras que enfrentou. Tivemos a oportunidade de publicar um artigo sobre o tema e ter seu estudo apresentado em eventos científicos no Brasil e em Portugal. Nossa parceria foi frutífera e madura, quando pude reconhecer seu animado engajamento nas atividades acadêmicas.

Publicado neste 2022, o livro é certamente atual e ilumina aspectos cruciais sobre o uso das substâncias psicoativas adotadas em contexto religioso. Esta é - por sinal -, a marca distintiva de seu estudo, particularmente para o que se passa no Ceará. Cabe lembrar que, originárias da região amazônica brasileira, as religiões hoasqueiras (UDV, Daime, Barquinha, dentre outras), se expandiram a partir dos anos de 1980, para diversos destinos no país e no exterior. Em território cearense, a União do Vegetal - entidade em que a pesquisa foi desenvolvida -, já se faz presente em algumas cidades e regiões, envolvendo uma parcela significativa de jovens.

O conteúdo central desta obra se expressa em uma indagação: Como jovens cearenses lidam com substâncias psicoativas as mais diversas quando, ao mesmo tempo, fazem uso de outra substância em um ritual religioso? A singularidade desta questão se relaciona diretamente ao consumo de drogas na sociedade brasileira e a políticas públicas do setor, em um complexo cenário de fatores sociais, jurídicos, políticos e sanitários. Porém, a investigação de Roseleuda Pontes agrega valor aos estudos atuais sobre juventude e substâncias psicoativas ao trazer a presença de uma religiosidade nativa, com incontornável

idiosincrasia. Sua pesquisa promove análise fecunda sobre a experiência de jovens com o uso ritualístico da *Ayahuasca*, dentro de uma orientação religiosa promotora de efeitos positivos.

O estudo levou a pesquisadora a contatos diretos com os jovens, em entrevistas e rodas de conversa, observações da vida comunitária e levantamento de robusta bibliografia sobre o tema. Deste modo, a autora traz dados, conceitos e relatos dos entrevistados, em uma narrativa sociológica significativa e original. Esta obra, certamente, acrescenta luz a um dos traços marcantes de nossa vida contemporânea e ao modo *sui generis* como estão relacionadas juventude, substâncias psicoativas e religiosidade.

Prof. Dr. João Tadeu de Andrade
Fevereiro de 2022

Este trabalho é dedicado às pessoas e instituições que desenvolvem ações concretas que auxiliam os jovens em sua busca de autodescoberta e autodesenvolvimento, abrindo-lhes as portas para modos de viver e ser mais ecológicos no caminho sagrado da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao amigo João Tadeu quando colocou diante de mim a possibilidade e o desafio de realizar estudos sobre a Hoasca.

Ao mestre representante e então Presidente do Departamento de Estudos Médicos (DEMEC) do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) Dr. Tadeu Feijão, por considerar relevante este estudo e apoiar sua realização no Núcleo Fortaleza, no Estado do Ceará.

A Comissão Científica do CEBUDV, por autorizar esta investigação.

Ao mestre representante Ozório Chaves Maia, a direção e demais sócios do Núcleo Fortaleza, que auxiliaram na logística da realização do trabalho de campo.

Aos mestres representantes de outros núcleos localizados na região metropolitana de Fortaleza que se dispusera a colaborar.

Aos jovens que se dispuseram a compartilhar suas experiências.

Aos meus pais e meu filho Breno, pela compreensão da necessidade de tempo e dedicação que precisava dedicar a esta pesquisa.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, órgão ao qual estou vinculada, por aprovar a licença para este estudo.

Agradeço especialmente ao meu orientador Prof. Dr. João Tadeu de Andrade, pela paciência e excelentes e imprescindíveis orientações ao longo destes dois anos.

A parceria com Patrick Wash que muito enriqueceu minhas reflexões sobre o tema da pesquisa.

As assistentes, Luana Monteiro, Luciana e Rafael Lessa, Isabele Alves, Isadora Alves e Branda Vasconcelos, que contribuíram na mobilização dos jovens, transcrição e tabulação de informações, e a Cristina Gomes pela revisão do texto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 -SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO.....	36
1.1 Origens e aspectos socioculturais de uso das substâncias psicoativas (spas).....	36
1.2 Sentidos e usos de substâncias psicoativas	41
1.3 O consumo de substâncias psicoativas no Brasil.....	48
1.4 As políticas públicas sobre drogas no brasil e o paradigma proibicionista	56
1.5 A regulamentação da hoasca como exemplo de um novo paradigma	61
CAPITULO 2: RELIGIÃO, SAÚDE E JUVENTUDE	70
2.1 Religião e prevenção ao abuso de substâncias psicoati- vas	76
2.2 Juventude e comportamento religioso	81
CAPÍTULO 3 OS JOVENS DO CEBUDV: PERFIL E PRÁTICAS	93
3.1 O centro espírita beneficente união do vegetal e os jo- vens	93
3.2 O CEBUDV no Ceará	96
3.3 Perfil Sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa no Nú- cleo Fortaleza (NF)	98
3.3.1 Perfil de afiliação religiosa	99
3.4 Práticas ritualísticas e experiência religiosa dos jovens	101
3.5 As práticas comunitárias	113

CAPÍTULO 4 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS COM SPAS.....	124
4.1 Modos, frequência e padrões de uso.....	124
4.2 Entendimentos dos jovens quanto ao uso das SPAS .	132
4.2.1 USAR SPAS SIGNIFICA SOFRIMENTO:	137
4.2.2 USAR SPAS SIGNIFICA IMPEDIR A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL	141
4.2.3 USAR SPAS SIGNIFICA FAZER ALGO ERRADO	143
4.3 Sentidos e significados sobre a hoasca	146
4.4 Diferenças entre as experiências com as spas e a hoasca	151
4.5 Sobre a discriminação da hoasca	154
4.6 Doutrina, ensinamentos e orientações do CEBUDV .	156
CONCLUSÃO.....	167
REFERÊNCIAS.....	171

INTRODUÇÃO

Este livro trata de uma pesquisa que foi concluída em 2016, e se volta para um assunto muito importante para a sociedade brasileira, no que tange a relação da juventude com o consumo de substâncias psicoativas. De 2016 pra cá, os problemas foram ampliados com o aumento populacional e a pandemia. Segundo o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), foi potencializado maiores riscos de dependência. O novo relatório de 2021 aponta que os mercados de drogas retomaram rapidamente as operações após a interrupção inicial no início da pandemia; uma explosão que desencadeou ou acelerou certas dinâmicas de tráfico pré-existentes em todo o mercado global de drogas. Também novos desdobramentos desencadearam a inovação e adaptação em serviços de prevenção e tratamento de drogas por meio de modelos mais flexíveis de prestação de serviços através da telemedicina, o que para os usuários de drogas aconselhamento ou avaliações iniciais por veículos de comunicação não presencial.

No Brasil, o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad), órgão superior permanente do Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas (SISNAD), passou por detalhamento das suas competências disposto pelo Decreto nº 9.926, de 19 de julho de 2019. Entre as competências do órgão está a de aprovar, reformular e acompanhar o Plano Nacional de Políticas sobre Drogas (PLANAD), além de deliberar sobre iniciativas do Governo Federal que visem a cumprir os objetivos da Política Nacional sobre Drogas (PNAD). Em 2020, Editou o Guia Metodológico para a elaboração do Plano Nacional de Políticas sobre Drogas 2021-2025, com o objetivo de estabelecer o método científico adotado para elaboração de políticas públicas, no qual as informações são sistematizadas nas etapas de diagnóstico, elaboração, monitoramento e avaliação. Neste sentido, espera-se que promova maior compreensão de uma das políticas públicas mais complexas e intersetoriais da Administração Pública Federal.

Em junho de 2021, foi consolidada a etapa do diagnóstico, com a edição do livro *Análise Executiva da Questão de Drogas no Brasil*¹. Trata-se de uma publicação inédita, que contém uma síntese dos normativos, compromissos e políticas públicas realizadas pelo Estado Brasileiro, bem como estudos e análises sobre os diversos problemas vinculados à questão das drogas no Brasil, incluindo suas causas e consequências. Em setembro do mesmo ano, o PLANAD foi disponibilizado para consulta pública, e desde então foram realizadas algumas audiências públicas, com vistas à participação da sociedade civil. Após a sua aprovação, o Plano de Execução terá a duração de 5(cinco) anos.

Quanto aos jovens e instituição alvos da pesquisa, de 2016 para cá, pude observar o aumento desta população e processos de adaptação em cursodo protagonismo jovem. Com a pandemia, a participação nas atividades ritualísticas e nas atividades comunitárias presenciais foi reduzida, o protagonismo jovem passou a acontecer online com diversas atividades.

Observei também que neste período, fortaleceuneles a autopercepção da importância da religião em suas vidas, a resistência foi sendo testada por diversas vezes ao lidar com momentos tão difíceis, situações estressantes e adversidades geradas pela pandemia, como o falecimento de pessoas queridas. Pelo período em torno de um ano(2020), os jovens beberam Hoasca pouquíssimas vezes porque os rituais estavam suspensos, mas o apoio social e os cuidados que os jovens compartilham uns com os outros, e com os adultos, continuou proporcionando a "liga" para a coesão social e o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

A obra analisa em uma perspectiva socioantropológica a experiência dos jovens que fazem o uso da substância psicoativa *Ayahuasca* em rituais religiosos no Centro Espírita Beneficente

1 Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/arquivo-manual-de-avaliacao-e-alienacao-de-bens/aeqdb_analise-executiva-da-da-questao-de-drogas-no-brasil_versao-final.pdf.

União do Vegetal (CEBUDV)², com vistas a examinar como eles lidam com o consumo de outras substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, consideradas "drogas" por uma parte da sociedade. O CEBUDV é conhecido como uma das principais religiões hoasqueiras, juntamente com o Santo Daime e a Barquinha, que se originaram no século passado, na região Norte do Brasil. Ela se diferencia de outros grupos religiosos por adotar em seus ritos espirituais uma bebida psicoativa de origem xamânica, usada também por diversas etnias indígenas da Amazônia. A *Ayahuasca*³ é produzida a partir da decocção do cipó *Mariri* (*Banisteriopsis caapi*), com folhas do arbusto *Chacrona* (*Psychotria viridis*). No cipó encontramos as *betacarbolinas*, que são *harmina*, *harmalina* e *tetrahidroharmina*, que inibem a *monoaminoxidase* (MAOs) do fígado e do intestino, abrindo espaço para a ação da *Dimetiltriptamina* (DMT), entrar na corrente sanguínea e chegar até o cérebro. Nas folhas de *Psychotria* encontramos a DMT como princípio ativo. Esta combinação age nos níveis de serotonina do cérebro, promovendo ampliação da consciência, aumento da capacidade de concentração, sentimentos e *insight* que transcendem ao que é percebido na vida cotidiana.

O interesse é compartilharmos no livro os resultados de uma pesquisa que surgiu a partir das atividades que venho desenvolvendo na condição de Consultora Técnica da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (ALECE), desde 1985. Dentre as minhas atribuições, insere-se a investigação de várias problemáticas sociais demandadas pela ação parlamentar. E o estudo de temas que envolvem a juventude aconteceu quando fui solicitada a conceber e coordenar a implantação de um programa voltado para a educação política da juventude, intitulado "O Jovem e o Parlamento" (REVISTA PLENÁRIA, ALECE, 1996), com alunos do Ensino Médio das Escolas Públicas da Região Metropolitana de Fortaleza. Em seguida, aconteceu outro programa

2 O nome completo da instituição é usado com essa sigla, porque existe outra denominação religiosa que também usa a sigla UDV, embora em trechos de entrevistas e citações sejam usados os termos UDV, União do Vegetal ou somente União.

3 *Ayahuasca* é um termo da língua *quéchua* conhecido e utilizado internacionalmente no campo científico. Para efeito do estudo adotamos o termo Hoasca ou Vegetal conforme utilizado no CEBUDV, instituição objeto do estudo.

chamado "Pacto pela Vida" (2011), organizado pelo Conselho de Altos Estudos e Assuntos Estratégicos da ALECE, sobre a problemática do uso de "drogas" lícitas e ilícitas que teve como resultado a elaboração do Plano de Ações Integradas de Enfrentamento às Drogas.

Por se tratar de uma problemática complexa que envolve uma série de questões sociais (desestruturação familiar e social, descontinuidade escolar, problemas de saúde e violência, tráfico de drogas, jovens em conflito com a lei e etc.), percebi a necessidade de ampliar as investigações e constatei comoé relevante a realização de pesquisas nesta área, haja vista, que o suporte científico é fundamental para o enfrentamento de tal problemática.

De início, averigui que os cenários das drogas têm atraído grande atenção e hoje o tema é considerado um problema de Saúde Pública. Por conta do avanço acelerado da utilização do *Crack*, o Governo Federal aportou investimentos da ordem de R\$ 4 bilhões até 2014 só para o Plano de Enfrentamento ao *Crack*(SENAD, 2022). Embora não tenhamos ainda notícias da avaliação oficial deste programa, parece que a maior parte dos investimentos foi voltada quase que exclusivamente para as estratégias de tratamento. Já as ações voltadas para a prevenção acabam tornando-se insuficientes, resumindo-se a palestras educativas no âmbito escolar, e capacitações para educadores de escolas públicas, conselheiros e lideranças comunitárias, realizadas pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), órgão do Ministério da Justiça em parceria com o Ministério da Educação (OBID, 2013).

Durante o mesmo ano de 2011,em que aconteceram as discussões do "Pacto pela Vida", fui convidada a organizar uma sessão solene na ALECE, em que se comemorou o cinquentenário de fundação do CEBUDV. Esta data também representou um marco legal na história desta instituição. Embora realizando seus trabalhos de modo discreto, oCEBUDV decidiu se mostrar institucionalmente para a sociedade, realizando sessões comemorativas nos poderes legislativos de vários Estados, municí-

pios e na Câmara Federal, com a presença de autoridades dos três poderes da República Brasileira.

É importante destacar, que desde o início dos anos de 1980, o CEBUDV juntamente com as outras religiões hoasqueiras foram alvo de discriminação e repressão. Por um período as autoridades adotaram uma abordagem proibicionista com relação ao uso do chá Hoasca, considerando uma série de estigmas produzidos, principalmente, pela mídia sensacionalista, referindo-se à bebida como 'droga', 'tóxico' ou 'entorpecente' (FERNANDES, 2012). Após um longo processo de estudos científicos e diálogos com as religiões hoasqueiras e instituições de governo, durante o período dos anos de 1980 a 2000, o uso do chá Hoasca foi legalizado em 2005 quando o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), órgão ligado ao Gabinete de Segurança Institucional, realinhou a Política Nacional Antidrogas até então vigente, e incluiu o reconhecimento e a legitimidade do uso religioso da Hoasca. Em novembro de 2006, o CONAD aprovou os "princípios deontológicos"⁴ para este uso da bebida, e em 2010 finalmente o uso religioso da Hoasca no Brasil foi regulamentado pela Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010.

Dessa forma, a Hoasca esteve presente no cenário das Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil. E o estudo das religiões hoasqueiras esteve relacionado ao debate mais geral sobre o consumo de "drogas" em nossa sociedade. Além disso, todas as discussões que fizeram parte do processo de legitimação geraram importantes reflexões sobre os modos atuais de se pensar e tratar a questão do consumo de substâncias alteradoras da percepção⁵. Tais observações vieram ao encontro de meu interesse no estudo da problemática das "drogas".

4 O termo Deontologia foi criado no ano de 1834, pelo filósofo inglês Jeremy Bentham, para falar sobre o ramo da ética em que o objeto de estudo é o fundamento do dever e das normas. A deontologia é ainda conhecida como "Teoria do Dever". Neste contexto, refere-se aos deveres e normas de uso do chá Hoasca pelas sociedades religiosas.

50 Sobre a regulamentação de uso de substância psicoativa para uso religioso, ver o artigo de Andréa Reginato publicado na Revista Tomo, do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências sociais da Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/sociologia/publicacoes.php>.

No itinerário do referido estudo utilizoo termo "psicoativo", ou substâncias psicoativas (SPAs), por designar de forma ampla as substâncias que modificam o estado de consciência, humor e/ou sentimentos. Segundo Antônio Nery Filho (2009), a Organização Mundial de Saúde (OMS), propôs substituir o termo droga, geralmente com sentido depreciativo, pelo termo psicoativo englobando toda substância, natural ou sintética, que, ao ser consumida, atua sobre o sistema nervoso central, modificando de algum modo o psiquismo humano, seja deprimindo, estimulando ou perturbando; provocando mudanças no estado de consciência e no senso de percepção do usuário.

Além disso, quando o termo droga é aplicado genericamente no contexto, referimos tanto aquelas que são classificadas como "drogas" lícitas quanto ilícitas pela sociedade contemporânea. Vale salientar que segundo Chaibub (2009a), as classificações legais não se fundamentam no exame da verdadeira essência da substância, são (classificações) arbitrárias e correspondem a construções culturais que se afirmam, politicamente, deslocando pontos de vista alternativos. Se a base classificatória para a separação entre as substâncias proibidas e toleradas fosse o seu potencial destrutivo, poderíamos utilizar o princípio de Paracelso de que qualquer substância pode ser um remédio ou um veneno, o que é uma questão de dose; como também uma questão de contexto. Há de se considerar as particularidades de cada pessoa que usa tais substâncias e em que contexto social isto é feito, haja vista que o contexto social pode modelar o comportamento individual e o próprio efeito psicoativo. Nestes termos, as fronteiras entre o lícito e ilícito não são definidas a partir da análise do potencial destrutivo dos psicoativos, e sim, a partir de interesses políticos e econômicos diversos. Isso explica, em grande medida, porque se convive hoje no Brasil e no mundo com tragédias provocadas pelo alcoolismo e pelo tabagismo.

No capítulo em que trato as Políticas Públicas sobre Drogas, abordo a classificação em que a substância Hoasca está inserida e o tratamento ímpar dado pelo governo brasileiro no sentido de regulamentação do uso ritualístico dessa substância.

O fato é que até hoje as religiões hoasqueiras estão presentes no imaginário coletivo como "seitas exóticas". Nos anos de 1960, período caracterizado no Brasil pela ditadura militar que promoveu o cerceamento dos direitos políticos e de expressão das mais diversas formas, evidenciou-se um fenômeno do aumento de adeptos em várias religiões, como as pentecostais. Deste modo, o crescimento das religiões hoasqueiras se insere num movimento mais amplo, com expansão intensa a partir de 1980, atraindo adeptos em todas as regiões do Brasil. Somam-se a estes fatores o movimento da nova consciência religiosa, definido por Luís Eduardo Soares (1994) como, um tipo de experimentalismo cultural e religioso, um '*revival*' do interesse intelectual, político e existencial pelas 'terapias, disciplinas esotéricas ou práticas alternativas' por camadas médias intelectualizadas das grandes metrópoles urbanas. Outros autores (GOULART, 2004; MACRAE, 1992; SOARES, 1994), observaram que a expansão do interesse por experiências religiosas está relacionada a uma crítica cultural da modernidade, ao aumento das contradições da vida moderna e dos princípios que a fundam.

O CEBUDV foi criado na Floresta Amazônica por José Gabriel da Costa, Mestre Gabriel, em 22 de julho de 1961, em companhia de sua esposa, filhos e mais algumas poucas pessoas. Em 1965, eles mudaram para Porto Velho (RO), cidade na qual foi instalada a Sede Geral do Centro Espírita. A partir de então a religião cresceu e Mestre Gabriel organizou os graus hierárquicos, a doutrina, o corpo de ensinamentos e os estatutos e preparou Quadro de Mestres do CEBUDV. Após seu desencarnamento em 1971, os Mestres da origem, ou seja, os Mestres formados pelo Mestre Gabriel, fundador do CEBUDV, deram continuidade ao trabalho.

Diante disso, foram surgindo núcleos em todo o Brasil, e em 1982 a Sede Geral foi transferida para Brasília (DF) e o movimento de crescimento continuou no Brasil e no exterior. Em 2016, já existiam 212 Núcleos, localizados em todos os estados brasileiros e em nove países: Estados Unidos, Canadá, Portugal, Espanha, Suíça, Holanda, Austrália, Itália e Peru. São mais de 18 mil sócios e cerca de 6 mil jovens e crianças filhos de sócios, perfazendo mais de 24 mil pessoas.

Trata-se de uma religião monoteísta que tem como base as revelações trazidas pelo Mestre Gabriel (José Gabriel da Costa), que estão em sintonia com o Judaísmo e o Cristianismo e vão além, revelando aspectos da realidade espiritual e restabelecendo o princípio da reencarnação. O conjunto doutrinário do CEBUDV é formado por ensinamentos, chamados (cânticos), histórias e explicações orientadas para a busca da evolução espiritual. A entidade possui uma originalidade ritualística em que agrega a música como instrumento de doutrinação e o uso da Hoasca para facilitar a concentração mental. Tem características de uma escola iniciática onde os ensinamentos são passados de acordo com os graus espirituais que estão estabelecidos numa hierarquia. Os discípulos são estimulados a desenvolver o seu grau para ter acesso a novos patamares de conhecimento espiritual. Todos têm direito à palavra e a fazer perguntas, enquanto a transmissão dos preceitos (doutrinas, ensinamentos e orientação), somente os mestres e conselheiros podem fazê-lo.

As pessoas que buscam o CEBUDV, são de condição socioeconômica e educacional diversa, residem principalmente nas áreas urbanas das principais capitais brasileiras. Observa-se a presença de famílias em até três gerações – pais, filhos e netos -, com a participação de crianças e jovens nos rituais. São provenientes de uma grande diversificação cultural que inclui, desde aqueles considerados "tradicionalistas", no que dizem respeito à adoção dos costumes convencionais da sociedade, àqueles que adotam valores remanescentes da contracultura, grupo específico que explanamos os perfis no capítulo 3.

Talvez, eu esteja inserida neste último segmento. Procurei o CEBUDV, em busca de autoconhecimento e de "experiência religiosa" que pudesse considerar significativa, através de um estado ampliado de consciência; objetivo que vinha buscando através da prática de meditação. De uma perspectiva pessoal, as experiências foram muito significativas, mas não cabe aqui relatar.

Sou frequentadora desta instituição. Observo hoje que ao longo do tempo, a minha vivência na CEBUDV teve como foco as experiências religiosas pessoais. Tive poucas aproximações

com os temas que envolviam a instituição. Até que, mobilizada pelas questões relacionadas com a juventude e o abuso das "drogas", como citei antes, o meu olhar direcionou-se aos estudos científicos que tem a instituição como objeto de investigação, e para os jovens que participam do CEBUDV. Sendo filiada à instituição, assumo a dupla condição de nativa e de pesquisadora. Este duplo engajamento é próprio dos que conduzem pesquisas empíricas, de natureza etnográfica, como se pode verificar na reflexão de Geertz (1978), sendo parte das realidades investigadas. Assim, assumo esta condição durante o percurso deste estudo, tendo procurado manter a reflexão crítica sobre esta situação metodológica, de modo a evitar viés.

Parece evidente que o contato dos jovens, em geral, nesta etapa da vida com as "drogas", seja quase inevitável. Por se tratar de uma fase de intensa transformação psicossocial, os jovens se deparam com distintas experiências, instituições e escolhas. Eles estão mais abertos às macros e múltiplas influências de uma sociedade consumista, que os conduz a se identificarem com diversos grupos, estilos de vida e com valores questionáveis, como a competição, o individualismo e ceticismo exacerbado.

Meu olhar adquiriu características investigativas e várias perguntas emergiram em minhas reflexões: o CEBUDV, enquanto proposta de prática religiosa atua como fator de proteção aos jovens que dele participam? Ao consumirem uma substância psicoativa num contexto ritualístico e considerá-la um sacramento, estes jovens estão mais expostos ou não ao uso de outras substâncias? Eles sabem fazer o uso controlado de drogas ou não? Como lidam com essas questões, considerando que eles estão inseridos num contexto de macro influências? A perspectiva do controle social do uso da Hoasca estimula ou inibe o consumo de outras substâncias? O desvelamento da experiência particular dos jovens do CEBUDV pode fazer emergir elementos para uma maior compreensão da relação dos jovens com as drogas na atualidade? A partir de tais questionamentos elaborei o anteprojeto apresentado ao Mestrado Acadêmico de Políticas Públicas e Sociedade (MAPPS) no ano de 2014.

A escolha dos jovens doCEBUDV para o trabalho de campo deu-se por dois motivos: primeiro, o nível de organização deste grupo no que diz respeito ao acompanhamento das atividades com os jovens. O segundo motivo resulta do fato de eu ser filiada à **instituição** e conhecer a religiosidade udevista no estado do Ceará. Tive que seguir todos os trâmites institucionais exigidos para a realização desta pesquisa (o projeto foi enviado e aprovado pela Comissão Científica doCEBUDV), sendo o resultado favorável, haja vista a confluência de dois fatores: por tratar-se de uma investigação inédita no estado do Ceará e pelo interesse da instituição em conhecer com maior profundidade as experiências dos jovens hoasqueiros. Além disso, a inserção no campo, o acesso e a coleta de informações e a realização de entrevistas foram facilitadas. Acrescento que mesmo mantendo uma dupla perspectiva – pesquisadora e filiada – no trabalho de campo, o distanciamento do grupo de jovens foi evidenciado, haja vista a inexistência de qualquer tipo de envolvimento com eles em atividades no passado e no presente. Somando-se a essa condição, o distanciamento geracional se impôs.

Na etapa de sondagem inicial tive dificuldades de encontrar jovens que tivessem interesse em conversar sobre o tema da pesquisa. Este também foi um dos motivos pela escolha da aplicação de questionários na primeira etapa da pesquisa. Em seguida, com o maior entendimento dos objetivos do estudo, as adesões à participação **se ampliaram** nas etapas seguintes. Isto me levou a ter de limitar as participações por não contar com tempo e equipe de pesquisa apropriada para trabalhar com grande volume de informações.

Em busca do aprofundamento das questões presentes neste estudo, realizei uma extensa pesquisa bibliográfica, sobre a influência da religião/espiritualidade na promoção da saúde, partindo de diferentes perspectivas, como os estudos nas áreas médicas, psicológicas e antropológicas (MOREIRA *et al.* 2006; RIBEIRO; MINAYO, 2014). Também acessei uma importante literatura que examina os principais estudos científicos que tratam do papel da religiosidade no tratamento e na prevenção do consumo de drogas (DALGALARRONDO, 2007; SANCHEZ; NAPPO, 2007). Alguns resultados apontados por essa

literatura indicam um importante efeito da afiliação religiosa e de diferentes dimensões da religiosidade associadas à modulação do uso de álcool e de drogas em adolescentes e jovens. Na relação religião e juventude,revi os estudos deNovaes (2004) que considera importante este recorte, ao classificar a religião como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade de experiências da juventude brasileira.

Acessei, também, uma bibliografia já existente sobre o estudo das religiões hoasqueiras, tratada em perspectiva multidisciplinar. Os temas envolvidos têm mobilizado o interesse de pesquisadores de áreas como antropologia, psicologia, filosofia, medicina, farmacologia, psiquiatria, estudos da religião entre outros. Algumas destas pesquisas têm evidenciado que o modelo de consumo ritual da Hoasca, atua como reestruturador em relação ao desequilíbrio pessoal, familiar e social de seus usuários, provocado por diversas situações da vida, inclusive pelo uso de SPAs ilícitas e ilícitas, a exemplo dos trabalhos de Cemin (2000), Labigalini Jr.(1998), Ricciardi(2008), Bruno Ramos Gomes (2011), Fernandes(2011) e Luz (2015). Para Edward Macrae(1992), Grob *et al.*, (2002) e Mckenna (1992, 2004) o uso ritual da Hoasca tende a reforçar os mecanismos estruturadores e a coesão hierárquica da sociedade, visto que os rituais religiosos produzem efeitos estruturantes; a participação regular nestes rituais expressa valorização da autodisciplina, possibilitando aos adeptos direcionarem suas vidas e tornarem-se mais eficazes nas atividades do dia a dia.

Pude observar pela literatura levantada, que tanto em estudos com contornos mais qualitativos e etnográficos (CEMIN, 2000; LABIGALINI, 1998; RICCIARDI, 2008; SOUZA, 2010; GOMES, 2011, FERNANDES, 2011; MIZUMOTO, 2012; RIBEIRO & MINAYO, 2013; LUZ, 2015)quanto naqueles de traços mais quantitativos e epidemiológicos (DALGALARRONDO, 2007;SANCHEZ & NAPPO, 2007), a dimensão da religiosidade/espiritualidade é levada em conta de inúmeros modos. Ambas as vertentes de pesquisa tendem a enfocar mais o papel da religiosidade para a prevenção primária do consumo, como também no tratamento do abuso e dependência de SPAs.

Dando continuidade ao itinerário da pesquisa, acrescentei os conhecimentos adquiridos nas disciplinas do MAPPS. Aprofundei a compreensão sobre a perspectiva antropológica e sociológica do estudo da religião e sua relação com saúde e juventude; como também pude ampliar a capacidade de análise da Política Pública sobre Drogas. Recebi ricas sugestões dos professores que ministraram as disciplinas: Teorias Sociológicas I e II, Políticas Públicas e Seminário de Dissertação, inclusive sobre a necessidade de desenvolver uma metodologia eficaz de inserção no campo, para ultrapassar as distâncias geracionais e o aspecto coercitivo que pode estar presente na percepção dos jovens para discutir a temática das "drogas".

A oportunidade de apresentar um trabalho na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 2014, favoreceu uma aproximação com pesquisadores expoentes na área de "drogas", da Hoasca e da religião, além de contatos com estudantes que estão desenvolvendo pesquisas em temáticas semelhantes, recebendo algumas sugestões de valiosas investigações. Na Semana Universitária da UECE, em 2014, observei o interesse pelo tema entre os participantes do evento. Também na UECE, através do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade (GEPE), participei do seminário *Usos de SPAs: Aspectos Antropológicos e Políticos*, em 2014. Por último, a elaboração do trabalho "Jovens hoasqueiros no Ceará, Nordeste do Brasil: práticas religiosas na União do Vegetal e a relação com as substâncias psicoativas". O texto foi apresentado no grupo de trabalho sobre uso e abuso de drogas: mercados, consumos e consequências, no XII Congresso Luso-afro-brasileiro realizado em Lisboa, em 2015, o que agregou elementos ao amadurecimento da pesquisa, juntamente com as frequentes orientações e empenho do orientador em aprofundar o conhecimento dos temas que envolvem esta pesquisa. A seguir apresento as questões que nortearam o referido estudo, como também hipóteses de investigação e objetivos principais.

Considerando a presença de fatores socioantropológicos (integração social/comunitária, vínculos familiares, orientação religiosa e uso ritual de substância psicoativa), verificados

em diversos estudos (CEMIN, 2000; LABIGALINI JR.,1998; RICCIARDI, 2008; GOES, 2011; FERNANDES, 2011; MACRAE,1992; LUZ, 2015), a investigação fundamenta-se na seguinte questão:

Como os jovens do CEBUDV, participantes ativos de práticas religiosas e comunitárias, lidam com a questão do uso de substâncias psicoativas na atualidade?

Questões Complementares:

- De que forma o uso ritual da *ayahuasca* e as práticas do CEBUDV vivenciada pelos jovens influenciam no desenvolvimento de uma conduta de convívio em relação ao uso de substâncias psicoativas?
- Quais os valores e regras de conduta, prescritos pelo CEBUDV influenciam os jovens a manterem uma vida estruturada em termos afetivos, familiares e sociais nas atividades cotidianas?
- Quais contribuições o caso particular com jovens do CEBUDV podem ser consideradas para uma maior compreensão da relação dos jovens com as substâncias psicoativas?

O pressuposto desta investigação é de que na condição de participantes do CEBUDV, os jovens desenvolvem uma conduta diferenciada em relação às SPAs, caracterizada pela orientação espiritual e por valores éticos estruturantes, cujos principais fundamentos são a experiência ritual e o convívio comunitário. Esta diretriz considera a experiência religiosa dos jovens, ocorrendo em três dimensões centrais: o uso ritualístico do chá Hoasca, a recepção às orientações doutrinárias e a participação na vida comunitária. Ao vivenciarem os rituais religiosos, eles têm a oportunidade de beber o chá Hoasca, cujos efeitos promovem a ampliação do estado de consciência, podendo auxiliar na concentração mental, tornando mais perceptível os próprios pensamentos e sentimentos. No ritual, os jovens podem perguntar sobre os ensinamentos e orientações doutrinárias. Os Mestres do CEBUDV, responsáveis pelo acompanhamento espiritual dos discípulos, solicitam que suas palavras sejam examinadas, estimulam a todos se colocarem no lugar de aprendizes, e a sem-

pre questionarem suas certezas: "será que estou certo?" Eles também enfatizam que o ser humano é livre para fazer suas escolhas, ou seja, "o plantio você escolhe, já a colheita você terá o que plantou". Nesta perspectiva, os jovens são convidados à aquisição de habilidades que promovem a educação da atenção (INGOLD, 2010) com o propósito de "clarear a consciência" à luz da Hoasca, e fazer escolhas de experiências que possam ser significativas para a vida (LUZ, 2015).

O pertencimento comunitário é tecido a partir das frequentes atividades coletivas e culturais que fazem parte do engajamento dos jovens com a "obra do Mestre". Tais atividades aproximam as pessoas que constroem e fortalecem os laços de amizade e de apoio social. Neste contexto, os jovens são engajados na vida comunitária, tanto para dentro do CEBUDV, como para a comunidade que circunda o Núcleo (vizinhos e população carente). Neste contexto, solicita-se a prática da convivência social, através do relacionamento fraterno, pela compreensão de que todos são irmãos espirituais. O sentimento de pertença anima os trabalhos comunitários, onde os jovens se integram e são protagonistas em diversas atividades. "Estas atividades incentivam um devir característico das experiências da 'religião do sentir': incentivo das emoções positivas e da construção da pessoa pelo 'efeito espelho' do guia espiritual Mestre Gabriel" (LUZ, 2015).

Outros elementos, entretanto, podem estar presentes no convívio comunitário, gerando diferentes influências e contrastes na conduta dos jovens, tais como: advertências, afastamentos e saída voluntária dos jovens e de seus amigos; não aceitação da doutrina por parte de alguns; pouca participação de jovens nas atividades comunitárias; a forma como o poder é exercido por alguns dirigentes, deixando visível aos jovens a incongruência entre suas pregações e suas práticas. Além disso, a pouca valorização e/ou inexistência de espaços para o exercício do protagonismo jovem, o exagero de restrições e normas, o aumento do número de sócios, o excesso de atividades administrativas dos dirigentes podem gerar distanciamento, falta de acompanhamento e de condição da direção em dar atenção às demandas dos jovens. Por fim, as formas de se estabelecer

relações com aqueles jovens que possam estar envolvidos com alguma SPA, podem ser fatores restritivos ao engajamento dos jovens nessa comunidade espiritual.

Com o enfoque socioantropológico, surgiu o interesse na dimensão intersubjetiva da experiência dos jovens hoasqueiros. A partir de uma perspectiva fenomenológica, investiguei os sentidos das experiências religiosas, tal como são efetivamente vividas pelos jovens do CEBUDV, o que inclui tanto as vivências rituais, quanto as práticas comunitárias. Identifiquei núcleos de sentidos comuns, analisando se existia associação entre tais significados, os valores básicos e os níveis de apoio social com a conduta dos jovens no que diz respeito ao uso de "drogas".

Deste modo, trabalho com o referencial teórico da fenomenologia cultural a partir do pensamento de Thomas Csordas (2008) e de outros autores (RABELO, SOUZA e ALVES, 2012; ANDRADE, 2014; SPICKARD, 2014), para compreender os dados qualitativos (resultantes de grupos focais e de entrevistas, principalmente). Csordas utiliza a categoria "experiência vivida" e a considera fundamental, pois

É concreta, material, incorporada, e não abstrata, interior ou mentalística. É imediata tanto no sentido de sua concretude, sua abertura subjetiva, a sua irrupção para a realidade sensorial, emocional, intersubjetiva do aqui e agora, e no sentido em que é um jorrar de experiência crua que é não mediada, não premeditada, espontânea ou não ensaiada. (CSORDAS *apud* SPICKARD, 2014, p. 290).

Portanto, a análise das informações qualitativas na pesquisa empírica tem o foco na interpretação dos significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das descrições e narrativas desses sujeitos. Nesta perspectiva:

A percepção sensorial empírica acionada pelos sujeitos, em situações concretas na vida diária, é o fundamento da atitude pré-reflexiva dos seres humanos, a chamada atitude natural. Esta constitui a fonte principal da pesquisa fenomenológica, se presentifica, por exemplo, no modo como as pessoas experimentam a temporalidade, o movimento, a corporeidade, o espaço físico, os objetos. Todavia, a subjetividade em jogo não é vista apenas como atributo de indivíduos isolados, mas ela emerge de relacionamentos intersubjetivos. (ANDRADE, 2014, p.103)

Assim, conforme a orientação metodológica busquei captar os significados atribuídos pelos jovens aos ritos religiosos e às práticas comunitárias, considerando as relações intersubjetivas envolvendo jovens, filiados do CEBUDV, dirigentes e familiares, nos aspectos definidos nos objetivos deste estudo.

De outro lado, o método quantitativo foi utilizado para aplicação de questionários visando à elaboração do perfil socio-demográfico e de afiliação religiosa dos sujeitos da pesquisa, tendo sido a primeira sondagem sobre o tema da pesquisa, seguindo-se de outros dois questionários para aprofundamento. Assim, foram três questionários aplicados voltados para a população-alvo da pesquisa. Com o método qualitativo foi possível levantar os conteúdos das experiências dos sujeitos realizando dois grupos focais e dez entrevistas individuais. Tanto o grupo focal quanto a entrevista foram escolhidos como estratégias adequadas aos propósitos do trabalho de campo, tendo longa aplicação nas Ciências Sociais (ALVES e SANTOS, 2014).

A pesquisa documental e bibliográfica contou com as seguintes tarefas: identificação, coleta e análise de material documental e bibliográfico (em português, inglês e espanhol), tais como: políticas públicas sobre juventude e antidrogas; pesquisas epidemiológicas e populacionais relativas ao uso de substâncias psicoativas; literatura especializada sobre temas rela-

cionados às sociedades *hoasqueiras*, à religião e à juventude; sítios na Internet como *Lylacs*, *Mendline*, *Google* acadêmico, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos da CAPS, que abordam a educação preventiva ao uso de "drogas", particularmente no Ceará, dentre outros temas relevantes. Material de produção do Departamento de Memória e Documentação (DMD) do CEBUDV.

No primeiro capítulo do livro, trato das origens e aspectos socioculturais de uso das SPAs, e dos sentidos e características dessas substâncias. Trago alguns dados sobre consumo e políticas públicas sobre drogas no Brasil, contextualizando as discussões acerca do tratamento dado as SPAs e a Hoasca e o itinerário de regulamentação como exemplo de um novo paradigma, para além do modelo proibicionista.

As categorias, religião, religiosidade e espiritualidade, são conceituadas no segundo capítulo, relacionando estas com saúde e juventude, tendo como foco principal a influência da religião na prevenção ao abuso de substâncias psicoativas, com algumas considerações sobre o lugar que a experiência religiosa ocupa na vida dos jovens na atualidade.

No terceiro capítulo, explano os resultados da pesquisa de campo em diversos aspectos, analisando informações quantitativas e qualitativas, conforme os objetivos do estudo para em seguida chegar às considerações finais desta investigação.

CAPÍTULO 1 -SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Contextualizar a Hoasca no cenário das Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil, iniciando pelas origens e aspectos socioculturais de uso das SPAs e os sentidos desses usos, traz uma breve discussão sobre o consumo de algumas substâncias e a institucionalização das Políticas Públicas sobre Drogas no Brasil, apresentando o processo de legitimação da Hoasca, e o tratamento dado no itinerário de regulamentação entendido como um exemplo de um novo paradigma nas que vão além do proibicionismo.

1.1 Origens e aspectos socioculturais de uso das substâncias psicoativas (SPAs)

As SPAs conhecidas popularmente como "drogas", referem-se a determinados tipos de substâncias que ao serem consumidas pelo ser humano tendem a alterar os estados de consciência, o humor, o comportamento e as sensações. É importante fazer uma ressalva que a terminologia "drogas", comumente utilizada pelos meios de comunicação, em especial os sensacionalistas, não é aceita e não é reconhecida por parte de indivíduos e grupos que se utilizam de SPAs, como veículo de comunicação com o sagrado. Estas substâncias estão presentes na vida coletiva cotidiana de muitos grupos de diferentes culturas e têm contribuído para o avanço da compreensão do psiquismo humano, influenciando condutas religiosas e impulsionado a neurociência para a compreensão do funcionamento do cérebro e os diferentes estados de consciência.

Não é possível precisar ao certo, quando o ser humano iniciou o uso de substâncias psicoativas. Desde tempos imemoriais, à medida que foi desenvolvendo o conhecimento e manipulação de várias espécies vegetais, foram identificadas plantas que produzem efeitos psicoativos, ou seja, que provocam mudanças no estado de consciência e no senso de percepção de quem as usa.

Segundo McKenna (1995), a experimentação e a utilização de plantas com propriedades psicoativas são anteriores ao advento da história escrita. Como já foi amplamente descrito num rico acervo de trabalhos científicos e obras literárias produzidas por viajantes, botânicos, antropólogos, etnobotânicos, sobre diversas sociedades humanas, constata-se a presença desse fenômeno em diferentes momentos da humanidade, que vai da pré-história ao mundo contemporâneo (MCKENNA,1995).

Ao longo da história, o uso de tais substâncias adquiriram utilidades e significações diversas, conforme os contextos socioculturais e históricos em que estavam inseridas. O ópio, por exemplo, foi usado pela população egípcia, grega e romana, como analgésico e calmante, foi mencionado por Homero na Odisséia, como algo que faz "esquecer qualquer sofrimento". Entre os sumérios e também na Babilônia e Mesopotâmia (cerca de 3.000 anos AC.), relacionava-se com a alegria e o divertimento (ESCOHOTADO, 1994). A maconha (*Canabis sativa*), nativa da Ásia Central, com referência de uso há 4.000 anos AC. na China, espalhou-se pela África e foi levada às Américas pelos africanos. Era utilizado para estimular a mente, aumentar a longevidade, intensificar os desejos sexuais, e, posteriormente, foi usada como droga religiosa entre os budistas. O tabaco (*Nicotiana Tabacum*) encontrado nas Américas, há 1.000 anos, era fumado ou bebido em cerimônias pelos índios e espalhou-se pelo mundo. A coca (*Eritroxylon coca*) também encontrada nas Américas há cerca de 1.500 anos era considerada pelos Incas como "presente do Deus Sol". Foram encontrados registros sobre o álcool em tábuas de escritura cuneiforme da Mesopotâmia por volta de 2.200 anos AC. O álcool produzido a partir de fruta ou cereal fermentado, inicialmente, foi usado na produção de medicamentos. Com a descoberta do processo de fermentação, em 800 DC, o uso se ampliou (SIEBEL & TOSCANO JR.,2001).

Segundo Siebel & Toscano Jr.(2001), entre as etnias americanas, algumas substâncias eram consideradas "visionárias ou psicodélicas", como o *teonanacat*, "o cogumelo maravilhoso"; o *Peyote*, "cacto das visões luminosas"; a *Ayahuasca*, "bebida das viagens prodigiosas"; Jurema, "a bebida sagrada" da

caatinga brasileira, a *Datura*, "aliada dos xamãs". E, para surpresa dos etnobotânicos, em estudo de identificação e catalogação das plantas, encontraram nas Américas aproximadamente 100 espécies de plantas com princípios psicoativos, enquanto na Europa e Ásia, juntas, encontraram em torno de 10 espécies.

Nas sociedades tradicionais, estudo do historiador Mircea Eliade sobre o xamanismo siberiano e sul-americano, descreveu "as técnicas arcaicas de êxtase" (ELIADE, 1998). Ele observou que as plantas com efeitos psicoativos eram utilizadas para promover o êxtase ou transe, que corresponde à modificação nos estados de consciência, que permite o acesso a informações, mensagens alcançáveis pelos níveis usuais de consciência. De acordo com Langdon (1996) os xamãs são reconhecidos como figuras exóticas, que podem entrar em êxtase e realizar viagens místicas, visto que o xamanismo também está associado às religiões animistas e a magia.

Em artigo sobre os xamãs e o xamanismo, Stanley Krippner (2007), considera relevante o levantamento de uma amostra de 488 sociedades extraídas de um atlas etnográfico por Érica Bourguignon. Ela verificou que 437, ou seja, 89% dessas sociedades apresentavam práticas indutivas de estados ampliados de consciência, culturalmente adaptados – aceitas e desejadas – e institucionalizadas, em sua maior parte ocorrendo em contexto ritualístico religioso. Para Santos (2007), tais estados eram a base para a representação das forças sagradas, pois forneciam os meios necessários de ruptura ritualística com a realidade ordinária, para que outros padrões do sobrenatural possam manifestar-se.

Embora o xamanismo seja considerado pela literatura antropológica um fenômeno poliforme, com variadas formas de expressão, envolvendo dinâmicas socioculturais complexas ao longo do tempo e espaço, algumas características foram mapeadas (ELIADE, 1975; PETERS, L., PRICE-WILLIAMS, 1980; 1983; WINKELMAN, 1992; 2000 apud KRIPPNER, 2007).

Em estudos comparativos de 42 sociedades de quatro áreas culturais diferentes, segundo as referências acima indicadas, foram identificados três elementos comuns presentes nos

estados ampliados de consciência: controle voluntário do início e da duração da experiência; habilidade de se comunicar com os outros durante a experiência; e memória da experiência depois que termina. Ao desenvolver a capacidade de viajar no mundo espiritual, o xamã realiza seu "voo mágico" - para visitar espíritos ancestrais e animais de poder, ir ao passado ou ao futuro, diagnosticar e curar doenças, explorar e conhecer melhor o ambiente, a fauna e a flora, para ajudar na caça – mantendo-se ator de suas performances. No papel de líder espiritual, guardião e protetor, trabalha na defesa da integridade psíquica de sua comunidade - combate os demônios, as doenças e a magia negra; defende a vida em oposição à morte, a saúde ao invés da doença, a fertilidade e se opõe à esterilidade e aos desastres. Busca conduzir os membros para o "mundo da luz" mostrando através de suas visões, o itinerário de saída do "mundo da escuridão". Dessa forma, orienta e auxilia aqueles que lhe acompanham na jornada xamânica (KRIPPNER, 2007).

Comumente, o aprendizado para manejar os rituais e saber utilizar os poderes das plantas demanda um longo processo de iniciação xamânica, que necessita ser orientado por um mentor ou xamã mais experiente. Embora "as habilidades a serem aprendidas" variem de sociedade para sociedade, "o domínio da autorregulação das funções corporais, o treinamento dos estados de atenção e o treinamento ético, baseado na compaixão e no serviço", mostra-se como elemento-chave na educação de um xamã. Ao adquirir o desempenho ele busca promover a coesão intragrupal e atender as necessidades espirituais e terapêuticas de sua comunidade (KRIPPNER, 2007).

Segundo Luís Eduardo Luna (1986), tanto os xamãs quanto os vegetalista⁶ das Américas, reconhecem as plantas com princípios psicoativos como plantas-mestras, plantas professoras (*plant-teachers*) ou plantas de poder, porque através destas plantas eles entram em contato com o espírito de outras plantas, aprendem sobre o uso terapêutico, recebem os cantos mágicos e melodias, adquire conhecimento sobre animais e seres hu-

6 O termo vegetalista refere-se aos curandeiros de origem cabocla, herdeiros diretos do xamanismo indígena (MACRAE, 1992, p. 28). São geralmente índios e caboclos conhecedores de plantas e ervas medicinal.

manos, aplicando o conhecimento para diagnóstico e cura das doenças, interpretação de sonhos e previsão do tempo.

Tais práticas ocuparam um papel central na vida cultural e religiosa de muitos grupos, envolvendo a produção de mitologias, danças, cantos, pinturas e produção de artefatos simbólicos. Por meio da evidência material do consumo coletivo das plantas, como por exemplo, o *Peyote*, nos grupos indígenas norte-americanos e a *Ayahwasca* nos grupos indígenas da América do Sul, o conteúdo tradicional das crenças nativas pôde se preservar. Conforme Santos (2007), as vivências subjetivas de seus membros, permitiu a integração de uma consciência comum e a sobrevivência da identidade nativa durante e após os tempos de colonização europeia nas Américas.

Podemos constatar que por milênios foram utilizadas planta *in natura* com princípios psicoativos, ou a partir de processo de decocção ou de um manejo simplificado.

À medida que as sociedades foram se industrializando, foi-se criando um arsenal de "drogas" semissintéticas e sintéticas. Comenta Escohotado (1998), que a partir do século XIX, houve um incremento de experiências laboratoriais que objetivavam isolar os princípios ativos de várias plantas para a produção de fármacos – para atender a enorme demanda de remédios que aliviasse as dores físicas e psíquicas - como a morfina (1806), codeína e atropina (1832), cocaína (1860), heroína (1883) e barbitúricos, possibilitando o aumento expressivo do consumo.

A maioria destas substâncias é considerada "drogas" na atualidade. Mas a etimologia da palavra "droga" é um tanto problemática. Na literatura científica, considera-se que é uma palavra originária do holandês antigo *droog* (folha seca), considerando que todos os medicamentos eram fabricados a partir de vegetais. Mais recentemente outros termos foram usados para denominar significados semelhantes, como *toxicon*, que significa tóxico, veneno; *phármakon*, com duplo significado de remédio e veneno; *arkum*, que significa adormecer ou sedar. Outros termos foram utilizados ao longo do tempo nos meios jurídicos e médicos, como entorpecentes, estupefacientes, psicotrópicos,

psicodélicos, alucinógenos, enteógenos, entre outras denominações (CAVALCANTE, 2008).

Atualmente, de acordo com Simões (2008, p. 14):

Na linguagem mais técnica, "droga" serve para designar qualquer substância que, por contraste ao "alimento", não assimilada de imediato como meio de renovação e conservação pelo organismo, mas é capaz de desencadear no corpo uma reação tanto somática quanto psíquica, de intensidade variável, mesmo quando absorvida em quantidade reduzida.[...] Na linguagem mais comum, por fim, "drogas" significam substâncias psicoativas (SPa) ilícitas (maconha, cocaína, crack, heroína, LSD, ectasy etc.), cujo uso é tido necessariamente como abusivo e que são alvo dos regimes de controle e proibição.

Podemos constatar que as SPAs e seus usos fazem parte da história humana. Estão ligadas ao desvelamento da natureza vegetal, à busca de substâncias curativas para o corpo e de experiências significantes para o espírito. Mas ao longo do tempo os usos e significados têm mudado influenciados pelas condições socioculturais nas quais estão inseridas, como veremos a seguir.

1.2 Sentidos e usos de substâncias psicoativas

Com o advento da modernidade consolida-se um *ethos* e estilos de vida distintos dos períodos históricos anteriores, com padrões econômicos, culturais e de relações sociais característicos do sistema econômico capitalista. Este modelo se expandiu para os países ocidentais de forma hegemônica, inclusive no Brasil, com suas idiossincrasias. Foi neste contexto sociocultural e histórico, especificamente, a partir do final do século XIX, que se delineou o deslocamento da experiência do consumo de "drogas" das sociedades tradicionais para as sociedades ur-

bano-industriais. Isto promoveu uma ressignificação profunda nos sentidos e significações dos usos, chegando a tornar-se um problema de Estado, que compõe a pauta dos problemas sociais mais complexos e desafiadores da atualidade.

Segundo Chaibub (2009, p. 5), se nas sociedades pré-modernas, "as drogas pertenciam aos remédios, aos ritos e aos mitos, que permitiam estabelecer relações com os deuses, com os mortos ou revelar um destino", nas sociedades modernas, seu consumo se vincula "a experiências de busca do prazer que produzem e revelam simultaneamente as relações que um indivíduo mantém consigo mesmo e com o próximo". Dito de outro modo, as substâncias psicoativas expressam atualmente, certas relações com mundo e em certos climas existenciais próprios das sociedades de indivíduos.

É evidente que ao longo do tempo, ocorreu um grande deslocamento dos usos, sentidos e significações das SPAs; antes usadas como substâncias sagradas nos ritos e mitos, ou como alimentos e remédios, agora estão inseridas nas experiências que envolvem as relações que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com os outros. Além de não ser mais veículo para o acesso a experiências místicas ou mágicas, passam a serem veículos de sensações e excitações, além de serem também objetos de consumo; sejam elas legais ou ilegais, são reconhecidas como mercadorias, passam a fazer parte da sociedade de consumo, estando à disposição para consumo inclusive dos jovens (TRAD, 2004).

Para Bucher (1995), avalorização unidimensional da sociedade de consumo, do desempenho e da competição, coloca em plano inferior o sentimento comunitário, a solidariedade e o afeto, frustrando os desejos humanos, despersonalizando os indivíduos e reduzindo-os a parte de uma massa indiferenciada. Como consequência, verificamos uma série de conflitos conscientes e/ou inconscientes, a nível social, individual e familiar, que geram no indivíduo um estado de tensão e excitação, podendo leva-lo à compulsão ao desafio. Frequentemente, encontramos o uso abusivo de drogas associado a esses conflitos, funcionando como um sintoma de algo que não está bem.

De uma perspectiva antropológica, Bucher (1995) destaca três sentidos básicos que o consumo de "drogas" adquiriu. O primeiro sentido relaciona-se a fugir ou aprender a lidar com a transitoriedade da existência humana, ou seja, com a questão da morte e da angústia que ela traz. O segundo sentido diz respeito a entrar em contato com forças divinas e espirituais. Em ambos os sentidos é possível perceber que o uso de SPAs, constitui meio para se preencher uma "falta" ou alargar os limites existências.

Deste ponto de vista, a droga introduz-se num contexto cultural com efeitos estruturantes e refere-se a uma intencionalidade ou a projetos individuais e sociais, cujas normas são passadas de geração a geração, e tornam-se lícitas apenas no interior de determinada cultura. Na mesma perspectiva Edward Macrae (1992), Grob *et al.*, (2002) e Mckenna (1992, 2004), ao se referirem às religiões hoasqueiras, afirmaram que a participação regular nos rituais religiosos, produzem efeitos estruturantes nos adeptos. Com o uso ritual da Hoasca tende a reforçar os mecanismos estruturadores e a valorização da autodisciplina, possibilitando aos adeptos a direcionar suas vidas e tornarem-se mais eficazes nas atividades do dia a dia, além de promover a coesão hierárquica da sociedade.

O terceiro sentido está ligado à busca de prazer, e é dotado de uma violência particular quando o desejo da obtenção imediata do prazer intenso está presente, sendo tal prazer solitário, muito mais restrito ao próprio corpo, tendo um fim em si mesmo. Não representa expressão cultural, não tem caráter social. "Evidencia-se muito mais um sentir-se incapaz de se situar existencialmente tanto no nível individual, quanto no social, caracterizando a situação de dependência das drogas." (BUCHER E COSTA, 1985 apud CHAIBUB, 2009, p.39).

Na contemporaneidade, em tempos de velozes transformações, parece que o terceiro sentido se amplia junto com outros fenômenos que fomentam novos olhares e perspectivas no modo de lidar com as subjetividades e provoca mudanças nos comportamentos individuais e coletivos, como a alienação vir-

tual e a emergência das adições de todos os tipos no campo das "drogas", entre outras (MELMAN, 2008).

Os avanços tecnocientíficos na farmacologia, nas comunicações de massa e tecnologias virtuais, na intensificação da lógica consumista e no campo da ética promovem mudanças nunca antes vividas. Segundo Dufour *apud* Carneiro e Rêgo (2012, p. 369), "há um evidente declínio de fatores estruturantes da existência humana, de queda dos ideais, de declínio da autoridade e da lei e isso tem consequências, inclusive, na representação que o homem tem de si mesmo". Possivelmente, uma condição de vulnerabilidade nunca vivenciada anteriormente.

De outro lado, de uma perspectiva fenomenológica, Heidegger (1993), considera a vulnerabilidade uma condição existencial peculiar do ser humano. Ao compreendê-lo como um ser inacabado, o filósofo reconhece o ser humano aberto às experiências, único ser que sabe da sua finitude, com uma condição ontológica singular de abertura, de necessidade de dar conta de seu próprio existir, de liberdade para escolher entre viver e morrer.

Por sua vez, Sodelli (2007), afirma que a simples escolha por viver, implica na responsabilidade de zelar e cuidar de sua continuidade no mundo, cuja efetividade implica num "confronto entre a necessidade de realização de suas potencialidades e o perigo de não ser capaz de realizá-las". Isto significa lidar em tempo integral com a necessidade de fazer escolhas, inclusive em como quer ser, e estar sujeito a falhar, ou seja, em não conseguir realizar nossas potencialidades, uma vez que, em condições concretas, subjetivas e intersubjetivas de existir, o ser humano está inserido em um contexto sociocultural e participa de uma distinta historicidade coletiva. Desse modo, "a expressão "ser-no-mundo" implica uma estrutura de realização, que se desenvolve num mundo de realizações, interesse, explorações, de lutas e fracassos" (SODELLI, 2007, p. 639).

Com necessidade permanente de se realizar, o ser humano se lança no mundo direcionado para algum rumo, cuja força motivadora é a busca que empreende para dar um sentido ao seu viver, ao seu fazer cotidiano. Diante desse desafio, os jovens parecem mais desvinculados do sentido de valores éticos e mo-

rais, na formação de suas identidades, de seus vínculos sociais e afetivos, e de construção de seus lugares no mundo. Apresentam uma dificuldade generalizada em dispor de balizas para perceber e fazer escolhas mais claras e consistentes para "cuidar de ser". Para Heidegger (apud SODELLI, 2007), o cuidado é definido como o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender as suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. Soma-se a carência de intermediações simbólicas para conceber sentidos e significados motivadores, para o viver individual e coletivo. É o cuidado que torna significativas a vida e a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, é cuidar.

Na condição de não mais ser definido na relação de dependência a Deus, ao Rei ou à República, o ser humano agora é obrigado a se definir por ele mesmo. É sua responsabilidade dar conta do seu próprio ser, tomar cuidado de si mesmo, dos outros, das coisas do mundo. Nesta condição de ter de cuidar do próprio existir, sem ter como transferir essa tarefa para outro, a vida pode ser sentida como um ônus, um peso difícil de carregar. É como uma experiência de estar desabrigado em uma tempestade, em que se experimenta angústia, desespero, dor e tédio. Porquanto, a experiência de vulnerabilidade parece ser ampliada. "Essa consciência revela a essencial vulnerabilidade existencial do ser humano. É dessa vulnerabilidade que se origina a abertura para o possível uso de "drogas". É frente a angústia do futuro que se abre a possibilidade de um viver mais tranquilo" (LOPARIC apudSODELLI, 2007 p. 639).

Diante da precariedade do viver contemporâneo, o uso de "drogas" apresenta-se como uma forma de promover um desligamento, um alívio momentâneo do fardo de cuidar do próprio ser (SIPAHÍ *et al.*, apudSODELLI, 2007). Embora o uso de SPA tenha sido usado no passado, como uma forma de promover um desligamento do estado de vigília cotidiano é nas condições do viver na atualidade, palco de uma série de tensões, conflitos e contradições, que se verifica o fenômeno da adicção ou uso descontrolado e nocivo de SPAs. Talvez a ausência de ideais, utopias, referenciais, sentidos e significados motivadores, seja um componente importante nesse modo nocivo de lidar com as "drogas".

O ser-no-mundo, enquanto jovem como se configura na atualidade, apresenta algumas dimensões que auxiliam na compreensão das relações que eles estabelecem com as SPAs. Está em curso o processo de transição da infância para a vida adulta que mobiliza de modo bem definido aspectos psicológicos e sociais que se configuram nos "ritos de passagem". Trata-se de um período crítico em quemuitos rompimentos são necessários. Isto gera sofrimento, ansiedade e conduz o adolescente à busca de condutas de prova, como expor-se a riscos, opor-se à lei, transgredir normas, na busca de afirmar-se como adulto diante dos outros, de acordo com Miranda(2007).

Este período de transição é considerado elástico, porque "a adolescência na modernidade tem o sentido de uma moratória, período dilatado de espera vivido pelos que já não são crianças, mas ainda não se incorporaram à vida adulta" (KEHLapudMIRANDA, 2007, p. 58). Isto resulta numa alongada adolescência. Neste período, o sentido de curiosidade pelo novo e pelo proibido, e a pressão de seu grupo para ter determinados comportamentos podem levar aos primeiros contatos e experiências dos jovens com as "drogas" lícitas e ilícitas.

Frequentemente o jovem se sente num impasse, pressionado, ao mesmo tempo em que é nomeado de adolescente, é cobrado como se fosse adulto. Para o jovem é uma situação muito complexa, que ele na maioria das vezes não sabe como superar, então alguns deles buscam fugir desse impasse através do uso de SPAs. Além disso, ele é inserido no mundo capitalista que o persegue como consumidor potencial (MIRANDA, 2007).

Os últimos dados apresentados pelo VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras CEBRID/UNIFESP em 2010, evidenciaram que as primeiras "drogas" consumidas pelos jovens são álcool, tabaco e inalantes-solventes (éter, cola, benzina, etc.). Eles estão iniciando o consumo de álcool cada vez mais cedo, em torno dos 12 anos, e estão bebendo com mais frequência. Os resultados mostram que 65% dos jovens já experimentaram álcool (em qualquer momento da vida),e 41% das

crianças de faixa etária 10-12 anos, também já experimentaram bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida.

É o período da vida que o jovem se permite experimentar novas vivências, e a partir delas, definir sua identidade e seu lugar no mundo, no campo profissional e afetivo, redefinir sentimentos e valores, em busca de um novo sentido para a sua vida, para responder a si mesmo e para a sociedade quem ele é, e qual a sua missão no mundo. O jovem é convocado a ter novos posicionamentos diante da vida e assumir responsabilidade por si mesmo. "E à medida que acumula mais experiências e se adapta à condição de jovem adulto, as transgressões e condutas de risco, incluindo o uso de SPAs, vão perdendo força e interesse" (MIRANDA, 2007, p. 59).

De outra perspectiva, Eric Erikson (1997), em sua teoria do desenvolvimento da personalidade, discorda que a adolescência seja necessariamente um período de rebeldia, turbulência, angústia e sofrimento. Ele defende que o fracasso ou o êxito dos adolescentes em superar os desafios da idade, dependem das condições objetivas, pois ele está inserido num contexto sociocultural que oportuniza ou nega aos jovens tais condições. Nesta fase, o conflito central envolve a "construção da identidade" versus "confusão de papéis". Embora seja um processo penoso e complexo, à medida que vai superando tais conflitos, o jovem vai se firmando com identidade própria e autônoma, para continuar assumindo riscos e oportunidades na contínua construção da vida.

Vale considerar, que no processo de formação de identidade, o reconhecimento dos outros, principalmente de seus pares, tem uma grande importância para os jovens. É o período da formação dos grupos, turmas, bandos. Segundo Kelh apud Miranda (2007, p. 60):

Eles inventam os seus próprios ritos. Penso que o consumo de drogas leves como a maconha ou a cerveja, funciona como prova ou desafio para decidir a entrada de novatos em certos grupos, estabelecendo a linha não só entre os caretas e entendidos, mas entre os que são vistos como ainda crianças e os que já se consideram com um pé na vida adulta.

Entender a relação que os jovens estabelecem com as SPAs é um fenômeno complexo, que envolve diversos fatores (históricos, sociais, culturais, econômicos, políticos, psicológicos e religiosos), que se entrelaçam e para os quais não existem explicações simples ou únicas. As diferentes formas de relação jovem/drogas que são construídas a partir da vivência cotidiana de cada indivíduo, "expressam formas singulares de relações que são influenciadas por fatores que funcionam como "protetores" ou "de risco" para a saúde e para a vida"(MIRANDA, 2007, p. 61).

Podemos constatar que os sentidos e significações são gerados não só a partir da história de vida singular e da visão de mundo do indivíduo, mas também do lugar que a "droga" ocupa na sua vida e na sociedade que ele está inserido. Além disso, há de se considerar os tipos de relações que a sociedade estabelece com as SPAs.

1.3 O consumo de substâncias psicoativas no Brasil

O primeiro sentido presente na sociedade brasileira que emerge da percepção de grande parcela da população é de que as "drogas" consideradas ilícitas são causadoras dos flagelos das últimas décadas, cúmplices da AIDS e de toda variedade de crimes e delinquências. Elas são consideradas pela maior parte das religiões uma nova forma de pecado, a ser perseguido e punido. Entretanto, não se considera que as drogas lícitas (álcool, tabaco), são as principais produtoras de dependência química, no Brasil e no mundo, sendo o álcool responsável por desencadear uma série de doenças, violência doméstica e acidentes de trânsito.

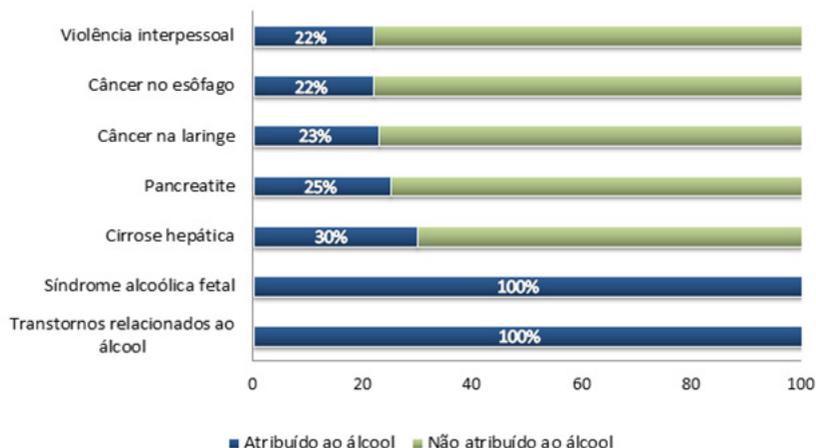
Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), de acordo com Relatório Global sobre Álcool e Saúde, de 2014⁷.O uso nocivo do álcool é um dos fatores de risco de maior impacto para a morbidade, mortalidade e incapacidades em todo o mundo e está relacionado a 3,3 milhões de mortes a cada ano. Desta forma, quase 6% de todas as mortes em todo o mundo são atribuídas total ou parcialmente ao álcool.

⁷ Acesso em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112736/1/9789240692763_eng.pdf

De acordo com o mesmo relatório, no Brasil o álcool esteve associado a 63% e 60% dos índices de cirrose hepática e a 18% e 5% dos acidentes de trânsito entre homens e mulheres, em 2012. Especificamente em relação aos transtornos relacionados ao uso do álcool, estima-se que 5,6% (mulheres: 3%; homens: 8%) dos brasileiros, preenchem critérios para abuso ou dependência⁸.

As consequências do uso de álcool também oneram a sociedade, de forma direta e indireta, potencializando os custos em hospitais e outros dispositivos do sistema de saúde, sistema judiciário, sistema previdenciário, perda de produtividade do trabalho, absenteísmo, desemprego, entre outros. Ainda, em todo o mundo, nota-se que as faixas etárias mais jovens entre 20 e 49 anos, são as principais afetadas em relação a mortes associadas ao uso do álcool, traduzindo como uma maior perda de pessoas economicamente ativas⁹. Na figura abaixo, é possível verificar as principais doenças e prejuízos associados ao álcool em diferentes níveis:

Figura 1 - Doenças e prejuízos total ou parcialmente decorrentes do uso do álcool



Fonte: Relatório Global sobre Álcool e Saúde - 2014.

8 Idem.

9 Idem.

A Organização das Nações Unidas (ONU) assinalou no Relatório Mundial sobre Drogas (2005), que há aproximadamente 200 milhões de dependentes de drogas legais no mundo, com o predomínio de jovens. Admite-se que o consumo de álcool constitui importante causa de adoecimento, mortalidade precoce e incapacidade, sendo apontado como fator determinante de mais de 10% do total dos problemas de saúde no Brasil. (MELONI e LARANJEIRAS, apud LIMA, A. E CORREIA, 2014). Além disso, o álcool é uma das SPAs mais precocemente consumidas pelos jovens e, de acordo com a literatura internacional, a dependência de drogas é o problema de saúde mental mais prevalente entre adolescentes, com os transtornos decorrentes do consumo de álcool em primeiro lugar (PECHANCKY *et al.*, apud LIMA, A. E CORREIA, 2014).

Dados colhidos do VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras CEBRID/UNIFESP¹⁰, em 2010, demonstram que o uso de álcool no Brasil varia também de região para região. No Norte do país, o uso frequente de bebidas alcoólicas atinge 8,4% da população estudantil. Já na região Sul, a população que faz uso frequente é de 12,9%. Com relação ao que a população, em geral, afirma sobre o uso de álcool, as respostas também divergem ao longo do território nacional. Na região Norte, a população revela mais medo e insegurança do que no Sul do país. A região Sul considera, em linhas gerais, menos ofensivo à saúde o uso de bebidas alcoólicas. É interessante notar que há, no Sul, uma cultura de consumo do vinho, com a presença das culturas alemã e italiana modelando o saber beber e a maneira de se cultivar o vinho. A prevalência da dependência de álcool entre os jovens no Brasil foi em média de 11,2%, sendo de 17,1% para o sexo masculino e 5,7% para o feminino. A prevalência de dependentes apresentou-se mais alto nas regiões Norte e Nordeste, com porcentagens acima dos 16% (SILVA, S. E. D. *et al.*, 2011).

10 Portal oficial do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID): www.cebrid.epm.br

Em dados anteriores do II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil, realizado pelo CEBRID, de 2005, em 108 municípios brasileiros com mais de 200 mil habitantes, foi verificado que entre jovens de 18 a 24 anos, 78% já fizeram uso da substância e 19% deles são dependentes. Também evidenciaram que os jovens estão iniciando o consumo de álcool cada vez mais cedo, em torno dos 12 anos, e estão bebendo com mais frequência. Os resultados mostram que 65% dos jovens já experimentaram álcool (em qualquer momento da vida), e 41% das crianças de faixa etária 10-12 anos, também já experimentaram bebidas alcoólicas pelo menos uma vez na vida. Enquanto aqueles entre 12-17 anos, o uso de álcool na vida atingiu o índice de 54,3%, e os problemas relacionados à dependência de álcool foram relatados por 5,7% dos entrevistados nessa faixa etária, enquanto que nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, essa porcentagem chegou próxima dos 9%. Já o consumo frequente, considerado como seis ou mais vezes no último mês, aumentou em cerca de 11%, em 2004. Além disso, "o uso pesado, considerado como vinte ou mais vezes no último mês, foi de quase 7%, percentual considerado preocupante pelos estudiosos" (LARANJEIRA *et al.*, 2007, p.8). Isto indica que os jovens estão bebendo mais e cada vez mais cedo, o que aumenta o risco de boa parte desta juventude desenvolver o alcoolismo. Isto se repete em praticamente todo o mundo, inclusive, no Brasil.

As análises comparativas entre estes dois levantamentos citados, revelaram aumento no uso de sete das nove drogas mais usadas no país. E a dependência de drogas como o álcool, o tabaco e a maconha também aumentou entre os jovens, junto com um aumento significativo de jovens do sexo feminino, visto que para este grupo, a taxa duplicou. Quanto à dependência ao tabaco, houve diminuição entre os jovens do sexo feminino e aumento entre os jovens do sexo masculino. No caso do uso de maconha registra-se o aumento em ambos os sexos. Conclusões apontam para o aumento no consumo de drogas lícitas e ilícitas entre jovens de ambos os sexos (LIMA *et al.*, 2014).

Quanto às drogas ilícitas, no Relatório Mundial sobre Drogas de 2015, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas

e Crimes (UNODC), estima-se que um total de 246 milhões de pessoas - um pouco mais do que 5% da população mundial com idade entre 15 e 64 anos - tenha feito uso de drogas ilícitas, em 2013. Cerca de 27 milhões de pessoas fazem uso problemático de drogas, das quais quase a metade são pessoas que usam drogas injetáveis. Estima-se que 1,65 milhão de pessoas que injetam drogas estavam vivendo com HIV, em 2013. Homens são três vezes mais propensos, ao uso de maconha, cocaína e anfetamina, enquanto que as mulheres são mais propensas a usos incorretos de opioides de prescrição e tranquilizantes.

O segundo sentido que se propaga no Brasil é o terror, principalmente a respeito das drogas ilícitas, associando-as à improdutividade, exclusão social, marginalidade e violência. Esses motivos segundo Miranda e Espinheira (1993), evidenciam que nossa sociedade ainda não reconheceu o uso controlado das drogas ilícitas. Todos os usuários são declarados "desviantes", e são uma "ameaça" para a sociedade, ou são "doentes" precisando de ajuda, ou ainda "criminosos" passíveis de punição. Eles também são vistos como coadjuvantes deflagradores de diversas formas de violência, embora estudos demonstrem que uma droga não é capaz de provocar um comportamento homicida. No máximo a droga liberta uma tendência contida. A droga mostra aquilo que a pessoa tem como patrimônio psíquico (XAVIER apud MIRANDA, 2007).

Miranda (2007) comenta ainda que outra forma de associar drogas à violência acontece no contexto relacionado ao tráfico de drogas aliado ao tráfico de armas, nas favelas e periferias das grandes cidades brasileiras, que arregimenta um número cada vez maior de jovens, que de acordo com Velho (1996, p. 20) acreditam que:

[...] os riscos envolvidos são compensados por gratificações sociais que nem se colocavam para a geração de seus pais, pois eles ocupavam posição subalterna no mundo hierarquizado. O acesso à droga e à arma é a base desse estilo de vida, que torna possível usufruir de uma

pauta de bens de consumo e um prestígio que facilita, entre outras coisas, o sucesso entre as mulheres e o temor entre os homens [...] De um modo bastante vigoroso esses jovens explicitam sua rejeição ao tipo de vida dos pais e dos avós. A trajetória de trabalhadores modestos, repleta de dificuldades e frustrações, marcada pela pobreza, é encarado como algo a ser negado e evitado.

É evidente que no Brasil, a injusta distribuição de renda acaba por gerar profundas desigualdades socioeconômicas, das quais a juventude é a maior vítima. Tais disparidades tornam as oportunidades de educação, trabalho e bens de consumo diferenciado para as classes sociais e geram um "mal-estar" que, muitas vezes, é suportado pelos jovens através de estratégias dentre as quais o uso de SPAs (FEFFERMANN E FIGUEREDO apudPINHEIRO, 2012).

Por sua vez, Cássia Soares (2007, p. 52) em seu estudo sobre o consumo contemporâneo de drogas e juventude reforça a perspectiva de que:

Na sociedade de mercado, sob o manto da globalização e do neoliberalismo, as dificuldades das atuais formas de trabalhar e de viver das famílias nas diferentes classes sociais têm levado à impossibilidade de perspectivar o futuro com alguma clareza. [...]A busca por "reforços" nos objetos que alteram a psicoatividade, seja para tolerar as inseguranças, seja para contrariar a ordem estabelecida pelo mundo adulto, ou ainda para obter prazer, tornou-se a alternativa mais acessível.

O terceiro sentido que se explicita também no Brasil, é um entendimento generalizado no âmbito popular, de que o fato

de experimentar uma droga, seja ela qual for, resultará em dependência. Da mesma forma, por exemplo, esta associação é feita com frequência a respeito do uso do *crack*. Bucher (1995, p. 10), afirma que o uso de drogas não leva, automaticamente, a estados de dependência. Passa-se ao abuso com a perda de controle sobre o uso, "em consequência de certas dificuldades (fatores de risco), que variam de pessoa para pessoa, e também do contexto social e familiar".

Por sua vez Zinberg (1984), estudando o uso de diversas drogas ilícitas, chamou a atenção para a necessidade de se diferenciar "uso controlado" de "uso compulsivo". O primeiro teria baixos custos sociais, enquanto o segundo seria disfuncional e intenso, teria efeito contrário. O que distinguiria esses dois tipos de uso, é que o primeiro seria regido por regras, valores e padrões de comportamento veiculados tanto pela cultura hegemônica quanto pelas subculturas desenvolvidas por diferentes grupos de usuários. Esses controles sociais, fossem formais ou informais destas substâncias, funcionariam de quatro maneiras: quando definem o que é uso aceitável e condenando os que fogem a esse padrão; quando limitam o uso a meios físicos e sociais que propiciem experiências positivas e seguras; quando se identificam efeitos potencialmente negativos e os padrões de comportamento adotados ditam precauções a serem tomadas antes, durante e depois do uso; e, quando se distinguem diferentes tipos de uso das substâncias, respaldando as obrigações e relações que os usuários mantêm em esferas não diretamente associadas aos psicoativos (ZINBERG apud MACRAE, 2009).

Além dos valores e regras de conduta, chamados por Zinberg de "sanções sociais", haveria, também, a observância de "rituais sociais" que são os padrões de comportamento prescritos em relação a aspectos do uso "controlado" da substância psicoativa, como os métodos de aquisição e uso, a seleção do meio físico e social do seu consumo, as atividades empreendidas sob seu efeito e as maneiras de evitar consequências prejudiciais. Como por exemplo, em práticas esportivas, são admitidos socialmente o uso de anabolizantes no sentido de melhorar a performance, em atividades artesanais de pesca com o objetivo

de obter mais fôlego para mergulhar, entre outras (MACRAE, 2009).

Dessa forma, torna-se necessário atentar para mais dois outros fatores propostos por Grund (1993): o grau de disponibilidade da droga e a estrutura de vida do usuário que envolve as normas, regras de conduta e rituais sociais adotados, pois estes funcionam como fatores interativos, em um processo circular, internamente coerente e no qual os comportamentos são modulados (modificados, corrigidos, reforçados, etc.) pelos resultados. É um circuito retroalimentado (*feedback circuit*), que determina a força dos processos de autorregulação, tendo o potencial de controlar o uso de SPAs (GRUND, 1993).

De fato, a multiplicidade de fatores e sentidos que envolvem o uso das substâncias psicoativas e a complexa e abrangente problematização social que perpassa tais questões, vão além do escopo desta pesquisa. Então, trouxemos alguns aspectos que estão presentes na sociedade brasileira, que evidenciam o lugar que se concede a tais substâncias, a forma como se excluem umas e se toleram outras, e a percepção e os significados atribuídos a elas, considerando que segundo Chai-bub (2009, p. 3):

Trata-se de uma expressão de seu próprio funcionamento, a maneira como se representa como coletividade e, as relações que o imaginário social mantém com as substâncias psicoativas; o que nos permite concluir que a significação profunda das drogas não se encontra nelas – nas substâncias, na coisa em si – mas no coação da cultura.

É por isso que os sentidos e as ações relacionadas as substância psicoativas, prescindem muitas vezes de fundamentos racionais ou de evidências científicas, sendo influenciadas por julgamentos morais produzidos pelos contextos históricos e socioculturais. O desafio é “desvelar um todo complexo para compreender o uso das substâncias psicoativas, os efeitos, controles

e significados, resultante de características relativas às pessoas (usuários); substâncias (as drogas) e os contextos social, cultural e político" (JORGE *et al.*, 2013, p. 17).

1.4 As políticas públicas sobre drogas no Brasil e o paradigma proibicionista

A política de proibição às substâncias SPAs no século XX, não representa apenas um movimento jurídico proveniente da mente do legislador. Os ordenamentos jurídicos proibicionistas são pontos terminais de conflitos, que surgiram e se desenrolam no cenário histórico, social e político, onde se originam "os valores morais impulsionadores e sua estratégia de medicalização da vida que possibilitou a emergência das abordagens hegemônicas e contra hegemônicas quanto à questão das drogas" (-CHAIBUB, 2009, p.3). Para Fioro (2012, p. 2):

Proibicionismo é uma forma simplificada de classificar o paradigma que rege a atuação dos Estados em relação a determinado conjunto de substâncias. Seus desdobramentos, entretanto, vão muito além das convenções e legislações nacionais. O proibicionismo modulou o entendimento contemporâneo de substâncias psicoativas, quando estabeleceu os limites arbitrários para usos de drogas legais/positivas e ilegais/negativas.

Não é possível atribuir uma única motivação histórica à gênese do empreendimento proibicionista, visto que diferentes perspectivas intervieram nesse processo. Escobedo (2009) destaca a confluência de cinco aspectos centrais: a condenação teológica moral da ebriedade como "paraíso artificial", difundida pelo fundamentalismo cristão nos Estados Unidos, quando as formas de ebriedade passaram a contribuir para a desintegração de determinados grupos sociais e foi simbolizada como "medida do desvio", a partir do surgimento das grandes concentrações urbanas; a institucionalização do estamento

terapêutico que começou a cristalizar-se dentro das profissões médicas; com o fortalecimento da Política de Bem-Estar Social (*Welfare State*¹¹), em que o Estado passou a assumir funções e serviços antes confiados à sociedade civil, a exemplo da atenção com os pobres, os doentes mentais, os órfãos e os alcoólicos; e, por último, a situação subsequente ao conflito entre a China e a Inglaterra envolvendo o consumo e a comercialização de ópio que impulsionou os primeiros movimentos internacionais na questão das drogas (ESCOHOTADO apud CHAIBUB, 2009).

Estes fatores compõem o cenário do qual emergiu o modelo proibicionista. Os Estados Unidos são considerados por Escohotado o país que apresenta maior visibilidade desta conjugação, além de liderar as primeiras iniciativas e o controle público da internacionalização desta política, através do aparelhamento da Liga das Nações e, posteriormente, da Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

No Brasil, as Políticas Públicas sobre Drogas, desde as primeiras iniciativas de ordenamento jurídico estão alinhadas as abordagens hegemônicas, aderindo às diretrizes compactuadas na Conferência sobre Drogas de Xangai, em 1909 e nas conferências seguintes de 1912 em Haia, de 1919 em Versalhes, de 1931 e 1936, em Genebra. Em 1945, houve a vinculação das agências de controle de drogas na ONU, e novamente o governo brasileiro alinha-se as diretrizes traçadas por este órgão neste período e também em 1961, na Convenção Única de Nova York e de 1988 na Convenção de Viena coordenadas por este órgão. O Brasil aderiu também ao Convênio sobre Substâncias Psicotrópicas da OMS, em 1971. Nesta última, os países signatários da Convenção, se comprometeram na luta contra o "flagelo das drogas" e, para tanto, a punir quem as produzisse, vendesse ou consumisse. Este modelo proibicionista foi defendido e patrocinado pelos Estados Unidos, que conseguiu sua implantação global, conforme assevera Fiori (2012).

11 Estado de bem-estar social ou intervencionista que surgiu na Europa após a Segunda Guerra Mundial, e se expandiu para os países ocidentais. Embora com características singulares em cada país, caracteriza-se pela garantia de mínimos sociais tais como a saúde, educação, habitação, etc.

As disposições legais do Convênio Sobre Substâncias Psicotrópicas introduziram a classificação de natureza farmacológica, e o termo “substâncias psicotrópicas” é atribuído a qualquer das substâncias que esteja numa série de quatro diferentes listas. A primeira lista elenca as usadas pelos representantes da contracultura; a segunda, inclui os derivados anfetamínicos (substâncias que estimulam o sistema nervoso central, por vezes empregado em terapêutica) e análogos; a terceira, alguns barbitúricos (composto químico que constitui a base de numerosos hipnóticos e sedativos do sistema nervoso) e a quarta, mais alguns barbitúricos e outros hipnóticos e não barbitúricos. Apesar da heterogeneidade de seus efeitos, “as substâncias recebem tratamento bastante similar, embora as da Lista I, que reconhecidamente não criam dependência e nem tolerância, terminam por receber maiores restrições” (ESCOHOTADO, 1989, apud MACRAE, 2001, p.23).

Até o final do século XIX, não havia preocupação direta do Estado brasileiro e nem a existência de um debate sobre o controle do uso de algumas substâncias psicoativas. Pode-se apontar a proibição da maconha em 1830, como a primeira forma de controle legal sobre drogas no Brasil. Contudo, tratava-se muito mais de uma forma de controle sobre as práticas tradicionais de um crescente contingente da população negra e miscigenada, escrava ou liberta, do que o controle sobre o uso de drogas propriamente dito. A maconha já antes desse episódio era associada às classes baixas, aos negros e mestiços e à bandidagem (FIORE, 2005).

Posteriormente, tivemos o Regulamento Imperial em 1851, que instituía a política sanitária e a venda de remédios, com recomendações para ninguém ter em casa, nem a venda “material venenoso”, captados como ameaças a saúde coletiva e individual. Em seguida, o Código Penal de 1890, considera crime contra a saúde pública “expor a venda ou ministrar substâncias venenosas sem legítima autorização e sem as formalidades previstas nos regulamentos sanitários”. Dessa forma inicia-se o processo de gerenciamento e controle da população em solo nacional, por intermédio da gradativa institucionalização do poder médico, que se dá pela promulgação dos códigos sanitários. Isto torna o Estado herdeiro legítimo do saber médico-científico e,

portanto, o único autorizado a regulamentar a venda de drogas e as políticas de saúde públicas (RODRIGUES, 2004).

No início do século XX, o Presidente Hermes da Fonseca editou o Decreto nº 2.861, de 8 de julho de 1914, para aprovar no âmbito nacional as medidas da Convenção Internacional do Ópio, de 1911. Em 1921, foi aprovado o Decreto-Lei nº 4.294, que estabeleceu medidas penais mais rígidas para os vendedores ilegais, fortaleceu a polícia sanitária e reafirmou a restrição do uso legal de SPAs para fins terapêuticos. Segundo Rodrigues (2004), este decreto transporta o nível da condenação do consumo de drogas, do âmbito religioso, para o universo técnico-ético e de segurança pública e sanitária chancelado pelo Estado brasileiro. Na sequência, “[...] o panorama jurídico brasileiro sofreu reformas periódicas dos princípios proibicionistas, atualizações da Lei Nacional conforme os parâmetros internacionais firmados nas convenções sobre a questão” (RODRIGUES, 2004, p.137).

Em 1932, tivemos o Decreto Lei nº 30.930, que incluiu a maconha entre as substâncias proscritas, passando a considerar o porte da “droga” crime passível de prisão, mantendo o poder de justiça de internar o dependente por tempo indeterminado. Em 1936, foi criada a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes (CNFE), que elaborou o Decreto-Lei nº 891, em 1938, “considerado mais rígido e detalhado que as normas anteriores, porque sistematizou e desenvolveu as medidas repressivas, criminalizando de modos distintos toxicômanos e traficantes” (RODRIGUES, 2004, p.142).

A partir de 1970, iniciaram algumas reformas que contribuíram para a formulação da legislação vigente no Brasil. Envolvendo vários ministérios, foi elaborada a Lei nº 6.368, promulgada em 1976. Esta lei manteve-se em vigência até 2002, quando entrou em discussão e foi aprovada a Lei nº 10.409, que substituiu e revogou a anterior.

Paralelamente, caminhou a organização institucional, com a criação do Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), em 1998, que permitiria a participação das instituições e representantes da sociedade civil envolvidas na questão das drogas.

Neste mesmo ano o Sistema Nacional de Prevenção, Fiscalização e Repressão de Entorpecentes (SNPFRE) e o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), transferiram suas atribuições para a Secretaria Nacional Antidroga (SENAD). E em 2008, transformou-se em Secretaria Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, tornando-se órgão do Poder Executivo Federal, ligado diretamente ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

Com o aprofundamento das discussões sobre a questão das drogas, a partir de 2001, teve início a formulação do Plano Nacional Antidrogas (PNAD), e em 2004, sucederam-se novas discussões com a participação da sociedade civil, resultando no realinhamento deste plano. A nova Política Nacional sobre Drogas aprovada por meio da Resolução nº 03, de 27 de outubro de 2005, e sua regulamentação na forma da Lei nº 11.343, em 2006, revogaram as normas anteriores e vigora até hoje.

Nos últimos dez anos, enquanto vários países efetivaram a regulamentação do uso da maconha. Em 2014, emergiu mais intensamente no Brasil, um movimento social organizado em várias capitais, intitulado "a marcha da maconha", reivindicando sua regulamentação. Concomitante a estes eventos, foi apresentado no Congresso Nacional uma Proposta de Projeto de Lei de iniciativa popular – nº 7187/2014, de 25 de fevereiro de 2014, que trata da regulamentação do uso recreativo, medicinal ou industrial da maconha, dispondo sobre o controle, a plantação, o cultivo, a colheita, a produção, a aquisição, o armazenamento, a comercialização e a distribuição de maconha e seus derivados. No processo de tramitação da proposição, foi solicitado o parecer da Comissão de Direitos Humanos do Senado, sendo designado o senador Cristóvão Buarque para elaborá-lo. O senador Cristóvão optou por ouvir os atores interessados e envolvidos nas questões, e realizou um ciclo de audiências públicas com a presença de autoridades e o público para discutir tal tema. Ao final da legislatura 2010-2014, o relatório apresentado recomendou a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), liberar o uso do *canabidiol*, substância presente na maconha, para fins medicinais. E quanto ao uso recreativo da maconha, recomen-

dou a continuidade dos debates, com a criação de uma subcomissão sobre o tema¹².

Embora não possa neste estudo detalhar todas as implicações da legislação citada até aqui, vale destacar que ao longo da constituição das normas, e da Política Nacional sobre Drogas, os questionamento e discussões com setores da sociedade civil, profissionais que atuam na área e estudiosos do tema, estiveram presentes, mesmo que de forma insipiente, talvez, pela existência do tabu para tratar a questão. Lembrando que desde o ano de 1980, quando emergiu a necessidade de gerar ações para o enfrentamento do aumento da prevalência de HIV/AIDS, entre usuários de drogas injetáveis, houve maior articulação entre os atores envolvidos direta ou indiretamente na problemática. Como resposta, foram concebidos os programas de redução de danos ao uso de drogas, ou seja, uma abordagem que busca resgatar o sujeito omitido pelas políticas proibicionistas, considerando-o como parte essencial de uma proposta de respeito, proteção e de promoção à saúde àqueles que escolhem consumir substâncias psicoativas.

Nesse momento, intensificam-se as pesquisas científicas e as análises das políticas proibicionistas, baseadas na repressão a produção e ao tráfico, bem como na criminalização do consumo. Segundo Chaibub (2009), as avaliações realizadas até agora, têm revelado que estas políticas não produziram os resultados esperados, ou seja, a redução do consumo. Muito pelo contrário, a condição de ilegalidade desencadeia outros problemas de natureza social mais grave, como arregimentação de jovens pelo narcotráfico, associação ao tráfico de armas, insumo da violência, entre outros.

1.5 A regulamentação da hoasca como exemplo de um novo paradigma

Para as autoridades que tratam do tema, a regulamentação jurídica do uso da Hoasca, para fins ritualísticos, no contexto religioso, representa um fenômeno ímpar no tratamento conven-

12 Agência Senado Federal: <http://legis.senado.leg.br/sicon/index.html#/pesquisa/lista/documentos>.

cional dado pelas políticas públicas brasileiras a esta substância psicoativa. Tendo como princípio ativo a dimetiltriptamina (DMT), que está inserida na lista 1 das substâncias banidas pelo *Controlled Substance Act*, em 1971 (EUA), a DMT além de estar presente nos preparados da Hoasca, também é encontrada na planta Jurema da flora brasileira. Compõe também a referida lista a *Psilocibina* (princípio ativo dos cogumelos do gênero *Psilocybe*), a *mescalina* presente nos cactos *Peyote* e San Pedro, e o LSD-25 (*Dietilamida* do ácido lisérgico). Como tais substâncias foram emblemáticas no movimento da contracultura nos anos de 1960, também são chamadas de psicodélicas. Foram muito estudadas, e reconhecidamente não criam dependência e nem tolerância, mas receberam as maiores restrições visando atender a interesses políticos nas décadas de 1960 e 1970.

Para Macrae (2009), a regulamentação da Hoasca é emblemática porque representa a transcendência da abordagem reducionista/proibicionista, que está focada apenas nos efeitos das substâncias, na perspectiva farmacológica, como centro da questão do consumo de substâncias psicoativas. Esta abordagem não leva em conta o contexto de uso, nem as expectativas e o estado psicológico do usuário.

Macrae (2009) considera a política oficial sobre o uso ritual da Hoasca, um exemplo da aplicação da abordagem de redução de danos. Ao invés de proibir, foram considerados os aspectos socioculturais existentes nos grupos religiosos que consomem o chá Hoasca. Para Macrae (2009, p. 23):

Nestes contextos, ocorre o que se poderia chamar de uso ritualmente controlado de psicoativos', sendo a substância utilizada dentro de uma estrutura social hierarquizada, na qual são veiculados valores doutrinários, regras de conduta e práticas rituais, e se propõe padrões para a reestruturação da vida dos seguidores, além de regulamentar a disponibilidade da substância para os adeptos. Dessa forma, apesar de mudanças no contexto

ecológico e social acarretarem alterações no seu significado cultural, o uso dos enteógenos continua regrado e seus efeitos, tanto a nível pessoal quanto social, são modelados de maneira a reduzir o risco que possam apresentar e a otimizar os seus resultados.

Historicamente, o uso do chá Hoasca tornou-se foco das políticas públicas brasileiras, no início da década de 1980, com a inclusão do vegetal *Mariri* na lista de substâncias psicotrópicas, proscritas em 1985 pela Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde (DIMED), a expansão das religiões hoasqueiras, principalmente a UDV e Santo Daime nos centros urbanos, a participação de pessoas da classe média, a conversão de celebridades anunciada pela mídia, junto com o alarmismo generalizado sobre o uso de drogas, contribuíram para a implementação deste dispositivo proibitivo.

No ano seguinte, em 1986, Resolução nº 04/85 - 30/07/1985 do CONFEN, constituiu um grupo de trabalho para examinar a questão da produção e consumo da Hoasca, levando-se em conta todos os seus aspectos: sociológicos, antropológicos, químicos, médicos e de saúde em geral. Isto se deu por não constar a inclusão das plantas sagradas *Mariri* e *Chacrona*, das quais é produzido o chá Hoasca, nas listas internacionais fixadas pelo Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC), e também não constar nos registros do CONFEN estudos relativos a esses vegetais.

Ainda em 1986, foi publicado o relatório final do CONFEN, com um parecer que foi submetido à plenária do órgão, que recomendou a suspensão provisória da inclusão do "*Banisteriopsis Caapi*" da lista da DIMED, até que todos os estudos fossem completados. Foram consideradas as evidências produzidas pelos exames realizados em Rio Branco, capital do Estado do Acre, junto a comunidades religiosas que fazem o uso ritual do produto da decocção do *Mariri* e da *Chacrona*, produto esse, que corresponde ao chá Hoasca, também chamado de Vegetal ou "Daime". Estes exames concluíram que o referido uso ritual

do chá, há muitas décadas vem sendo feito sem qualquer prejuízo social. Consequentemente, o CONFEN, através da Resolução nº 6, de 04 de fevereiro de 1986, regulamentou a bebida para que seja utilizada somente para fins religiosos.

Em novembro de 1991, com o apoio do CONFEN, as entidades religiosas que utilizam a Hoasca, decidiram adotar procedimentos éticos comuns em torno do uso do chá, sem prejuízo a identidade e as convicções das mesmas. O objetivo foi preservar a imagem e assegurar os direitos de seus membros, conforme acordo entre os representantes das sociedades religiosas, que assinaram uma Carta de Princípios. Consta nesse documento o compromisso em preparar o chá com somente os dois vegetais *Banisteriopsis Caapi* (Mariri ou jagube) e da *Psychotria Viridis* (Chacrona ou rainha), fervidos em água, sendo vedada a associação a substâncias proscritas. O consumo da bebida deve ser restrito nos centros urbanos aos rituais religiosos e os dirigentes devem zelar pela permanência dos usuários nos locais dos templos enquanto estiverem sob o efeito do chá. As entidades também se comprometeram a plantar e cultivar as duas plantas supracitadas e evitar a depredação do *habitat* natural onde elas se encontram mais acessíveis. Além disso, evitar a comercialização de qualquer modo.

Na busca por alinhar-se a legislação brasileira, deve ser evitada pelas entidades signatárias a prática do curandeirismo, pois segundo a mesma, o termo é entendido como uso ilegal e irresponsável da medicina, uma visão conservadora do campo biomédico. No entanto, do ponto de vista antropológico o termo deve ser relativizado, questionando o seu caráter depreciativo. As propriedades curativas e medicinais da Ayahuasca – que estas entidades conhecem e atestam – requerem uso adequado e devem ser compreendidas do ponto de vista espiritual. As sociedades compactuaram também o zelo no trato das informações em torno da Hoasca, evitando todo e qualquer alarde publicitário, tendo em vista os riscos decorrentes da difusão inconsequente do tema, por parte de pessoas com ele pouco familiarizadas. Finalmente, vedaram a participação nos rituais religiosos bem como o uso da Hoasca, a pessoas em estado de embriagues ou sob efeito de substâncias proscritas. Por fim, a

participação de menores de idade só será permitida com autorização dos pais ou responsáveis.

Durante os anos que se seguiram, surgiram novas denúncias de uso indevido do chá Hoasca, levando o CONAD a estabelecer normas de controle social, na Resolução nº 26, de 31 de dezembro de 2002. E na Resolução Nº 5/2004, o órgão instituiu o Grupo Multidisciplinar de Trabalho, composto por seis membros indicados pelo CONAD, especialistas das áreas antropológica, farmacológica/bioquímica, psicológica, psiquiátrica e jurídica; e mais seis membros convidados como representantes das organizações religiosas que usam Hoasca. Este grupo teve como atribuição, realizar o levantamento do uso religioso do chá e o acompanhamento das pesquisas sobre sua utilização terapêutica, em caráter experimental. Para o levantamento, foi necessário promover o cadastro nacional de todas as instituições que adotam o uso do chá e orientar o registro permanente de menores integrantes da comunidade religiosa, com a indicação dos respectivos responsáveis. Considerando a seguinte regulamentação:

A participação no uso religioso da ayahuasca, de crianças e mulheres grávidas, deve permanecer como objeto de recomendação aos pais, no adequado exercício do poder familiar (art. 1.634 do Código Civil), e às grávidas, de que serão sempre responsáveis pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, à preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro; atentando que qualquer prática religiosa adotada pela família abrange os deveres e acorde com a evolução de sua capacidade, aí incluída a liberdade de professar a própria religião, e as próprias crenças, observadas as limitações legais ditadas pelos interesses públicos gerais (CF. Convenção Sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Bra-

sil, promulgada pelo Decreto nº99.710, de 21/11/1990, art. 14).

Finalmente, foi elaborado um documento que traduziu a deontologia, ou seja, o conjunto dos deveres ou das regras de natureza ética, para uso da Hoasca que possa prevenir o uso inadequado. Com base no parecer da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico, a partir de análise multidisciplinar, considerou-se a importância de garantir o direito constitucional ao exercício do culto e à decisão individual. Em novembro de 2006, aprovou os "princípios deontológicos" para uso desta bebida. Finalmente, o uso religioso da Hoasca no Brasil foi regulamentado pela Resolução nº 1, de 25 de janeiro de 2010 (BERNARDINO-COSTA, J., 2011).

O CEBUDV atuou ativamente durante todo o processo de regulamentação. Instituiu um Departamento Jurídico para acompanhar e prover o suporte legal, e também o Departamento Médico Científico (DEMEC), para realizar o acompanhamento científico. Ao longo do tempo vem contribuindo para a geração de conhecimento científico, apoiando a realização de importantes pesquisas acadêmicas e estudos clínicos, farmacológicos e socioantropológicos sobre a ação da Hoasca no organismo e no comportamento individual e social dos adeptos. A exemplo, o Projeto Hoasca e a Pesquisa Hoasca na Adolescência.

O Projeto Hoasca aconteceu num momento de crescente interesse da ciência internacional e retomada das investigações sobre as propriedades terapêuticas das substâncias psicoativas, principalmente aquelas que compõem a Lista 1, que incluiu o DMT, princípio ativo do chá Hoasca, já citadas anteriormente. Foram viabilizados através de um acordo de cooperação envolvendo pesquisadores de nove centros universitários do Brasil, Estados Unidos e Finlândia, de 1991 a 1996, e teve como financiadores *Heffter Research Institute*, o *Botanical Dimensions*, e *Multidisciplinary Association for Psychedelic (MAPS)*, instituições sem fins lucrativos. Foi a primeira pesquisa intensiva realizada a estudar os efeitos de uso do chá em usuários de longo prazo, com a realização de dez projetos de pesquisa sob o título, "Farmacologia Humana da Hoasca: chá preparado de plantas

alucinógenas usada em contexto ritual no Brasil". Foram analisados aspectos botânicos, químicos e farmacológicos das plantas que compõem o chá (*Mariri* e *Chacrona*) e também do próprio chá Hoasca. Na perspectiva dos usuários, foram avaliados aspectos médicos, psicológicos, sociológicos e legais¹³.

Os resultados confirmaram a inexistência de toxicidade ou danos à saúde física, mental e emocional, visto que não foi encontrado nenhum tipo de disfunção neurológica, cognitiva ou de personalidade, nem distúrbios mentais posteriores ao uso, em curto, médio e longo prazo. No que concerne ao padrão de consumo dos usuários, não foi verificado nenhum tipo de dependência, abuso, overdose ou abstinência. Os resultados foram apresentados em 1995, na III Conferência Internacional dos Estudos da Hoasca. E em 2008, no II Congresso Internacional da Hoasca em Brasília, sendo os principais pesquisadores: Jace Callaway, Denis McKenna e Charles Grob relataram suas experiências no Projeto (PORTAL CEBUDV).

Quanto ao Projeto Hoasca na Adolescência, trataremos mais adiante. Vale ressaltar que a partir de então, vem crescendo exponencialmente o interesse pelo tema e muitas pesquisas vêm sendo realizadas por várias instituições nacionais e internacionais, com publicações de artigos, livros, dissertações e teses, nas diversas áreas do conhecimento científico.

É importante registrar que na retomada das investigações sobre as propriedades terapêuticas das SPAs inseridas na Lista 1 (DMT, *Psilocibina*, *Mescalina*, e o LSD-25), que reconhecidamente não criam dependência e nem tolerância, está em curso uma discussão sobre o uso dos conceitos psicodélico, alucinógeno, enteógeno e psicointegrador, enquanto alternativas de termos para designar/classificarem tais substâncias.

O termo alucinógeno é considerado inadequado pela maioria dos estudiosos dessas substâncias. Esta aplicação decorreu de preconceito a este tipo de substâncias, haja vista que não causam alucinações, ou seja, alterações da percepção sem a base existencial do objeto da percepção permitindo a per-

13 Portal oficial do CEBUDV. Disponível em: <http://www.udv.org.br/publicacoes/ver/projeto-hoasca>.

cepção real de um objeto inexistente. O que estas substâncias causam, são distorções da percepção, como alteração das cores, luminosidade e geração de imagens, sem perda do senso de realidade. Conforme Escobar e Roazzi (2010), “[...] o sentido de alucinação como efeito principal provocado por essas substâncias é reconhecidamente limitado para descrever a inteireza e complexidades dos efeitos diversos que exerce sobre a percepção, cognição e emoção”.

À medida que as pesquisas sobre essas substâncias avançaram, foi criado o termo psicodélico, como uma resposta às limitações terminológicas para designá-las. É um termo que tem raiz grega e significa aquilo que manifesta o que está na mente ou o espírito. Foi amplamente utilizado na década de 1960 e associado aos movimentos culturais da época. O termo acabou se desgastando pelo uso abusivo e descontrolado dessas substâncias naquele período.

O termo enteógeno designa uma substância que facilita o acesso à espiritualidade ou o contato com um senso divino interno. Por isso, é muito aplicado pelas pesquisas que são realizadas em contextos religiosos, rituais xamânicos onde se iniciou o uso tradicional dessas substâncias. Tal perspectiva aponta para a importância dos aspectos religioso/sagrado e ritualístico, para que o consumo dessas substâncias possa ser realizado de modo seguro, emergindo daí a observação dos efeitos terapêuticos destas substâncias (ESCOBAR E ROAZZI, 2010).

Já o termo psicointegrador, apresenta-se como um conceito que visa integrar as diversas características dos efeitos dos psicodélicos (espirituais, afetivos, cognitivos, psicomiméticas e psicoterapêutica) sob a perspectiva neurológica e neurofenomenológica (ESCOBAR E ROAZZI, 2010). Ao facilitar a emergência de conteúdos da história pessoal do inconsciente para o consciente, pode gerar uma reintegração que promove transformações nas concepções de si mesmo, dos outros e do mundo, mudando o comportamento das pessoas que passam por tais experiências (ESCOBAR E ROAZZI, 2010).

Nesta perspectiva entende-se que a substância Hoasca utilizada no CEBUDV, é considerada uma substância lícita,

que pode ser entendida como enteógena e ao mesmo tempo psicointegradora. Para os religiosos hoasqueiros é considerada uma substância sagrada. Com o aporte teórico de Mircea Eliade (1998), podemos afirmar tratar-se de uma hierofania (modalidades ou expressões do sagrado como os ritos, cultos, símbolos e formas divinas. Algumas são locais, específicas, como a Hoasca para as sociedades hoasqueiras, outras são universalistas) que transubstancia duas espécies vegetais numa decoção de um chá sagrado. Esta sacralidade é realizada na experiência religiosa quando o adepto recebe força e luz, revelando a sacralidade de uma maneira integral aos olhos de seus membros.

CAPITULO 2: RELIGIÃO, SAÚDE E JUVENTUDE

"A experiência concreta do sagrado não é [só] uma experiência do sobrenatural, mas uma maneira transformada de cuidar do mundo humano."

Thomas Csordas

Abordando aspectos da religião, religiosidade e espiritualidade que podem produzir resultados na saúde física e mental, e na qualidade de vida dos jovens, destacam-se no contexto, algumas pesquisas que revelam os impactos do envolvimento em práticas religiosas na prevenção e abuso de substâncias psicoativas. Evidenciando que a religião permanece como valor de busca vivencial importante para os jovens, como formas inovadoras de expressar e se relacionar com o sagrado, e também como campo de sociabilidade matizado por outros interesses, como a arte, a saúde e estilos de vida diferenciados.

Na atualidade é reconhecida a influência da religião, religiosidade e espiritualidade na forma como os sujeitos lidam com a experiência de saúde-doença. Independente de adotar qualquer posição ontológica sobre a realidade de Deus ou sobre o reino espiritual tem sido crescente o interesse em observar a associação entre as crenças e comportamentos humanos com os resultados de saúde (MOREIRA, A. A. *et al.*, 2006). O reconhecimento oficial da importância desta associação ocorreu quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu os aspectos relacionados à religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais em seu instrumento de avaliação de qualidade de vida, o *World Health Quality of Life Instrument-WHOQOL-100* (OMS, 2009).

Na perspectiva das Ciências Sociais, os estudos sobre o fenômeno religioso têm sido privilegiados pela Sociologia e Antropologia ao longo de sua constituição. É pertinente dizer, que tal fenômeno é inseparável do objeto de interesse destas ciências desde o seu nascimento enquanto disciplinas científicas até os dias de hoje. Importantes cientistas sociais desenvolveram compreensões sistemáticas das antigas e recentes dinâmi-

cas da religião e da religiosidade. Autores clássicos como Max Weber, Emile Durkheim, Marcel Mauss e Georg Simmel, com perspectivas diferentes, dedicaram-se ao estudo dos fenômenos religiosos.

A abordagem sociológica do fenômeno religioso privilegia o papel da religião na sociedade. É um modo de perscrutar a religião realçando os aspectos sociais da crença e da prática religiosa. Nesta perspectiva, busca-se compreender a interdependência entre vida religiosa e o contexto social. Desse modo, a religião é simultaneamente individual e social. Mesmo as experiências místicas mais intensamente subjetivas são atribuídas um significado através de símbolos, socialmente disponíveis e tem valor, em parte, devido às interpretações culturalmente estabelecidas dessas experiências (MACRAE, 1992).

Segundo o antropólogo Marcel Mauss (1974), a religião é compreendida como um "fato social total", a partir da investigação da dimensão da dádiva, o autor examina a rede de reciprocidade que envolve múltiplas dimensões de análise, procurando integrar aspectos históricos, psicológicos e sociológicos. Dessa forma, ele concede um espaço à dimensão psíquica e da individualidade, haja vista que sua definição de religião remete para a interiorização, transformada em parte essencial da personalidade dos indivíduos.

Por sua vez, Clifford Geertz (apud TEIXEIRA, 2011), realça que a religião opera uma convergência entre duas dimensões. De um lado estão as ideias mais abrangentes sobre ordem que estão na visão de mundo que remete para a metafísica, a cosmologia e a ontologia. De outro, está o *ethos* que evoca os valores, o estilo de vida e as disposições morais e estéticas. Assim, a religião para Geertz articula dimensões intelectuais e emocionais que evocam concepções de realidade e valorizações morais culturalmente construídas. Para o religioso, há uma conexão intelectual e emocional entre os valores que mantém e a estrutura que considera inerente a realidade. E existem vínculos necessários entre o modo como se deve viver e o modo como às coisas são. Os símbolos religiosos consistem em uma modalidade dos símbolos culturais, que funcionam impondo significa-

dos à experiência (GEERTZ, 1978). Esta discussão fortemente teórica é pertinente ao tema tratado neste estudo, pois fornece um enquadramento conceitual importante para se entender o comportamento religioso associado à juventude e ao consumo de drogas. Neste sentido, encontramos com frequência na literatura sobre o tema "religiosidade e drogas", o foco maior no papel da religiosidade para a prevenção primária do consumo de SPAs e, também, o da espiritualidade no que diz respeito ao tratamento da dependência química (SANCHEZ *et al.*, 2004).

Os termos religião, religiosidade e espiritualidade recebem conceituações diferentes. Embora exista um infundável debate epistemológico sobre estes conceitos, para o entendimento do contexto utilizamos os mesmos com as seguintes definições: religião é um sistema formal, institucionalizado e organizado de crenças, doutrinas, práticas rituais e símbolos, que os indivíduos aderem para facilitar a proximidade com o sagrado ou o transcendente. A crença principal é na existência de um poder criador e controlador do universo, que provê aos seres humanos uma qualidade espiritual que existirá além da morte. Na clássica definição de Durkheim (1989, p. 137),

[...] uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, ou seja, separadas, interditas; crenças e práticas que se unem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que aí aderem.

A religiosidade, segundo Miller (1998), consistiria na crença e prática dos fundamentos propostos por uma religião, expressões de fé, participações em rituais religiosos, ações políticas e sociais, de fraternidade e compaixão. Pode ser medida pelo envolvimento e engajamento em determinadas práticas, entendidas como meios que oferecem a salvação. Expressam-se no estilo de vida do adepto, nos ensinamentos adotados em comportamentos religiosos ritualizados, ligados a lugares, templos e símbolos religiosos, normalmente são compartilhados em

grupos, possibilitando a construção de uma identidade religiosa e sentimento de pertencimento a uma comunidade particular.

Por sua vez, a espiritualidade é uma experiência individual e única, traduzindo-se por uma dimensão de força interior de uma pessoa, que pode ou não incluir a crença em um "Deus" e a participação religiosa formal. É um conceito complexo e abstrato, envolve uma dimensão vertical e outro horizontal. O componente vertical envolve a vivência da transcendência num sentido religioso, sendo responsável pela ligação do "eu" com o universo, ou Deus, com os outros e a natureza; é caracterizado por um modo de viver as relações entre o indivíduo e o transcendente. O componente horizontal é existencial, envolve um sentido de propósito e satisfação com a vida; engloba a busca do bem-estar, vitalidade e crescimento, além da percepção do significado a eventos da vida e do mundo, como também a busca por respostas para as perguntas fundamentais sobre a vida, acerca da construção de significados para a nossa condição existencial, e daquilo que realmente valeria a pena viver. Assim, a espiritualidade está para além da religiosidade e da religião (SULLIVAN, 1993; DALGALARRONDO, 2008).

Desde o século passado, muitos estudos vêm sendo realizados nas áreas médicas, psicológicas e antropológicas. Partindo de diferentes perspectivas, tais estados demonstram evidências da influência da religião e da espiritualidade na promoção da saúde. Somente no século XX, na Europa e Estados Unidos, foram divulgados mais de 1.200 artigos (HOENIG *et al.*, 2001), com resultados de pesquisas que examinaram a relação entre religião e saúde. Hoenig, Mccollough & Larson identificaram 850 estudos associando religião e saúde mental, além de toda uma série de artigos publicados de 2000 a 2006 (MOREIRA *et al.*, 2006), com pesquisas realizadas no Brasil.

Moreira *et al.*, (2006), mapearam alguns mediadores que estão presentes neste campo de pesquisa, para estudar a influência da religião na saúde humana:

- Doutrinas religiosas que prescrevem ou proíbem comportamentos e estilos de vida que podem influenciar a saúde, tais como: alimentação (dietas, jejum), uso de substâncias (Hoas-

ca, Jurema, *Peyote*), cuidados com o corpo (limpeza, descanso, sexualidade, etc.);

- O apoio social e cuidados recebidos ou não pelo grupo de pertença religiosa. Isto pode proporcionar "liga" para a coesão social e o fortalecimento do sentimento de pertença. Dependendo da natureza do suporte social, pode diminuir os impactos do estresse, sofrimento, dor, ansiedade e outras emoções;
- Os processos cognitivos que são influenciados pelas crenças religiosas, modulam o enquadre no qual as pessoas lidam com o futuro, os problemas da vida, história pessoal e coletiva. Por um lado, eles têm potencial para aumentar a resistência e a resiliência, gerar paz, autoconfiança, autoperdão, autoimagem positiva, sentido e significado para a vida; por outro, pode gerar culpa, dúvidas, exagerado senso crítico, ansiedade, etc.;
- As práticas religiosas podem auxiliar os adeptos a lidar melhor com uma série de problemas, como desânimo, apatia, medos, frustrações, produzindo catarses, promovendo estados ampliados de consciência; mas podem gerar desgastes físicos e emocionais extensivos que podem dificultar a saúde;
- A direção espiritual estabelecida na relação entre os dirigentes religiosos e os seguidores, fornece a construção de referenciais, de modelos, que podem contribuir ou não com a saúde geral dos indivíduos.

Um fator que parece determinante na relação entre religião e saúde é o nível de envolvimento dos afiliados. No mesmo estudo, em torno de 80% dos resultados verificados com sujeitos investigados demonstraram maior engajamento religioso, observou-se aumento do autoconhecimento, estabilidade emocional, paz, resistência física e emocional, autoconfiança e autoimagem positiva. Também foram observados redução de estresse, medo, ansiedade, sentimentos de inferioridade, desânimo, depressão e redução do uso/abuso de drogas psicoativas lícitas e ilícitas, entre outros problemas de saúde (MOREIRA *et al.*, 2006).

Por outro lado, existem religiões cujos credos e práticas não favorecem a promoção da saúde em vários aspectos. Isto ocorre, especificamente, quando "há incentivo a culpa, sem orientação para um processo de ressignificação, levando a sensação de abandono, vulnerabilidade e baixa autoestima; ou quando diminui a liberdade individual através de rigorosas cobranças de comportamentos e valores que traduz um padrão de conduta moral que parece inatingível; ou comportamento passivo esperando por Deus para mudar a sua situação, redefinindo o estressor como um castigo de Deus ou como um ato do diabo; e ainda, quando existem tendências não favorecedoras da solidariedade, da participação política e da criticidade; criação de ideias fundamentalistas de superioridade ou inferioridade de pessoas ou grupos distintos, tradicionalismo opressivo, permitindo mecanismos de exclusão; proibições de uso de medicamentos e transfusões de sangue, entre outros" (DALGA-LARRONDO, 2008, p. 260). Isto demonstra que a religião tanto pode contribuir para os cuidados de saúde, como contrariamente pode dificultar diversos processos, conforme indica Moreira *et al.*, (2006, p. 242)na citação abaixo:

Às vezes, a religião pode tornar-se rígida e inflexível, e ser associada com o pensamento mágico e resistência. Pode ser útil para integrar a pessoa na sociedade, ou motivá-la a procurar tratamento (promovendo a culpa que motiva o tratamento em um pedófilo, por exemplo). A religião também pode dificultar o tratamento se proíbe a psicoterapia ou o uso de medicação. No Brasil, onde as mudanças religiosas estão ocorrendo rapidamente, a pobreza e a falta de educação pode tornar as pessoas vulneráveis ao abuso espiritual.

Assim, é necessário considerar o contexto histórico e os significados e interpretações culturalmente estabelecidas de determinadas crenças e práticas religiosas, para analisar como

tais experiências são vivenciadas e que tipo de impacto pode ter na saúde física, mental e qualidade de vida das pessoas.

2.1 Religião e prevenção ao abuso de substâncias psicoativas

"A experiência religiosa não é uma fuga para a irrealidade e a mistificação, mas a intensificação do contato entre o sofrimento e a esperança, onde o choque angustiante da vida nua e da existência emerge."

Thomas Csordas

Por se tratar de um fenômeno complexo que tem influências de fatores genéticos, psicológicos e sociais, a relação entre religiosidade e uso de SPAs por jovens e adolescentes tem sido objeto de investigações multidisciplinares. Segundo Dalgalarondo (2004), tanto o envolvimento com o uso de SPAs quanto à prática religiosa, são dimensões muito significativas da experiência pessoal e social destas pessoas. E tais experiências têm impacto significativo sobre a saúde física e mental, sobre comportamentos de risco e sobre o desenvolvimento psicossocial dos jovens e adolescentes. Alguns estudos realizados em diferentes contextos socioculturais, inclusive no Brasil, indicam um importante efeito da afiliação religiosa e de diferentes dimensões da religiosidade associadas à modulação do uso de álcool e drogas em adolescentes e jovens (DALGALARRONDO *et al.*, 2004; SANCHEZ *et al.*, 2004).

Há, ainda, uma importante literatura que pretende examinar os principais estudos científicos que tratam do papel da religiosidade no tratamento e na prevenção do consumo de drogas. Tais estudos têm apontado para evidência de que as pessoas que frequentam regularmente um culto religioso, ou que dão relevante importância à sua crença religiosa, ou ainda que pratiquem, no cotidiano, as propostas da religião professada, apresentam menores índices de consumo de drogas lícitas e ilícitas. As evidências apontam para a existência de uma associa-

ção positiva entre o não consumo nocivo de drogas e os altos índices de religiosidade que, em particular, são expressos pela frequência de participação nas igrejas e pela importância dada à religião professada (DALGALARRONDO, 2007;SANCHEZ&NAPPO, 2007).

Conforme Parfrey (apudSANCHEZ & NAPPO, 2007), uma das pesquisas mais antigas que se referem à relação existente entre a religião e drogas, foi realizada na Irlanda com 458 universitários. O estudo demonstrou que em populações de estudantes adolescentes e jovens, verificou-se a associação entre não ter religião (ou pertencer a denominações mais liberais), ter pouca crença religiosa, não frequentar igreja e cultos e apresentar maior uso de álcool e drogas. Notou-se maior consumo de álcool entre os estudantes com menor crença em Deus e menor frequência aos cultos religiosos. Vale ressaltar que, estes resultados que avaliaram correlação entre a religiosidade e o consumo de drogas foram gerados a partir de meios estatísticos, sem focar os mecanismos estruturais do fenômeno.

Em outra pesquisa realizada em diversas bases de dados (*MEDLINE, LILACS, SCOPUS*, dentre outras), Ribeiro e Minayo (2013), procuraram avaliar o papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação e recuperação de pessoas envolvidas com a criminalidade. As autoras selecionaram e analisaram 29 estudos entre 1990 e 2011 nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. Os resultados apontam a função do grupo e o papel da religião na reabilitação de pessoas, na prevenção do envolvimento com a criminalidade, em orientações correcionais e em situações de desigualdade social, sejam elas de ordem econômica, política ou cultural. No mesmo estudo foi feita uma discussão dos principais temas encontrados, destacando-se a multiplicidade de funções da religião, sua atuação junto às pessoas encarceradas, como base de apoio e controle social, e sua influência na promoção da saúde mental e da qualidade de vida. Entrevistando sessenta e dois jovens entre usuários e não usuários de drogas, foram identificados, entre os fatores protetores mais citados, a estrutura familiar e a religiosidade. As autoras, por fim, destacam a contribuição que as religiões podem trazer para a prevenção da violência e para

a reabilitação de pessoas, mesmo que tal condição não seja consensual entre os pesquisadores da área.

No campo de estudo que envolvem as religiões hoasqueiras brasileiras, além do projeto Hoasca, já citado anteriormente, outras pesquisas têm sinalizado que estas religiões atuam como reestruturadoras em relação ao desequilíbrio pessoal, familiar e social de seus adeptos, os quais estão sob a pressão de diversas situações da vida, inclusive pelo uso de SPAs lícitas e ilícitas. Estas constatações estão presentes nos resultados de diversos estudos etnográficos, a exemplo dos trabalhos de Cemin (2000a, 2000b), Labigalini (1998), Ricciardi (2008), Souza (2010), Gomes (2011), Fernandes (2012), Mizumoto (2012) e Luz (2015).

Além disso, o uso ritual da Hoasca tende a reforçar os mecanismos estruturadores da sociedade, como a coesão hierárquica e a harmonia com a natureza (COUTO, 1989). Por sua vez, Edward Macrae (1992) observou também que os rituais religiosos produzem efeitos estruturantes, haja vista que a participação regular nestes rituais expressa valorização da autodisciplina, possibilitando aos adeptos direcionarem suas vidas e tornarem-se mais eficazes nas atividades do dia a dia.

O projeto intitulado "Hoasca na Adolescência" foi a concretização de uma pesquisa, para responder as questões de segmentos do governo e da sociedade relativas aos possíveis prejuízos à saúde e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes usuários do chá Hoasca, frequentadores do CEBUDV. Questionaram também os aspectos psicossociais gerados pelo exemplo dos pais que poderiam predispor estes adolescentes ao uso e abuso de outras substâncias psicoativas. A investigação foi desenvolvida por uma equipe binacional de pesquisadores da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA) e da Universidade Federal de São Paulo (BERNARDINO-COSTA org., 2011) e os resultados foram publicados no *Journal of Psychoactive Drugs*, em 2005. Foram realizados testes psiquiátricos em 40 adolescentes membros da comunidade do CEBUDV, sendo comparados com 40 adolescentes de um grupo controle, pareados em sexo, idade e educação, com escalas de triagem para depressão, ansiedade e uso de álcool. Foi avaliada a saúde física

e mental, assim como o comportamento de adolescentes usuários do chá nos rituais religiosos da CEBUDV, para verificar se o consumo da Hoasca por longo prazo ocasionaria prejuízos ao seu desenvolvimento. Foram também avaliados os padrões de uso de outras SPAs de acordo com os critérios da Organização Mundial de Saúde: uso pontual ao longo da vida, uso no ano anterior e uso recente de uma variedade de substâncias psicoativas. Os resultados comprovaram que os adolescentes do CEBUDV, mostravam-se com desenvolvimento físico e mental semelhante ao grupo comparado, e ainda sugeriram que o uso da Hoasca, poderia ter um efeito protetor contra o abuso de álcool e de outras substâncias psicoativas.

Foram encontradas ligeiras diferenças em favor do grupo hoasqueiro em termos de menores sintomas de ansiedade, menores distorções da imagem corporal e menores transtornos de déficit de atenção, assim como baixas frequências de sintomas psiquiátricos (DOERING-SILVEIRA *et al.*, 2011).

Na mesma pesquisa também foram identificadas diferenças significativas de personalidade (GROB *et al.*, 2011). Os sujeitos do grupo hoasqueiro foram considerados mais confiantes, otimistas, extrovertidos, energéticos, persistentes, reflexivos, e com marcação superior em medidas de desejabilidade social, emocional e maturidade. Esses resultados, segundo os pesquisadores, provavelmente refletem o forte sentimento de pertença a uma comunidade religiosa hierarquicamente estruturada, aspectos que foram analisados através das pesquisas de Andrade (1995), Brissac (1999), dentre outras.

No mesmo Projeto Hoasca, foram conduzidas investigações psicoculturais (DOBKIN; GROB; LOPEZ; SILVEIRA; ALONSO & DOERING-SILVEIRA, 2005), utilizando-se métodos qualitativos com entrevistas e grupos focais, visando compreender e complementar os estudos quantitativos realizados. Os dados qualitativos mostraram que os adolescentes do CEBUDV, parecem saudáveis, pensativos, atenciosos e ligados a suas famílias e colegas religiosos. Os dados foram coletados entre 56 voluntários adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, em três cidades do Brasil (São Paulo, Campinas e Brasília).

lia). O grupo controle foi constituído por voluntários das mesmas escolas que os adolescentes da UDV. A amostra retirada foi basicamente urbana, composta por estudantes de classe média e média-alta.

De um ponto de vista antropológico, os dados obtidos da observação participante e de entrevistas, permitiram uma melhor compreensão do contexto social em que o uso da Hoasca ocorre entre os próprios adolescentes, comparados ao grupo controle. Foram incluídas as descrições de crenças religiosas, organização social, entre outros aspectos. Os pesquisadores Ddobkin; Grob; Lopez; Silveira; Alonso & Doering-Silveira(2005), utilizaram uma perspectiva teórica que compreende a cultura, a sociedade e o comportamento humano não apenas como um conjunto aleatório de ocorrências que se desenvolvem com ou sem razão, mas sim, como o resultado da interação de variáveis que influenciam a condição humana, com correlações de duas ou mais variáveis que interagem em conjunto. Segundo os pesquisadores, nenhum aspecto da cultura e da sociedade pode ser completamente compreendido por qualquer causa única ou variável independente. Assim, eles trabalharam com hipóteses multidimensionais, onde muitas variáveis interagiram umas com as outras, dando origem a uma perspectiva holística, na tentativa de entender o sistema sociocultural através das interligações entre estas variáveis.

Os jovens foram questionados sobre responsabilidade, condições de moradia, qualidade de vida em casa, relações com seus pais e amigos, expectativas de futuro e opções de carreira, valores morais e éticos, afiliação religiosa, experiência com drogas lícitas e ilícitas, experiência sexual e percepção da violência e da corrupção na sociedade. Estes aspectos relacionados a diferentes dimensões da sociabilidade, alienação e integração social foram examinados dentro da sociedade. Em linhas gerais, o grupo do CEBUDV parece ser mais responsável, respeitoso e preocupado com o bem-estar dos outros. Eles também tendem a ser menos conflituosos e apresentaram maior otimismo e autocontrole. Também parece haver uma melhor qualidade de vida em casa, com relacionamento mais próximo com seus pais quando comparados ao grupo controle. Eles não diferem

significativamente em relação à virgindade ou uso de drogas, exceto a Hoasca que é usada sacramentalmente. Neste sentido, os dados qualitativos foram bastante reveladores ao demonstrar que os jovens hoasqueiros parecem ser saudáveis, pensativos, atenciosos e vinculados a suas famílias e a parceiros religiosos (RIOS; GROB; LOPEZ; SILVEIRA; ALONSO & DOERING-SILVEIRA, 2005).

De outra parte, podemos observar pela literatura levantada, que tanto em estudos com contornos mais qualitativos e etnográficos: Cemin(2000); LabigalinI, (1998); Ricciardi(2008); Souza(2010); Gomes, (2011); Fernandes(2011); Mizumoto(2012); Ribeiro & Minayo(2013), Luz(2015), quanto naqueles de traços mais quantitativos e epidemiológicos (DALGALAR-RONDO, 2007; SANCHEZ & NAPPO, 2007), a dimensão da religiosidade/espiritualidade é levada em conta de inúmeros modos. Ambas as vertentes da pesquisa, tendem a focar mais o papel da religiosidade conectada as religiões para a prevenção primária do consumo, como também no tratamento do abuso e dependência de substâncias psicoativas.

Para aprofundar o entendimento dos sujeitos desta investigação, discuto as principais tendências das Ciências Sociais na análise da categoria juventude (s), abordando alguns dados relativos ao complexo fenômeno da juventude(s) na interface com a (s) religião(ões) no Brasil.

2.2 Juventude e comportamento religioso

"A juventude é um retrato projetivo da sociedade"

Helena W. Abramo

Juventude é um conceito relativamente novo. Foi concebido histórico e sociologicamente a partir da segunda metade do século XIX, com as várias mudanças que ocorreram nas relações entre família, a escola e o trabalho. Isto se deu quando emergiram problemas e tensões que envolviam os jovens, ao ponto de alcançarem as dimensões e caracterizações relativas a problemas sociais, tornando-se objeto de estudo sociológico.

São problemas relacionados à escola e aos pais, a inserção profissional, ao uso nocivo de drogas, a delinquência, a marginalidade. Paralelamente, ocorreu a atuação dos poderes públicos através de legislações e medidas socioeducativas, visando pela via institucional, sanar tais problemas.

Por se tratar de um conceito socialmente construído, não há uma categoria única de juventude que possa abarcar os campos de estudo que lhe são associados. Logo, diferentes juventudes e diferentes maneiras de olhar estas juventudes corresponderão a diferentes teorias. Para Paes (1990, p.4):

A segmentação do curso de vida em sucessivas fases é, por conseguinte, produto de um complexo processo de construção social. Determinadas fases da vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de problemas sociais.

José Machado Paes (1990) propõe agrupar essas posições em duas correntes: a corrente geracional e a corrente classista. Cada uma delas tem uma procedência. Mas, o interessante é que ele propõe que o estudo da juventude seja realizado a partir dos dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros) (PAES, 1990).

A corrente geracional tem longa tradição na sociologia da juventude, toma como ponto de partida a noção de juventude quando referida a uma fase da vida. E enfatiza o aspecto unitário da juventude. O foco principal em discussão é a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais, cujo quadro teórico dominante baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo, principalmente os trabalhos de T. Parsons e na teoria das gerações, na linha do trabalho clássico de K. Mannheim. No quadro das teorias funcionalistas, trata-se do processo

de socialização, e consideram-se os conflitos ou descontinuidades intergeracionais como "disfunções" nos referidos processos. Já a teoria das gerações, toma as descontinuidades como objeto de estudo, admitindo por hipótese o fato de que cada geração social só ficará **determinada mediante uma autorreferência** a outras gerações; das quais se vê distinta (PAES, 1990).

O fato é que em ambos os focos da corrente geracional, a base de formação da juventude seriam as descontinuidades intergeracionais que consolidariam a categoria juventude, "enquanto uma *geração social*, distinta da geração biológica (intervalo de tempo que abrange o número médio de anos que decorrem entre certo ano e aquele em que nascem os filhos do indivíduo) e da geração demográfica como simples agregado estatístico de indivíduos cujas idades se situam dentro de certos limites" (PAES, 1990, p. 151).

Para geração social, A. Seda Nunes designa as seguintes características: constituídos por indivíduos cujas idades se concentram dentro de um intervalo relativamente estreito, cujos membros serão portadores do sentimento comum de se encontrarem coletivamente em presença, na sociedade, de outros grupos distintos do seu. Formados quer "por indivíduos mais velhos ou mais novos; e se percebem com significativas diferenças etárias, nas diferentes referências sociais e culturais" (PAES, 1990, p. 152).

Nesta perspectiva, a cultura juvenil é entendida como oposta a cultura de outras gerações, dos adultos. Esta oposição poderá gerar diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, falando-se ora de socialização contínua, ora de rupturas, conflitos ou crises intergeracionais.

A socialização contínua ocorre quando os jovens são socializados segundo as normas e os valores predominantes entre as gerações que antecederam. Estas teorias para Paes (1990, p. 153),

[...] foram dominantes nos anos 50, quando os médicos e psicólogos detinham a hegemonia do discurso sobre os jovens,

relacionando a adolescência à crise da puberdade e, definindo a juventude como um período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir à vida adulta. Neste período, adquiriram relevância os conceitos de identidade e autonomia juvenil. Já nos anos 60 a sociologia da juventude, ainda com o funcionalismo começa a explorar a juventude como "fonte de problema", mas em seguida reconheceram-se as atitudes positivas dos jovens perante a família, a escola e a autoridade.

Na corrente geracional, "a renovação e a continuidade da sociedade dependeria da relação entre as gerações, dialeticamente submetidas a uma ou outra forma de tensão" (PAES, 1990, p. 153). Nesta corrente, os indivíduos vivenciam e compartilham de modo semelhante, o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, se reconhecendo membros de uma mesma geração, e não como sujeitos de uma classe social (como é defendido pela corrente classista). Embora possa haver diferentes perspectivas de vida, algumas perspectivas seriam propriedade comum de todos os membros de uma geração, numa dada estrutura social. Tais perspectivas encontrar-se-iam sedimentadas em crenças e valores comuns que definiriam a realidade para cada geração.

Inúmeras críticas são endereçadas a corrente geracional. A mais contundente, segundo Paes (1990), é de se olhar a juventude como uma entidade homogênea, possibilitando visões distorcidas e generalizadas quando se estudarem, por exemplo, os "comportamentos desviantes" dos jovens ao se tomar a juventude "marginal" como toda a juventude. Ou, quando se toma a juventude como uma categoria etária, sendo a idade uma variável tão ou mais influente que outras variáveis socioeconômicas; e/ou fazer uma correspondência nem sempre ajustada entre faixa etária e um universo de interesses culturalmente comuns.

Na corrente classista, as culturas juvenis são entendidas como produto de relações antagônicas de classe, isto é, uma cultura de classe. Apresentada muitas vezes como "cultura de resistência", cujos rituais acabariam sempre por manifestar uma

capacidade de resistência, sempre com um significado político. "As distinções simbólicas entre os jovens, como diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo, etc., são sempre vistas como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intraclassista" (PAES,1990, p. 158).

As críticas a corrente classista, referem-se à dificuldade em se dar conta de explicar alguns fenômenos que unem jovens de diferentes condições sociais a valores relativamente semelhantes, como a importância do dinheiro, a convivialidade, a moda, a música, o esporte, a sexualidade, a religião, etc. Não é possível compreender tais fenômenos somente à luz das determinações sociais e do posicionamento de classe. Para Paes (1990), esses processos têm também de ser compreendido à luz das lógicas de participação ao nível de diferentes sistemas de interação locais, através dos quais também se modulam e afirmam as trajetórias sociais dos jovens. Estas trajetórias, podem contrariar a "causalidade do provável", porque podem haver percursos de mobilidade social que vão além do esperado, mesmo considerando os "determinismos sociais" e "campos de possibilidades" rígidos e constrangedores, em que a maioria dos jovens está inscrita. Paes (1990, p.163) lembra que "a vida não se encontra prefixada; as trajetórias individuais são também imprevisíveis, como acontece com a própria vida. O caráter súbito e imprevisto é essencial à vida cotidiana".

Enfim, o autor propõe uma exploração mais dinâmica, com a busca do sentido antropológico do conceito de cultura juvenil. De modo que específicos modos de vida e práticas cotidianas expressam certos significados e valores, ao nível da própria vida cotidiana. Torna-se importante questionar se os jovens compartilham os mesmos significados. E se o fazem, é de modo semelhante? E por qual razão compartilham ou não os mesmos significados, de forma semelhante ou diferente? De acordo com Paes (1990, p. 173):

Para responder estas interrogações, torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus contextos vivenciais, cotidianos – porque é cotidianamente,

isto é no curso de suas interações, **que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articula com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação.**

Luis Antônio Groppo (2010) afirma que foram as interpretações sócio-históricas, desenvolvidas a partir os anos de 1970, que vieram pôr em discussão mais seriamente os modelos de explicação da juventude anteriores. O exemplo das concepções «pós-modernistas» de David Harvey (1992), que põe em questão os efeitos das transformações no modo de sentir o tempo e o espaço, caracterizados pela vivência do imediato e a vigência do instantâneo – tendências marcantes das juventudes modernas. Ele cita o estudo de Postman (1999), que demonstrou a influência das mídias eletrônicas, a partir da segunda metade do século XX, no sentido de provocar, notadamente, o “embaralhamento” da infância e da maturidade, ou seja, o embaralhamento dos atributos e *status* modernamente relacionados à infância e à maturidade. Groppo (2010, p. 4) cita também a perspectiva teórica de Baudrillard (1972, 1991; cf. SANTOS, 1992):

[...] da “juvenilização da vida”, fenômeno no qual a juventude, como vivência real, identidade sociocultural efetiva e símbolo carregado de possibilidades de ruptura histórica e contestação, são re-codificados como “juvenildade”, isto é, torna-se um «signo», esvaziado de sentidos autênticos produzidos pela vivência social concreta. A juvenildade passa mesmo a determinar aos indivíduos a maneira mais legítima de vivenciar o que seria a juventude, a partir do consumo de dados produtos e atitudes indicados pela «sociedade de consumo».

Já a tese da moratória juvenil, reúne as duas dimensões que compõem a condição juvenil, quais sejam, o movimento que congrega a integração social e a autonomia juvenil. Para Groppo (2010), tenta-se de modo inconsistente acomodar e neutralizar

a dialética da condição juvenil, usando o termo experimentação, como aquele que contém "o elemento da autonomia, um aspecto atrativo da juventude a se viver no momento presente [...] Trata-se da possibilidade da juventude ser vivida, nos termos de Marialice Foracchi (1972), inspirada em Mannheim (1961), como uma vinculação experimental com a realidade e os valores vigentes" (GROPPO, 2010, p. 5). Nesta perspectiva, o tempo presente torna-se o único aspecto relevante a partir de agora para se entender a condição juvenil, e a vida toda passa a ser a de uma constante experimentação e adequação permanente a um mundo mutante.

Nas pesquisas atuais se observa um "alargamento" conceitual, principalmente quando se introduz o tema da religião nos estudos sobre juventude. A partir do reconhecimento da diversidade das experiências da juventude, delineiam-se diversas perspectivas de estudos, entre elas a interface entre juventude e religião. São temas transversais que incorporam ao campo das experiências juvenis, suas crenças e comportamentos. Busca-se delinear padrões de mudanças religiosas, formas de incorporação de crenças, práticas e comportamentos religiosos dos jovens na sociedade contemporânea. Segundo Tavares e Camurça (2004, p. 23, 42 e 43).

O que se constata através do adensamento destas pesquisas é uma intensificação da comunicação de identidades, realidades sociais e culturais e experiências geracionais, tornando bastante complexo o fenômeno da(s) juventude(s) na interface com a (s) religião (ões). [...] os trabalhos que vem formando o campo de estudo de "juventude e religião" [...] não escapa das clivagens teóricas do campo acadêmico de análise da juventude em geral, polarizando, de um lado, pela ênfase nos marcos geracionais e de outro na pluralidade de formas de "ser jovem". Acrescentando [...] questões como o papel da religião na modernidade e no Brasil, secularização e sincretismo com todo o seu corolário.

Por sua vez, Regina Novaes (2005), considera muito desafiador compreender as experiências dos jovens de hoje, a partir das classificações e conceituações existentes. Na relação juventude e religião, é complexo, compreender o "quanto", "como" e "quando", o pertencimento, as crenças e identidades religiosas influenciam opiniões, percepções e práticas sociais dos jovens dessa geração. Trata-se de "encontrar instrumentos de análise e caminhos de reflexão para compreender melhor os efeitos das escolhas, pertencimentos e identidades religiosas em diferentes áreas da vida social" (ABRAMO *et al.*, 2005, p.265).

A crescente adesão dos jovens a movimentos religiosos intensificou-se na virada do milênio. Um exemplo que podemos citar é a formação de diversos grupos de *rap gospel* e *rap sincrético*, cujas motivações aliam a religiosidade à arte, a cultura e a outras causas, matizando os espaços de experiências religiosas. É evidente que a vivência religiosa como expressão cultural tem ocupado um importante papel na vida dos jovens na atualidade, no Brasil.

Segundo Cardozo(2010), a religiosidade se constitui numa dimensão fundamental na vida dos jovens, e o vínculo com identidades religiosas compõem os pilares básicos na construção social do jovem, como também na sua cosmovisão de mundo e de sociedade. Se a religião permanece como valor de busca vivencial entre os jovens brasileiros, estes vêm criando formas inovadoras de expressar-se e de se relacionar com o sagrado, dentro ou fora das instituições religiosas.

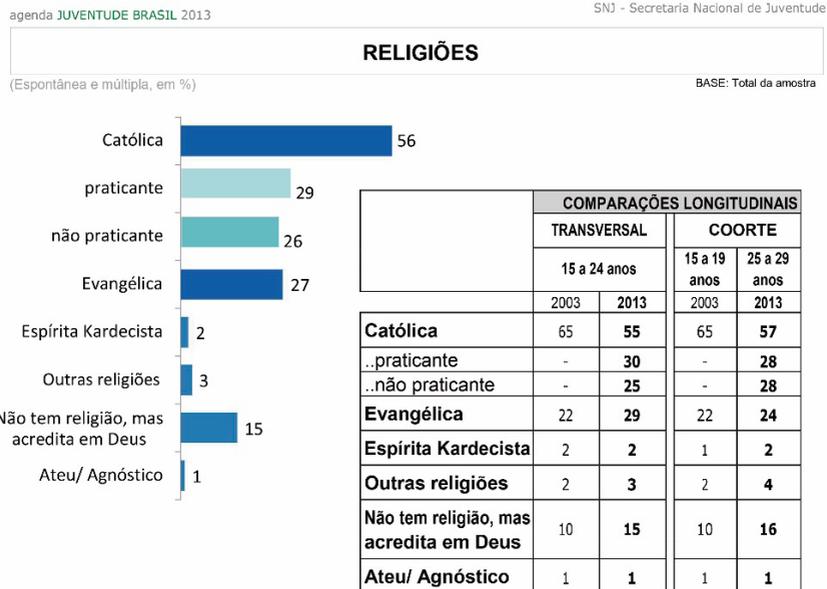
Os resultados de duas pesquisas - O Perfil da Juventude Brasileira (2003)¹⁴, e o Perfil e Opinião da Juventude (2013)¹⁵- confirmam as afirmações acima. Em ambas, os jovens que mantêm o mesmo percentual de 1% daqueles que se declaram ateus.

14 Estudo quantitativo, realizado em áreas urbanas e rurais de todo o território nacional, junto a jovens de 15 a 24 anos, de ambos os sexos e de todos os segmentos sociais. Os dados foram colhidos em novembro e dezembro de 2003. Realizado pelo Instituto Cidadania em parceria com a Fundação Perseu Abramo.

15 Realizada pela Secretaria Nacional da Juventude no ano de 2013, com população de 15 a 29 anos, residente no território brasileiro. Amostragem: probabilística nos primeiros estágios combinada com controle de cotas de sexo e idade para a seleção dos indivíduos. Amostra: 3.300 entrevistas, distribuídas em 187 municípios, estratificados por localização geográfica (capital e interior, áreas urbanas e rurais) contemplando as 27 Unidades da Federação. Correspondentes a 26,1% do total da população brasileira (Censo 2010 – IBGE). <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>

Podemos observar também uma tendência de aumento entre os jovens que não têm religião, mas acreditam em Deus.

Figura 2 - Religiões



Fonte: Secretaria Nacional da Juventude (IBGE, CENSO, 2010).

Regina Novaes (2005) considera surpreendente o lugar que a religião ocupou entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir tanto com os pais, quanto com os amigos e a sociedade. Além disso, 15% deles afirmam que participam de grupos de jovens, e no topo do *ranking* estão os "grupos de igreja", destacados também quando a pergunta foi sobre participação em associações e entidades. Outro resultado surpreendente foi a importância dada para as principais coisas que eles gostam de fazer no fim de semana: "ir à missa/igreja e ao culto" e, dentre os valores mais importantes citados para uma sociedade ideal, um número significativo de jovens respondeu "temor a Deus".

Confirmando que a religião continua sendo um tema importante para os jovens na atualidade, na pesquisa Perfil e Opinião da Juventude (2013), indagou: Quais destes assuntos ou

temas são os três que você mais gostaria de discutir com os seus pais ou responsáveis, com a sociedade e com amigos? A Religião ficou em 5º lugar no ranking, tendo respectivamente em 1º lugar, Educação e Futuro Profissional; 2º lugar, Violência; 3º lugar, Drogas; e 4º lugar, Desigualdade Social e Pobreza (IBGE, CENSO, 2010).

Figura 3 – Assuntos que gostaria de discutir com os pais ou responsáveis com a sociedade e com os amigos

ASSUNTOS QUE GOSTARIA DE DISCUTIR COM OS PAIS OU RESPONSÁVEIS, COM A SOCIEDADE E COM AMIGOS						
	pais ou responsáveis		sociedade		amigos	
	%	Ranking	%	Ranking	%	Ranking
Drogas	31	3º	38	3º	41	1º
Violência	32	2º	38	2º	30	3º
Educação e futuro profissional	45	1º	25	6º	29	4º
Desigualdade social e pobreza	27	4º	40	1º	19	8º
Cidadania e direitos humanos	21	6º	32	5º	13	10º
Racismo	16	9º	25	7º	23	6º
Política	14	10º	33	4º	12	12º
Sexualidade	17	8º	9	10º	31	2º
Religião	24	5º	10	9º	15	9º
Meio-ambiente e desenvolvimento sustentável	11	11º	24	8º	12	11º
Relacionamentos amorosos	17	7º	2	12º	26	5º
Artes (música, teatro, literatura etc.)	8	12º	4	11º	21	7º
Nenhum/ mais nenhum (espontânea)	4		0		1	
Não sabe	1		1		1	

Fonte: Secretaria Nacional da Juventude.

É importante observar, conforme mostra a Figura 2, que o tema das "drogas" tem um grande interesse por parte dos jovens e adolescentes, sendo assunto compartilhado por amigos, em primeiro lugar, e por pais/responsáveis e pela sociedade em geral. Isto demonstra a relevância das SPAs atualmente para os jovens, o que confirma que elas fazem parte do cotidiano dos jovens, de diversos modos.

A exemplo de outra pesquisa realizada por Novaes e Mello em 2002, a influência da família na escolha da religião católica pesava apenas para mais de 50% dos entrevistados, os outros citaram a influência de amigos ou agentes religiosos, ou motivos pessoais. Enfim, "é evidente que os jovens que nasceram depois de 1985, estão sendo chamados a fazer suas escolhas num cenário onde existem muitas oportunidades e também competitividade, inclusive no campo religioso" (apudNOVAES, 2005, p.268).

É oportuno lembrar a exposição dos jovens a múltiplas influências, inseridos numa cultura midiática que intensifica, exponencialmente, a difusão dos mais variados tipos de informação, inclusive sobre religiões. Eles passam a conviver com um mundo religioso plural, com a expansão de novas denominações religiosas e com o aumento do interesse por experiências religiosas. Muitos agentes influenciam estas escolhas dos jovens.

Escolher experimentar participar de uma religião hoasqueira torna-se uma alternativa no mínimo diferente, haja vista sua originalidade ritualística, com o uso do chá Hoasca, e com uma cosmogonia que conecta aspectos relacionados à natureza. Jovens e adolescentes pertencentes ao CEBUDV apresentam semelhanças geracionais e culturais com outros jovens brasileiros. Eles se enquadram, na sua maioria, no perfil de pessoas de classe média, vivendo em contexto urbano e com acesso ao ensino privado. De acordo com o observado, e conforme o debate teórico mostrado anteriormente, estas pessoas vivem uma "pluralidade de formas de ser jovem". Isto envolve práticas esportivas, lazer, relação com as mídias digitais, vida familiar, etc. No contexto religioso, enquanto "grupos de igreja", eles constroem identidade particular na condição de hoasqueiros. Neste aspecto, o pertencimento ao CEBUDV é parte desta identidade, sendo uma contribuição própria da religiosidade, como indicou Cardozo (2010).

Como a expansão do CEBUDV da região amazônica para os centros urbanos, ocorreu mais intensamente a partir dos anos de 1980, já existem jovens urbanos que nasceram inseridos

nesta religião. Junto com sua família, alguns chegaram ainda criança e outros chegaram durante ou após a adolescência, ainda não existem dados gerais sobre este aspecto, nem sobre o perfil destes jovens participantes do CEBUDV. Tomo como base o perfil dos jovens do Núcleo Fortaleza onde foi realizado o trabalho de campo.

A experiência de jovens adeptos do CEBUDV é explanada nos capítulos a seguir, analisando os significados que eles dão a experiência religiosa, buscando entender de que forma o uso ritual da Hoasca e as práticas da UDV vivenciadas por eles, influenciam no desenvolvimento de uma conduta de convívio com relação ao uso de SPAs. Os valores e regras de conduta prescrita pela UDV foram observados, e se os mesmos têm alguma relevância reconhecida pelos jovens, no sentido de manterem uma vida estruturada em termos afetivos, familiares e sociais.

CAPÍTULO 3 OS JOVENS DO CEBUDV: PERFIL E PRÁTICAS

“O elemento primordial da religião é fazer o homem agir, na medida em que o torna mais forte, mais capaz, mais cheio de energia vital”.

Raquel Weiss

No contexto a seguir, apresento de modo resumido como o CEBUDV estrutura o trabalho que desenvolve com os jovens ao longo das últimas décadas, para então adentrar no Núcleo Fortaleza, apresentando os perfis sociodemográficos e de afiliação religiosa dos sujeitos participantes, bem como as experiências nos rituais religiosos e nas atividades comunitárias e os impactos das práticas para os jovens. Apresento e analiso também os principais dados colhidos na pesquisa de campo. Inicialmente, trato de modo resumido como o CEBUDV vem estruturando o trabalho com os jovens ao longo destas últimas décadas. Em seguida apresento o Núcleo Fortaleza e os perfis sociodemográfico e de afiliação religiosa dos sujeitos da pesquisa. Depois descrevo as experiências dos jovens nos rituais religiosos e nas atividades comunitárias e os impactos dessas práticas junto aos jovens.

3.1 O centro espírita beneficente união do vegetal e os jovens

A década de 1960 foi o período em que Mestre Gabriel criou o CEBUDV. Desde o início junto com sua família, e com famílias de outros discípulos, algumas crianças e jovens já frequentavam os rituais religiosos (sessões) e bebiam Hoasca, a exemplo de seu filho Jair Gabriel que com nove anos de idade já participava ativamente das sessões.

A partir da década de 1980, quando o CEBUDV se expandiu para algumas capitais do Brasil, é que ocorreram as primeiras sessões dirigidas especialmente às crianças e jovens. A criação de novos núcleos, principalmente nas cidades, aumen-

tou este contingente, haja vista a tendência dos adultos de se associarem e trazerem suas famílias, para o âmbito da religião. Embora não houvesse ainda diretrizes formuladas, muitos núcleos iniciaram a realização de atividades recreativas direcionadas para as crianças e jovens que frequentavam os núcleos, além das participações regulares nos rituais.

Com a regulamentação do uso da Hoasca em rituais religiosos a nível nacional, o CEBUDV normatizou a participação de menores de 18 anos nos rituais religiosos. Os pais ou responsáveis precisam assinar uma autorização formal para os filhos participarem dos rituais e beber Hoasca. As crianças abaixo de 12 anos podem participar de três sessões rituais anuais, no dia das mães, no dia de S. Cosme e S. Damião e no Natal. Os adolescentes a partir de 12 anos podem participar das sessões rituais uma vez por mês, e com 14 anos duas vezes por mês, geralmente acompanhados dos pais ou familiares. Ao completarem 18 anos, os jovens podem tornar-se sócios, e então passam a usar o fardamento padrão para homens e mulheres, pagando a mensalidade com vistas a auxiliarem nas despesas. Estes jovens e adolescentes participam também das atividades comunitárias, como os mutirões para realizar trabalhos de manutenção do Núcleo e do plantio das plantas sagradas *Mariri* e *Chacrona*, utilizadas no preparo da Hoasca, como fazer as mudas, plantar, adubar, podar, colher, nos eventos educativos, recreativos e de estudo.

Na década de 1990, foi elaborado o primeiro Guia de Orientação Espiritual para Crianças e Adolescentes, pela Sede Geral do CEBUDV. E os primeiros Encontros Nucleares e Regionais para Jovens começaram a acontecer, por iniciativa de alguns Núcleos e Regiões Administrativas. Deste período até 2006, cada Núcleo utilizava o Guia de Orientação Espiritual em atividades, conforme entendimento e criatividade de cada grupo. Somente em 2007, é que foi criado o Grupo de Trabalho de Ensino Religioso (GTER), para crianças e adolescentes, com o objetivo de implantar o estudo da metodologia de ensino religioso no CEBUDV. De 2008 a 2013, foi estruturada uma gestão geral, que buscou alinhar a metodologia, acompanhar e analisar a aplicação dos padrões pedagógicos concebidos pelo

GTER. As faixas etárias prioritárias para as atividades são as crianças de 0 a 11 anos de idade e jovens de 12 a 18 anos de idade incompletos.

A partir de 2013, as atividades de educação religiosa foram integradas ao Departamento de Instrução e Doutrinação Espiritual do CEBUDV, passando a ser chamada de Orientação Espiritual da União do Vegetal (OEUDV). Ao mesmo tempo foram realizadas sessões e encontros nucleares e regionais¹⁶ com pais e dirigentes, famílias e jovens, visando o fortalecimento das famílias e dos jovens. Em 2014, as atividades foram direcionadas para o estudo da Identidade caianinha (termo que se refere à Caiano, personagem da narrativa doutrinária do CEBUDV). E vários movimentos culturais protagonizados pelos jovens tem se realizado e vem se expandindo nas várias regiões do Brasil, a exemplo do 1º Encontro de Arte e Cultura realizado pelos jovens da 11ª Região, no estado do Ceará.

Atualmente, as diretrizes do trabalho de Orientação Espiritual estão consolidadas e o engajamento dos pais é fundamental, pois são eles os responsáveis para acompanhar e executar as ações. O Centro procura compartilhar as experiências com acervo de atividades e experiências de vários núcleos disponibilizados na rede social. Há também um banco de ideias e soluções que visam promover, planejar, pensar, sentir e realizar as atividades brincantes sempre que o assunto seja a busca pela espiritualidade com mais integridade e qualidade, gerados por um trabalho comunitário que envolve 436 pessoas, sendo 101 homens e 335 mulheres (OE-CENSO, 2014)¹⁷.

Em 2015, o tema nacional trabalhado com as crianças e jovens, foi "Cidadania: conhecendo as histórias de vida do nosso povo". Buscou-se fazer o resgate da tradição oral. As crianças e jovens foram estimulados a desenvolver o interesse pelas histórias dos mais velhos, que um dia também foram jovens e crianças. Nas atividades eles entrevistaram os filiados mais antigos, fizeram perguntas biográficas para conhecer suas histórias.

16 O CEBUDV é organizado administrativamente em 19 regiões, sendo 17 no Brasil, uma nos Estados Unidos e outra na Europa. Cada região é composta por vários Núcleos ou Centros.

17 Portal da OEUDV: oeadv.org.br.

Figura 4 - Jovens e crianças entrevistando uma sócia antiga no NF



Fonte: DMD Núcleo Fortaleza.

Segundo a equipe coordenadora da OEUDV, o objetivo central desta atividade foi mapear a multidiversidade brasileira de Norte a Sul. As diferenças e semelhanças sócio-culturais-econômicas. O temporal e o atemporal na sucessão natural das gerações com suas crenças e valores. O circunstancial e o imutável.

Foram realizadas também algumas palestras com o objetivo de promover reflexões cívicas, tratando temas como a História do Brasil aos Olhos do Parlamento e do Império a República e Heróis Negros da História do Brasil, entre outros.

3.2 O CEBUDV no Ceará

O CEBUDV iniciou no Ceará, no final da década de 1970, com o retorno à Fortaleza de dois sócios cearenses que moravam em Brasília e Porto Velho, respectivamente. Eles trouxeram a Hoasca de seus Núcleos, se se encontraram e realizaram sessões com seus familiares. Outras pessoas que teriam ido a Porto Velho conhecer o Centro, se aproximaram do grupo, até que foi

autorizada pela sede geral a realização de sessões regulares. Eles foram se organizando e no dia 17 de outubro de 1980, deu-se a fundação do Núcleo *Tucunacá*, primeira unidade administrativa no Ceará.

Quando o Núcleo *Tucunacá* atingiu a quantidade de 180 sócios, ficou difícil receber novas pessoas que estavam querendo participar das sessões. Então, um grupo de 41 sócios se mobilizou e iniciou a organização de novo Núcleo, que viria a se tornar o Núcleo Fortaleza (NF). A primeira sessão deste grupo aconteceu no Núcleo *Tucunacá*, em 13 de fevereiro de 1993, e em 21 de novembro do mesmo ano, iniciaram as sessões nas dependências do NF. Vale ressaltar que, a aquisição do terreno, a construção do templo e outras instalações foram realizadas através de trabalhos voluntários e doações dos sócios.

A partir do Núcleo *Tucunacá*, o CEBUDV se expandiu na região metropolitana de Fortaleza e no interior do Estado, com núcleos na cidade de Sobral e Crato. Atualmente, na Região Metropolitana de Fortaleza existem cinco Núcleos: Fortaleza com 215 sócios, Flor Divina com 202 sócios, *Tucunacá* com 196 sócios, Cajueiro Pequenininho com 120 sócios e Estrela Brilhante com 117 sócios, totalizando 840 sócios. Na faixa etária dos 18 a 29 anos, totalizam em torno de 150 jovens. Isso significa que a população estudada corresponde a 1/3 do total, representando uma parcela significativa de sócios. Além desses filiados, contam com mais 450 membros, que são as crianças e adolescentes menores de 18 anos, de acordo com os dados coletados na pesquisa de campo na secretaria dos Núcleos. É oportuno acrescentar que o perfil social destas comunidades é composto por pessoas de diversos extratos sociais, educacionais e de renda. Assim, encontram-se médicos, funcionários públicos, pequenos empresários, professores, diversos profissionais liberais e autônomos.

3.3 Perfil Sociodemográfico dos sujeitos da pesquisa no Núcleo Fortaleza (NF)

Em 2015, período da realização da pesquisa de campo, o NF fez 22 anos de fundação e conta com 215 sócios, além de 29

crianças de 0 a 11 anos e 19 adolescentes na faixa de 12 a 17 anos. Os sujeitos escolhidos para a pesquisa são os sócios que estão na faixa etária entre 18 e 29 anos, correspondendo a 51 jovens, em torno de 24% dos sócios totais.

Da amostra escolhida, 41,2% são do sexo masculino e 58,8% do feminino, em que 80,4% são solteiros e 19,6% são casados. Quanto ao grau de escolaridade, 5,9% tem mestrado, 9,8% especialização, 52,9% têm ensino superior completo ou estão cursando, 29,4% tem ensino médio completo ou está cursando, e 2% tem nível fundamental. Aqueles que só estudam somam 33%, os que estão empregados são 53%, autônomos 7,8%, empresários 5,9%. Quanto à renda familiar temos: com menos de um salário mínimo (SM) 11,8%, de um a dois (SM) 17,6%, de dois a três (SM), 13,7%, de três a quatro (SM), 9,8%, de quatro a cinco (SM), 7,8%, de cinco a sete (SM), 3,9%, de sete a nove (SM), 11,8%, de nove a doze (SM), 3,9%, mais de doze (SM), 15,7%, não responderam 3,9%.

Os dados acima apresentam uma predominância de mulheres acompanhando resultados estatísticos de outras religiões no Brasil, como evangélicos e espíritas¹⁸. A maioria é solteira(o), considerando a média brasileira para esta idade entre 18 e 29 anos. Elas apresentam nível educacional acima da média nacional para outras religiões, como a católica, evangélica e da religião espírita que tem percentual mais elevado para nível médio e superior incompleto e completo, somando 68,0%, haja vista que neste grupo do CEBUDV, o índice de escolaridade de nível médio e superior completo e incompleto, chega a 70,5%. Os dados referentes à renda familiar também estão acima das principais religiões brasileiras¹⁹.

3.3.1 Perfil de afiliação religiosa

A afiliação religiosa no CEBUDV se dá quando a pessoa é convidada por um participante e cadastra-se, se tornando sócio. Eles declararam que foram convidados: 83,3% por parentes

18 Portal do IBGE: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>.

19 Idem.

(pais, esposa/marido, irmão(ã), tio, etc.) e 11,8% colegas de trabalho ou amigos. Observo que acontece com frequência, de um membro da família associar-se e convidar outros familiares. Os dados acima se diferenciam dos resultados da pesquisa realizada por Novaes e Mello (apudNOVAES, 2005), em que a influência da família na escolha de afiliação religiosa dos jovens católicos foi em torno de 50% dos entrevistados, os outros 50% citaram a influência de amigos ou agentes religiosos. No CEBUDV, a estatística confirma ainda uma maior influência dos familiares na escolha da religião, acima de 80%. Isto indica uma característica forte nesta religião, que é a presença das famílias até com três gerações afiliadas.

Antes de serem sócios do CEBUDV, 74,5% já foram afiliados em outras religiões, enquanto 23,5% declararam que não eram afiliados em nenhuma religião, e 2% não respondeu. Entre os que já foram afiliados em outras religiões, 45,1% eram católicos, 13,7% evangélicos, 3,9% espíritas, 2% Barquinha/Daíme, 7,8% outras igrejas. Entre os 20% que não eram afiliados, somam-se jovens religiosos, mas sem religião institucionalizada e jovens que se diziam ateus. Enquanto aqueles que declaram ter sido de outra religião, evidenciaram maior presença de ex-católicos. Tal fato foi confirmado no Censo do IBGE/2010, com a diminuição de católicos e aumento de evangélicos e espíritas.

Os motivos que fizeram estes jovens procurarem esta religião foram primeiro lugar, por interesse em assuntos de ordem espiritual (experiência ou busca de experiência religiosa, espiritual); em segundo, por motivos de ordem afetiva; em terceiro, por dificuldades de relacionamentos com cônjuge, mãe, pai, irmãos, namorado ou amigos; em quarto, por motivos pessoais como necessidade de autoestima e autovalorização; em quinto, por motivo de saúde; em sexto, por assuntos de ordem acadêmicos ligados ao desempenho na escola e aprendizagem; e em sétimo, por assuntos de ordem profissional, como desemprego, mudança de posição, relacionamento no trabalho.

Segundo os jovens, a busca da religião primeiramente por interesse em assuntos espirituais, revela a busca por vivências que possibilitem percepções que os conectam com algo além de si mesmos, ao mesmo tempo em que possam sentir pertencimento e terem a sensação que não estão sozinhos. O uso da

Hoasca neste contexto religioso traz em si uma poderosa capacidade de ampliação da consciência, em que são facilitadas percepções além de si mesmo, do transcender. Neste aspecto da experiência, para Miro, um dos entrevistados, “[...] mostra que existe um poder superior, uma luz superior, algo maior do que aquilo ali. Que tem alguém olhando pela gente, que tem alguém que é superior a gente”. E ainda o interesse por assuntos espirituais pode ser movido pela busca de sentido para a própria existência. Em segundo, a busca da religião movida por assuntos de ordem afetiva, sinalizando a necessidade em aprender a administrar as crises afetivas na família, no amor e nos relacionamentos em geral. As experiências de afeto, comunicação de sentimentos e contato com o outro, são fundamentais na vida de todos os seres humanos.

Quanto ao tempo de afiliação no CEBUDV: de 0 a 1 ano são 17 sócios, de 2 a 3 anos são 13 sócios, de 4 a 5 anos são seis sócios, de 6 a 10 anos são seis sócios, e acima de 10 anos são nove sócios. Quanto ao grau que ocupam na hierarquia²⁰ institucional do NF, 34 são do quadro de sócios, 14 são do corpo instrutivo e três não são sócios. Especificamente nesta religião, é participando e estando presente que o aprendizado acontece, pois é no fluxo do tempo que ocorrem as oportunidades de aprender pela própria experiência, no envolvimento prático com os preceitos e a comunidade de adeptos. É participando das atividades ritualísticas e comunitárias, que o jovem é instruído por um mestre a cuidar de aspectos que podem ser vistos, tocados ou ouvidos, para poderem, assim, desenvolver as habilidades, “pegar o jeito” para “clarear” a consciência, trilhar no mundo fenomênico de Hoasca. Isto equivale a uma educação da atenção nos termos propostos por Ingold (2010, p. 21), que envolve “uma sintonia fina ou sensibilização de todo o sistema perceptivo, incluindo o cérebro e os órgãos receptores periféricos junto com suas conexões neurais e musculares, com aspectos específicos do ambiente”. O grau que ocupa na hierarquia também é um fator importante, porque a sociedade organiza-se de modo similar a uma escola iniciática, em que o acesso aos

20 A hierarquia existente em cada núcleo do CEBUDV é composta de Quadro de Sócios, Corpo Instrutivo, Corpo do Conselho e Quadro de Mestres.

preceitos varia com o grau que ele ocupa. Nesta amostra, mais de 70% dos discípulos encontram-se no nível básico de aprendizagem dos preceitos, ou seja, no quadro de sócios.

Por fim, me pareceu significativo investigar que importância à religião professada ocupa na vida deles. Para 23,5%, é o que há de mais importante na sua vida e sobre a qual procura basear todos os atos e opiniões; 58,8% considera algo muito importante para sua vida e sobre o qual procura basear a maior parte dos atos e opiniões; 11,8%, afirma que tem importância relativa, mas nem sempre está de acordo com as suas opiniões e atitudes, e 3,9%, afirma ter alguma importância na sua vida, mas não baseia suas decisões ou opiniões na religião e 2% não responderam. Considerando os vários contextos de sociabilidade nos quais os sujeitos da pesquisa também se fazem presentes, e as múltiplas influências que eles estão expostos, parece que mais de 50% deles dá importância significativa a religião.

3.4 Práticas ritualísticas e experiência religiosa dos jovens

O espaço onde se dá a experiência religiosa é chamado Núcleo Fortaleza (NF), localiza-se numa área rural, é como um sítio ou uma chácara, como são chamados no Nordeste do Brasil. Este tipo de localização rural é uma característica de todos os Núcleos do CEBUDV, haja vista a necessidade de ambientes mais silenciosos e sossegados para facilitar a concentração mental nos rituais religiosos, e também a necessidade de haver terreno disponível para o cultivo das plantas sagradas para o preparo do chá.

Figura 6 – Entrada do Templo do NF



Fonte: DMD do Núcleo Fortaleza.

Desde o portão de entrada, já podemos perceber que se trata de um lugar diferente, pois na fachada observam-se enormes desenhos do sol e uma estrela esculpidos em ferro, simbolizando a luz. E logo que se adentra encontra-se uma placa esculpida em mosaico com o nome do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Fortaleza. Podemos ver em seguida algumas construções, muitas árvores, jardins bem cuidados, um grande sol esculpido em ferro no pátio gramado. Mais adiante se tem o Templo, onde ocorrem às atividades ritualísticas, e a alguns metros de distância, é possível avistar a casa de preparo do chá, o refeitório, os banheiros, e outro grande prédio onde funcionam a biblioteca, a sala do Departamento de Memória e Documentação (DMD), o berçário e o redário, edificações que compõem os equipamentos da estrutura física do NF e estão presentes na maioria dos Núcleos do CEBUDV. Circulando toda a área de convivência há a plantação de *Mariri* e *Chacrona*, que são unidos no preparo do chá Hoasca.

Figura 7 - Escultura do sol na área de convivência do NF



Fonte: DMD do Núcleo Fortaleza.

Figura 8 - Atividade dos jovens na área de convivência do NF



Fonte: DMD do Núcleo Fortaleza.

As atividades ritualísticas são chamadas de sessões. São reuniões onde são desenvolvidos os trabalhos de orientação espiritual. Acontecem normalmente no templo e são classificadas

em: sessões de escala mensais que ocorrem nos primeiros e terceiros sábados de cada mês; sessões de escalas anuais; sessões extras e sessões destinadas aos graus hierárquicos com maior responsabilidade na direção dos trabalhos espirituais, que são as sessões instrutivas. As sessões extras são realizadas a critério do Mestre Representante que é o líder espiritual e autoridade máxima do Núcleo. Ele tem a responsabilidade de garantir a tranquilidade dos filiados do Centro e promover a coesão intragrupal. Pessoa que ocupa o lugar de Dirigente do Núcleo por um período de três anos, podendo ser reeleito por um período de igual tempo.

As sessões têm a duração de quatro horas, sendo estes rituais conduzidos por um mestre dirigente, com a participação dos mestres, conselheiros e conselheiras presentes, membros da hierarquia. Iniciam-se às vinte horas e terminam a meia noite e quinze minutos. Segundo a jovem Cinara, "muita gente não entende esse horário - Quatro horas? Tu passas quatro horas? As pessoas pensam que você está na farra". Os amigos deles que não participam, nem sempre compreendem para onde eles vão no sábado à noite. Rian diz, "eu estou indo para um sítio que é longe, sair de casa perto de duas horas e chego quatro horas da madrugada". E Cinara, "eu digo que vou para o meu retiro espiritual e só volto no dia seguinte".

Normalmente, antes de iniciar as sessões, 33 discípulos, sujeitos da pesquisa, afirmaram que sentem bem-estar, tranquilidade, paz e alegria; enquanto 14 sentem-se ansiosos; um sente-se tenso; outro se sente ameaçado e um sente-se pensativo, um não respondeu ao questionário. Os resultados do levantamento de campo expressam a fenomenologia comum ao uso da Hoasca, em que estão presentes as dinâmicas de adaptação à experiência dos efeitos do chá e o modo de administrar o próprio estado físico-emocional. De acordo com minhas observações em campo, é muito frequente os estados de tensão, ansiedade e medo quando o discípulo tem pouco tempo de participação nos rituais. À medida que vai conhecendo melhor seu próprio corpo e os efeitos do chá, sente-se mais tranquilo.

No início da sessão todos bebem Hoasca, e em seguida procuram manter-se sentados com vistas a estabelecer um ambiente que favoreça um estado equilibrado de concentração mental. Segundo o Regimento Interno do CEBUDV, "para efeito de concentração mental, os associados, de sua livre e espontânea vontade, bebem um chá Hoasca, que é a união de dois vegetais, o *Mariricé* e a *Chacrona*, comprovadamente inofensivos à saúde". Inicialmente, são lidos os documentos que fazem parte das leis do CEBUDV.

Em seguida, são evocados os "chamados" cânticos ritualísticos, que têm o objetivo de "abrir o oratório do mestre dirigente", que é o momento em que o mesmo faz a abertura da sessão promovendo uma conexão positiva com as entidades espirituais, e em seguida aborda os ensinamentos, com vista a promover o equilíbrio e inspirar sentimentos de harmonia no sentido de conduzir os discípulos nas experiências espirituais. Tal como os xamãs das sociedades tradicionais (KRIPPER, 2007), o dirigente busca conduzir os membros para o "mundo da luz", mostrando o itinerário de saída do "mundo da escuridão". Em vários momentos ele aplica a linguagem metafórica, que favorece a criação de "mirações", ou seja, visões internas, como um filme. Na maioria das vezes são imagens nítidas e coloridas que podem conter sons e gerar sensações e sentimentos; se passa na tela da mente. Estas mirações ocorrem quando a pessoa encontra-se de olhos fechados, concentrada. Tais visões auxiliam na compreensão de um ensinamento, no esclarecimento de uma situação, e/ou orientam no itinerário da jornada espiritual. Em todos os momentos das experiências, os discípulos mantem a consciência de si e da realidade circundante.

Outra semelhança com os xamãs refere-se ao tempo de formação dos mestres dirigentes que demanda um longo processo de aprendizado, conforme vimos no primeiro capítulo. Eles necessitam ser orientados por um mestre mais experiente que os auxiliam no desenvolvimento de várias habilidades, tais como: manejo dos rituais, domínio da autorregulação das funções corporais sob o efeito da Hoasca, aprendizado das orientações doutrinárias, treinamento dos estados de atenção e memória, visto que cabe aos dirigentes transmitir as orientações a partir

dos registros de sua própria memória. Considera-se fundamental o treinamento ético - construção de coerência pessoal visando adotar na prática os princípios e valores professados e o fortalecimento das virtudes. Faz parte deste conjunto de valores: o cumprimento da palavra, [honestidade], a firmeza nas ações, a importância da família [fidelidade], o cumprimento dos deveres [responsabilidade], o respeito às leis [cidadania], a obediência à ordem, assim como a prática da fraternidade [solidariedade] e de valores comunitários [respeito] (WALSH, 2015). Tal performance, envolve formação e transformação pessoal, porque os mestres são convocados a estabelecerem sintonia com o preceito sagrado do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo²¹. Dar exemplos da prática do bem, da fraternidade humana e promover a paz.

Na medida em que os ensinamentos são transmitidos de modo oral pelo mestre dirigente, os discípulos são estimulados a fazer perguntas, a buscar compreender, a examinar livremente o que está sendo transmitido. A todos é permitido o direito a palavra, e a transmissão das orientações doutrinárias é somente realizada pelos mestres e conselheiros. A jovem Rosa comenta que "a didática das sessões de fazer perguntas e respostas – isso estimulou eu me questionar mais".

Não há imposição na forma de compreensão dos ensinamentos. Os dirigentes ficam atentos e observam o tempo particular de cada discípulo para adquirir a compreensão dos mesmos. Eles dizem que isso acontece gradualmente de acordo com o grau de evolução espiritual ou de cada um.

Em média, aproximadamente após trinta minutos da ingestão do chá Hoasca, os discípulos sentem a "burracheira", ou seja, a força "estranha", estado ampliado de consciência produzido pelo efeito da Hoasca. Sobre isso, Bernardo comentou, quando experimentou o chá pela primeira vez.

"O que eu achei mais estranho no primeiro momento foi a parte sensorial. Eu fiquei com a audição muito aguçada, o

21 Portal do CEBUDV: www.udv.org.br.

vento batia nas folhas e eu notava como se fosse... ia no meu "juízo" entrando pelo ouvido. Eu estranhei aquilo, como se tivesse tremendo, uma palpitação e aquilo foi o mais estranho que eu achei, mas dava para ver que aquilo não era alucinógeno. É que vinha na cabeça ideias diferentes, a gente enxerga diferente, via a mesma coisa sobre outro ponto de vista como se fosse mais amplo, uma perspectiva maior. Eu não consigo me lembrar exatamente o que eu vi naquela *burra-cheira*, mas eu sei que tem disso".

O que Bernardo experienciou são alguns dos efeitos descritos na literatura sobre a fenomenologia da experiência com Hoasca. Também ocorre o aumento da introspecção que facilita a reflexão; alterações na modulação do estado de consciência ordinário para um estado ampliado e lúcido, em que se focaliza a atenção em pequenos detalhes, antes não observados, e que podem fazer diferença e provocar mudanças no significado de conceitos e palavras e, conseqüentemente, no significado das experiências; quanto na análise e resolução de problemas. Outras vivências acontecem como, a focalização da atenção em grandes ideias que elevam os níveis de abstração e aumento da criatividade imaginativa; alterações da memória, regressão, com manifestações de conteúdos subconscientes, às vezes traumáticos e/ou eventos da história de vida; mudanças nas percepções de tempo; amplificação dos sentidos; imagens mentais; sensações corporais de frio ou calor, entre outros aspectos (ESCOBAR; ROAZZI, 2010). No que concerne aos efeitos colaterais, às náuseas, vômitos e diarreias, no contexto sociocultural das religiões hoasqueiras não são considerados como tal. São entendidas como reações purgativas necessárias em determinadas situações de emoções negativas que precisam ser dispensadas e liberadas (TÓFOLI, 2013).

De outro lado, Bernardo parece que teve oportunidade de vivenciar uma regressão:

"[...]foi uma experiência marcante, emocionante, o Chá constantemente desperta a sensibilidade da gente. E aí eu vi como se eu tivesse vivendo de novo algumas fases da minha vida. Desde que eu tinha dois, três anos. Passando pela infância, um pouco mais velho até chegar à adolescência. Mas não era só vendo, era como se eu tivesse vivendo mesmo. E isso foi muito importante para mim, muito especial".

Durante o estado de *burracheira*, a maioria das experiências corporais, emocionais e subjetivas do momento presente, ocorre espontaneamente. Com os sujeitos pesquisados, 31 deles afirmaram lembrar de eventos traumáticos; 41 têm *insight* ou soluções em relação a si mesmo; 42 afirmam terem pensamentos a respeito de situação que está passando na vida; 44 pensam sobre a vida familiar; 42 pensam sobre problemas do cotidiano; 35 refletem sobre a vida profissional e financeira; 45 pensam a respeito do propósito de sua existência; 46 pensam a respeito do universo, da humanidade, da natureza; 47 pensam a respeito da espiritualidade; 37 sobre contatos com pessoas, animais, plantas, locais e 45 concentram-se na sua existência: tempo, morte, propósito de vida, sua missão.

Embora a experiência de *burracheira* tenha uma característica de variabilidade pessoal muito grande, pesquisas já evidenciaram o aumento na capacidade de autoanálise, permitindo ao discípulo perceber aspectos de seu comportamento ou da sua personalidade que necessitam serem corrigidos, principalmente aqueles aspectos que dentro do próprio indivíduo são considerados moralmente inaceitáveis (TÓFOLI, 2013). Como por exemplo, uma ação realizada por impulso que prejudicou alguém, sem ser esta a intenção, ou uma pré-disposição a não ser sincero, caso valorize a sinceridade, etc. A experiência religiosa que envolve a doutrinação e os efeitos do chá Hoasca, pode possibilitar o aumento do autoconhecimento, a ampliação da percepção da condição existencial individual e coletiva que

acontece num contínuo, promovidos pela frequente convivência e envolvimento nas atividades do núcleo.

De outra parte, a frequência de participação nos rituais religiosos é um indicador de engajamento importante. Como afirmou Edward Macrae(1992), a participação regular nos rituais religiosos produzem efeitos estruturantes nos adeptos. As normas e regras de conduta dos rituais sociais funcionam como fatores interativos, em um processo circular, internamente coerente, no qual os comportamentos são eles mesmos modulados (modificados, corrigidos, reforçados, etc.), alterando a estrutura de vida. Passa-se a praticar e valorizar a autodisciplina, gerenciar o tempo e as atividades, possibilitando aos adeptos direcionarem suas vidas e tornarem-se mais eficazes nas atividades do dia a dia. No estudo, os sócios na faixa etária entre 18 e 29 anos apresentaram elevada frequência de participação nos rituais religiosos (sessões). Em média, 64,5% participam de 1 a 3 sessões por mês, e 29,4% participam de quatro ou mais sessões num mês, 5,9% não responderam.

Vale ressaltar que, o CEBUDV administra o uso controlado do chá Hoasca, como concebe Zinberg (apudMACRAE, 2009), em que são definidos padrões de comportamento prescritos em relação aos métodos de aquisição e uso, a seleção do meio físico e social do seu consumo, as atividades empreendidas sob seu efeito e as maneiras de evitar consequências prejudiciais. No CEBUDV o consumo é regido por regras, tais como: só pode ser bebido nas sessões e no preparo do chá; na sessão o discípulo tem direito a beber o chá no início e para repetir, necessita ser autorizado pelo mestre representante. Ao beber o chá, o discípulo é orientado a respeitá-lo e considerá-lo sagrado. Orienta-se, também, a prática de padrões de comportamento, como respeitar todos os sócios; não portar arma de qualquer espécie, atender as solicitações dos dirigentes, entre outros. Esses controles institucionais definem que o uso só é aceitável no contexto ritualístico, e é condenado o uso por outros meios, fora do âmbito da religião. Estas regras resguardam os sócios, o uso seguro e propiciam experiências positivas. Caso aconteçam situações em que se identifiquem efeitos potencialmente nega-

tivos, adotam-se precauções a serem tomadas antes, durante e depois do uso do chá.

As práticas ritualísticas do CEBUDV têm impactos positivos na saúde física e mental dos discípulos, como foi citado anteriormente nos resultados das pesquisas realizadas pelo Projeto Hoasca, comentado no capítulo dois. Raramente produz desgastes físicos e emocionais que impeça a saúde. Ao contrário, entre os sujeitos estudados nesta pesquisa, 90,3% relataram que normalmente após as sessões sentem bem-estar, tranquilidade, alegria e paz; 5,9% sentem-se ansiosos, 2,0% sentem-se pensativos e 2,0% sentem-se ameaçados. Vale ressaltar que o efeito da *burracheira* reflete também o momento da vida de cada um, embora os efeitos de longo prazo apontem para melhoria do bem-estar psicológico, aumento da percepção de assertividade e vivacidade (TÓFOLI, 2013). O jovem Levi descreve como se sente após as sessões: "O que eu sinto mais é um bem estar muito grande, uma capacidade de reflexão muito forte, o meu pensamento fica mais diferenciado e as coisas ficam mais claras".

Ao promover estados ampliados e lúcidos de consciência e orientações para criar um estilo de vida saudável, o processo ritualístico pode auxiliar os adeptos a lidarem melhor com uma série de problemas, como desânimo, apatia, medos, frustrações (MOREIRA *et al.*, 2006). Bernardo percebeu que adquiriu mais tolerância às frustrações depois que está frequentando as sessões do CEBUDV.

"[...] quanto eu passava por alguma dificuldade seja no trabalho ou no dia a dia, alguma coisa que eu pretendia fazer e não deu certo. Tinha criado expectativa para fazer um passeio, para eu fazer o tempo render mais, para eu fazer mais atividades e aí não dá certo eu noto que eu ficava muito frustrado, e hoje não fico mais assim, diminui. É como se deixasse de existir aquele problema. E isso eu

sei que tem uma associação direta com o Chá, com a União, com o que há lá”.

Ao questioná-lo acerca de associar essa mudança de atitude, às experiências na religião, Bernardo relata que:

“É o que eu aprendo lá a respeito de humildade. Porque quando a gente tá em busca de ser humilde, a gente não pode se prender a isso, deve ficar desapegado. Uma pessoa que é humilde ela sabe que não deve ficar triste em relação a uma situação como essa. É como se dissesse, - ah, quer dizer que eu não posso passar por um sofrimento pequeno como esse? Isso é uma falta de humildade, um pequeno contratempo, uma frustração. Outro aspecto é que aprendi a ser mais resistente e não fraquejar no primeiro obstáculo que aparece. Se a coisa não aconteceu como se esperava, vamos ver o que há de positivo nisso que está acontecendo. E aí, exercício de paciência, até a gente conseguir vencer uma situação que está ali, testando a gente”.

O comentário de Bernardo ilustra também a atuação dos preceitos e crenças religiosas sobre os processos cognitivos. Primeiro, acreditar que para evoluir espiritualmente é preciso ser humilde. Segundo, acreditar que praticar a humildade, envolve a capacidade de passar por um sofrimento e saber dimensioná-lo num tamanho apropriado. E terceiro, acreditar na importância de ser resistente para lidar com o sofrimento. Trata-se de um exemplo de como as crenças religiosas, modulam o enquadre no qual as pessoas lidam com o futuro, os problemas da vida, história pessoal e coletiva (MOREIRA *et al.*, 2006). De acordo com Bernardo, a sua experiência religiosa tem sido um recurso para ser mais resistente e persistente e lidar com as situações futuras e problemas da vida, auxiliando-o a não fraquejar no

primeiro obstáculo que aparece. Ao grupo pesquisado foi perguntado nos momentos difíceis da vida, as crenças religiosas do CEBUDV fazem alguma diferença. Para 47,1% as crenças religiosas proporcionam bastante conforto; 35,2% sentem muitíssimo conforto; 11,8% sentem um pouco de conforto e 5,9% não sentem conforto.

A literatura que investiga a relação entre saúde e as experiências religiosas, abordada no capítulo anterior, indicam uma relação proporcional quanto às práticas dos preceitos (doutrina, ensinamentos e orientações) e os efeitos relacionados à saúde, como o aumento da resistência e a resiliência, do sentimento de paz, autoconfiança, autoperdão, autoimagem positiva, sentidos e significados para a vida (MOREIRA *et al.*, 2006). Na autopercepção dos jovens deste estudo, 39 se considera com bastante saúde, 11 percebem-se com saúde às vezes e 1 raramente tem saúde. Foram levantados alguns aspectos relativos aos efeitos autopercebidos na vida cotidiana mediados pelas experiências vivenciadas no CEBUDV: 1) 49 afirmaram que aumentou a sensação de bem estar consigo mesmo, e dois sócios não perceberam mudanças. 2) Com relação à saúde física, 41 afirmaram que aumentou, 1 percebeu que diminuiu, 7 que não alterou e 2 não responderam. 3) Quanto à saúde mental e emocional; 47 consideram que aumentou, 1 achou que diminuiu, para 2 sócios não mudou e 1 não respondeu.

Nos aspectos relacionados à autoimagem e autoconfiança, 28 sócios se consideram reconhecidos pelas suas qualidades: 19, às vezes, e quatro raramente se consideram reconhecidos pelas suas qualidades. Com relação à capacidade de lidar com situações estressantes: 43 acharam que aumentou, dois que diminuiu, cinco não perceberam mudanças e um não respondeu. Com relação à capacidade de lidar com as adversidades: 46 afirmaram que aumentou, para um sócio diminuiu e quatro não perceberam mudanças. Com relação à capacidade de resolver problemas: 48 afirmaram que aumentou, para dois sócios diminuiu e um não percebeu mudança.

Para sujeitos que afirmam ter religião, a prática dos preceitos é considerada um indicador de engajamento religioso.

Os jovens estudados no CEBUDV se perceberam nas seguintes condições: 43,1% afirmaram que buscam praticar todos os preceitos; 37,3% buscam praticar a maior parte dos preceitos, 11,8% praticam somente aqueles com os quais concordam, 3,9% declararam não estarem preocupados em praticar os preceitos, 2% praticam poucos preceitos e 2% não responderam. Ao correlacionarmos as frequências de participação nas sessões e os níveis de comprometimento com a prática dos preceitos, e a autopercepção de saúde, podemos observar, na maioria destes jovens, elevado engajamento na práxis religiosa e condição de saúde e resistência positiva para mais da metade do grupo.

Todas as etapas das sessões citadas acontecem dentro de um universo conceitual hoasqueiro, mas o ritual não pode ser reduzido a este universo. Ele é uma questão de experiência ao invés de apenas pensamentos, conceitos. Conforme descrevi, em quatro horas, a cada quinze dias, as sessões ritualísticas moldam uma experiência diferenciada, ímpar, daquela vivida no cotidiano pelos participantes. Sob o efeito da Hoasca, intenciona-se incorporar na experiência do discípulo a harmonia, luz, paz e amor, através das "chamadas", da doutrina, das músicas, perguntas e respostas. Durante o fluxo da sessão convoca-se cada pessoa a fazer o trabalho pessoal para se harmonizar consigo mesmo e com os outros (familiares, amigos, irmão, etc.). Para isso, necessita de luz para iluminar, clarear a consciência e conhecer o que precisa ser transformado em si mesmo para conquistar esta harmonia, construir a paz interior e na convivência com os outros, nutrir o amor por si e pelos irmãos.

3.5 As práticas comunitárias

As práticas comunitárias são consideradas vivências importantes, porque é quando o discípulo tem a oportunidade de desenvolver a sua capacidade de conviver e amar ao próximo. Marley considera que, [...] a convivência comunitária é que sustenta os mais jovens a ficar lá, porque tem o acolhimento, as amizades. E o vegetal também. São ainda as atividades voluntárias que permitem a realização dos objetivos dos diversos departamentos, como: o Departamento do Plantio, Beneficência,

Jurídico, Cerimonial e a manutenção do Núcleo, porque toda a manutenção material do NF depende dos trabalhos e contribuições dos sócios.

Por diversos momentos observei a presença dos jovens nas atividades e ao serem questionados, 39 filiados declaram que participam, enquanto 12 não participam das atividades comunitárias porque trabalham ou estudam aos sábados até às 18 horas. Tais atividades acontecem em horários diurnos nos finais de semanas quando ocorrem as sessões. Outras atividades são realizadas em Fortaleza durante a semana. Aos sábados, as pessoas começam a chegar ao início da tarde. Engajam-se nas atividades de manutenção do Núcleo, como jardinagem, construções, limpeza das edificações e outras atividades que estejam programadas naquele dia. Mensalmente, ocorre à reunião da diretoria, fórum onde são tomadas as decisões administrativas. Todos os sócios são convidados a participar e acompanhar o andamento das atividades materiais do Centro.

Num dos sábados ocorre o "mutirão", que é uma iniciativa coletiva para auxiliar na limpeza e organização das dependências do Núcleo. Acontece uma vez por mês e todos os sócios são convidados a colaborar. Pude ver em alguns momentos, famílias, homens e mulheres, alguns acompanhados por crianças e outros por jovens e também alguns idosos. Observa-se alegria e satisfação ao cumprimentarem uns aos outros – abraços, beijos, apertos de mão e palavras acolhedoras – expressões que se repetem durante estas tardes. O clima parece amistoso, e as pessoas parecem estar se divertindo enquanto realizam as atividades e interagem com as outras.

Alguns jovens fazem-se presentes nas atividades, participam de equipes de trabalho já definidas, enquanto outros vão chegando e sendo convidados a auxiliar. E, ainda, outros só chegam à noite para o ritual religioso. No domingo seguinte acontece o mutirão do Departamento do Plantio, momento em que as pessoas se dedicam ao cultivo das plantas sagradas existentes numa extensa área nos arredores do ambiente de convivência. No plantio, diz Lúcio: "a gente pode brincar, pode conversar e trabalhar brincando, se divertindo". Foram observados

alguns jovens participando das equipes de manejo do plantio, junto com os adultos.

Outros jovens participam do Departamento de Memória e Documentação (DMD), cuidam do acervo e produzem exposições sobre a vida do mestre Gabriel e sobre os ensinamentos do CEBUDV, disponibilizam e apresentam para todos os sócios e visitantes. Ao mesmo tempo, ocorrem as atividades desenvolvidas na biblioteca, com grupos de leituras de livros que auxiliam o desenvolvimento pessoal, moral e profissional, grupos de estudos das Leis do CEBUDV, de estudos de Filosofia comparada, de preparação para concursos, entre outros.

A atividade de preparação do chá Hoasca, acontece aproximadamente quatro vezes por ano. A maioria dos jovens disse que gostam muito de participar. Eles são estimulados pelos adultos a se engajar nos trabalhos, que começam com a colheita das plantas sagradas, lavagem e preparação das mesmas para serem cozidas, até a decocção. Além disso, tem a confecção das alimentações para aproximadamente 250 pessoas, que normalmente pernoitam no Núcleo por dois ou três dias.

Nas tardes de sábado acontecem também as atividades da Orientação Espiritual (OE) para crianças e adolescentes, cuja programação segue as diretrizes nacionais da sede geral, são coordenadas e executadas pelos pais do NF.

E ainda há a Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico (ANEDE)²², que promove atividades para o desenvolvimento da consciência ecológica e orienta práticas de manejo do lixo orgânico e busca de alternativas para evitar a produção de resíduos poluentes nos Núcleos. A filosofia do trabalho da ANEDE tem relação com a cosmologia da religião, que preconiza uma vida de harmonia entre os seres humanos onde todos são importantes e que a diversidade entre os humanos é a

22 Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico, fundada em 1990, é uma organização brasileira, sem fins lucrativos – qualificada, em 2010, como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que se originou devido à aquisição do Seringal Novo Encanto no Estado do Amazonas, para zelar por ele. Por meio de suas monitorias presentes nos Núcleos do CEBUDV atua com a perspectiva de harmonizar a atividade humana com a preservação e conservação ambiental, promovendo a paz e a sustentabilidade. Portal oficial <http://novoencanto.org.br>

sua riqueza [...] o ensino do amor e da tolerância está vinculado à valorização da natureza (FERNANDES, 2011). A coordenação nacional da ANEDE realiza expedições para o Seringal Novo Encanto na Amazônia, com vistas a proporcionar vivências e aprendizagens na floresta. A valorização da natureza se traduz na frequência de contato declarada: 31 sócios sempre têm bastante contato com a natureza, 17 sócios às vezes têm contato e 1 sócio raramente tem contato. Para uma população com hábitos urbanos me parece significativo o valor dispensado às vivências na natureza.

Por sua vez, as atividades artísticas e culturais frequentemente são protagonizadas pelos jovens. Parece ser o tipo de atividade que mais gostam. Produzem os "20 minutos de arte", montando apresentações teatrais, musicais, vídeos, entre outras atividades para todos os sócios, após as sessões. Os encontros de jovens também são realizados por eles, que se articula com jovens de outros núcleos; escolhem a programação, os temas (Raízes Cultura de Ser), as apresentações, e recebem apoio dos adultos na logística necessária. Nestas vivências, alguns jovens que ainda não se sentiam engajados, encontram oportunidade para se integrar ao grupo. Como comentou Lúcio: "o encontro de jovens que abriu as portas para eu fazer amizade com as pessoas, tanto aqui dentro quanto lá fora". Também nesse sentido, Benício destacou:

"O que mais me aproximou da União eu acho que foram os jovens, o grupo de jovens. As amizades se fortaleceram. E essas amizades se fortalecendo me chamavam mais, eu tinha mais necessidade de estar com esses amigos [...] eles me forneceram alguma informações e meios que abriram minha mente pra que eu conhecesse mais a UDV. [...] Me engajei nos trabalhos como "os vinte minutos de arte" e isso foi fundamental. Foi algo que eu gostava de fazer, que era arte, de escrever, escrever peças, e eu acho que isso

foi um ponto forte, uma âncora que me fez me engajar”.

Figura 10 – Atividade Teatral dos Adolescentes encenando a peça “O Pequeno Príncipe”



Fonte: DMD do Núcleo Fortaleza.

Investigando as atividades vivenciadas pelos jovens que justificaram a adesão ao CEBUDV, por ordem de importância foram: poder beber vegetal (Hoasca) e sentir a *burracheira*, ouvir e estudar os ensinamentos, a presença da família e dos amigos, as atividades de arte e cultura e os trabalhos do Núcleo.

Rian viu a importância da integração dos jovens entre si e dos jovens com a União também,

“[...] isso de ter encontro de jovens, trabalho direcionado aos jovens, de ter grupo de jovens mais adultos, e a direção chegarem próximo dos jovens. Integração é uma coisa que fortaleceu eu querer ficar

na União. Porque eu era uma pessoa que não queria me associar à União, eu só ia pelos meus amigos. E eles já tinham uma cabeça melhor de querer se associar, de ir para os trabalhos e por consequência eu ia também. E eu vejo que no Núcleo, a grande maioria está lá trabalhando, fazendo movimento. E eu noto que uma das coisas que mais teve importância pra mim, foram esses movimentos".

A convivência comunitária no âmbito do Centro e na vida cotidiana parece ser um aspecto muito estimulado pelo NF. Além de fazer parte do exercício da cidadania, os discípulos são orientados ao aprendizado do amor ao próximo, que se concretiza através da manifestação do propósito fraterno e do exercício solidário em compartilhar sentimentos e observar necessidades que transcendem os próprios interesses pessoais (CEBUDV).

No dinamismo das interações cotidianas, o apoio social e os cuidados que os jovens compartilham uns com os outros e com os adultos, proporcionam a "liga" para a coesão social e o fortalecimento do sentimento de pertença. Observei o reconhecimento dos jovens relativo ao apoio recebido pelo grupo religioso, haja vista que 66,7% afirmaram que recebem bastante apoio do grupo e 17,6% consideram que recebem muitíssimo apoio; apenas 13,7 afirmaram que recebem pouco apoio e 2% não respondeu. Lúcio observa que:

"Eu já percebi jovens influenciarem outros jovens. Quando alguns jovens estão bebendo ou fumaram maconha ou outras coisas. Os amigos que não estão usando, se aproximam e, às vezes consegue ajudar até mais do que uma pessoa mais velha. Com certeza quando um mestre fala é muito importante, mas também, uma das coisas que mais mexem é quando tem a aproximação dos jovens amigos da União que chegam de uma forma, de

chamar para lugares legais, para fazer coisas saudáveis de mostrar que existe uma forma de ser feliz sem alguns tipos de substâncias, né?"

Por realizarem muitas atividades juntos, os jovens acabam formando vínculos duradouros de amizade. Duda comentou, "eu vejo que é isso a influência dos jovens uns com os outros. Os mais velhos se aproximam dos mais novos, por exemplo, eu tenho amigo, lá no núcleo, de doze anos. E acho super bacana conversar com ele, a gente joga vídeo game eu me sinto criança".

E Lise se dizendo super engajada nas atividades, comentou:

"E eu vejo na União a gente nem fala o tempo todo assim, que a gente se ama, né? Eu vejo que é uma coisa mais verdadeira até de amizade, pelo menos comigo aconteceu de uma forma gradativa, de ir conhecendo as pessoas, ir se aproximando, de ser uma amizade construída. Agora é claro que a gente tem certa facilidade de construir amizade dentro da União pelo tanto de tempo que a gente tá lá, né? Tem mutirão, tem plantio, tem seção, as atividades extras da União né? Tem mutirão na semana, seleção das notas, tem triagem das roupas, aí tem promoção, aí tem roda de conversa, aí já assiste a um vídeo".

Lise também comparou as amizades.

"Essa amizade verdadeira que eu sinto pelas pessoas da União e se a gente for ver lá fora... Tem a Bia, né? Ela é amiga de um jovem da idade dela, aí ela abraça, brinca. Se alguém de fora ver vai pensar alguma coisa, né? Mas assim é que é

uma amizade próxima. Eu na idade da Bia, dezoito anos, eu não tinha tantos amigos assim de verdade, sabe? Eu ainda não era da União. [...]E eu vejo um ponto bem positivo na galera da União, a gente sai, vai para aniversário todo mundo. Aí tem uma mesa com cinquenta pessoas assim, aí o garçom doido pelos dez por cento e não é pedido nenhum álcool acho que ele sai triste. E a gente feliz lá. E canta parabéns e come e tudo”.

Por sua vez, Roni já teve amizades que para ele não foram boas influencias, falou como ele entende o que acontece com as amizades quando o jovem passa a participar da União, com base na experiência dele.

“[...] a experiência no vegetal agrega valores a você, à sua vida, você faz amizades, mas você seleciona melhor as amizades. Porque você quer encontrar pessoas que sejam tão boa quanto o que você quer ser. Então, a partir do momento que você agrega valores pela Hoasca, você seleciona suas amizades, você não vai querer ser uma pessoa boa, um espírito bom, uma pessoa de bem e ter amizades ruins. Então ela possibilita fazer um filtro das amizades”.

Com relação à vida familiar, 47 jovens afirmaram que melhorou, 1 sócio diz que piorou, 2 sócios dizem que não alterou e 1 não respondeu. Ficou evidenciada a proximidade com a família. Eles indicaram que buscam companhia, conversam e desabafam quando precisam, pedem conselhos e auxílio em situações de falta de saúde e de sustento material dos pais e familiares. Também contam com pais para conhecer novas pessoas.

Encontrei diferenças quanto aos comportamentos dos jovens, quando buscam pedir conselhos e quando é necessário

estabelecer regras e limites pessoais. Entre os jovens que nunca usaram e nem usam SPAs, primeiramente os pais, em segundo os amigos, e a religião foi citada como a terceira opção para buscar conselhos. Entre os jovens que já usaram ou usam SPAs, citaram pela ordem, amigos, pai e mãe e namorado(a). Para os jovens que nunca usaram e nem usam SPA, quem estabelece regras e limites pessoais, primeiro são pai e mãe, segundo a religião e terceiro, os amigos; enquanto que os outros, pela ordem, são pai e mãe, ninguém e amigos.

Quanto à percepção do apoio dos dirigentes do CEBUDV, 60,8% dos jovens declararam estar bastante satisfeitos; 31,4% dizem-se muitíssimo satisfeitos; 5,9% estão pouco satisfeitos e 2% não responderam. Miro entende que os dirigentes devem conhecer mais os jovens e valorizá-los no sentido de ter uma didática para ensiná-los, segundo seu relato:

“Nos lugares que tem mais acompanhamentos dos jovens, onde fazem sessões pra eles, tendem a ficarem mais coesos [...] Os jovens tem certa necessidade de serem mais valorizados. Fazer parte de algum lugar. Ser valorizados no sentido de ensinar coisas pra eles. Tem lugares que desde cedo já estudam muitos ensinados da UDV, tem uma didática focada nos jovens. Aqui a busca de conhecimento tem que ser iniciativa de cada um individualmente.[...] Temos necessidade de sermos mais valorizados. Temos necessidade de autoafirmação. É importante ser acompanhado por toda a direção.[...] Eu penso que o jovem fica no grupo onde é mais aceito. Se ele ver que na instituição, ele não é tratado com respeito e valorização. Então, ele procura outro grupo de amigos que aceite e valorize-o”.

Duda descreveu uma experiência de aproximação dos jovens com os dirigentes:

"Teve uma seção de jovens até que o mestre representante colocou no meio da seção, ele colocou três jovens para dirigir um pouco a seção. E eu acho que quando ele colocou um jovem lá sentado ele motivou mais os jovens e eles começaram a perguntar mais. Eu achei muito legal".

Como "espelho dos discípulos", os mestres exercem forte influência sobre os jovens. Alguns mestres exercem um estilo de comunicação, em que os jovens sentem-se mais à vontade para aproximar-se, entendem melhor as orientações, "eles são menos caretas", como afirmou Rian. Embora a grande maioria dos mestres se esforce para estabelecer bons contatos com os jovens, em busca de compreendê-los, apoiá-los e orientá-los, o fato é que nem todos são bem sucedidos.

Parecem evidente que as experiências comunitárias no CEBUDV, mediaram mudanças com relação à vida social para a maioria destes jovens. Os dados confirmam tal fato, na medida em que 41 deles afirmaram que aumentou sua vida social, somente um percebeu que diminuiu, para oito sócios não houve mudanças e um não respondeu.

Neste contexto, as atividades vivenciadas pelos sócios acabam por produzir uma experiência de solidariedade comunitária. Esta cresce à medida que são assumidas mais responsabilidades na "obra do mestre", novos degraus na hierarquia, como se tornar um(a) conselheiro(a), novas conquistas, como assumir um cargo na diretoria do Núcleo, advindo mais reconhecimento e respeito da coletividade. A motivação para aprender continuamente, a conviver fraternalmente com diferentes personalidades, diferentes perfis educacionais, sociais e econômicos, tendo como objetivos comuns à manutenção e construção dessa sociedade são reforçados nas sessões ritualísticas, lembrando-lhes de sua união e da razão para o seu serviço – que é promover a evolução espiritual de si mesmo e auxiliar os demais irmãos. Por isso é considerada por muitos adeptos e não adeptos uma escola de convivência humana.

Em todas as atividades citadas, a dimensão vivencial da interação social é fundamental, pois o que é vivido é o que estrutura a atenção dos participantes ao longo do tempo. É lógico que nem tudo são flores, mas simbolicamente, eles entendem que os espinhos representam desafios, oportunidades para verificar o grau de evolução espiritual na prática de vida, concretamente visível na capacidade de estar diante de espinhos, ou seja, arestas na interação, o discípulo escolhe plantar flores para colher flores, esforçando-se para harmonizar as diferenças, resultantes de conflitos familiares ou dificuldades nos relacionamentos, desvios de condutas e/ou falta de bom senso. Plantar flores é exercício cotidiano para construir a paz. Às vezes, é sentido como um processo doloroso, mas do ponto de vista espiritual é muito enriquecedor.

A seguir apresento o levantamento sobre o consumo de SPAs, na faixa etária de 18 a 29 anos, as relações que os sujeitos estabeleceram ao usar SPAs, experiências e significados construídos por estes jovens, e aspectos da experiência com a Hoasca e a doutrina do CEBUDV, que funcionam como dispositivos norteadores da vida destes afiliados.

CAPÍTULO 4 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS COM SPAS

4.1 Modos, frequência e padrões de uso

Nos resultados da tabulação do primeiro questionário aplicado com os 51 sócios entre a faixa etária de 18 a 29 anos, pude observar que os maiores índices de consumo de SPAs ocorreram no passado, sendo o cigarro e o álcool as substâncias que mais foram usadas.

Em termos absolutos, temos os seguintes resultados: são 22 participantes que não usaram no passado e não usam no presente SPAs e 26 que já usaram no passado (seis sócios usaram álcool com frequência anual e 8 sócios usaram álcool com frequência semanal, 12 sócios usaram mais de uma SPA no passado, dentre estes 1 sujeito tem 3 meses de associado e outro 11 meses) e 3 usam no presente

Dos três participantes que usam SPA no presente, uma pessoa não é sócia, tem 29 anos, usa álcool com frequência mensal e disse que já usou semanalmente; solteira, nível de escolaridade Mestrado, não está trabalhando e foi trazida pelo namorado, mas ainda não se associou, participa de uma sessão por mês. O segundo é um sócio com 21 anos, usou maconha diariamente, e cocaína poucas vezes no passado, atualmente usa maconha, não registrou a frequência; solteiro, trabalha como empregado, tem um filho, escolaridade com ensino fundamental completo, faz 5 meses que participa do CEBUDV e foi convidado pela mãe, participando de 4 sessões ao mês. A terceira participante é sócia com 26 anos, usava álcool com frequência mensal e hoje usa com frequência anual; é solteira, funcionária de uma empresa e estuda, ainda tendo ensino superior completo e foi convidada a participar do CEBUDV por parentes e é filiada há quatro anos, mas participa de uma sessão ao mês.

Embora tenha identificado os três sujeitos que usam, como foi descrito acima, eles não consideram nocivo ou problemático. Desse modo, não foi encontrado prevalência da dependência de

álcool, nem de outras SPAs entre os jovens que, atualmente, participam do Núcleo Fortaleza. Na tabela a seguir, apresento dados sobre o consumo de SPAs entre os sócios do NF, lembrando que se trata dos jovens de 18 a 29 anos, correspondendo no total de 51 sujeitos.

Tabela 1 - Consumo de SPAs entre os sócios do NF

Tempo/ Tipo de SPA	PASSADO			PRESENTE		
	SIM	NÃO	NR	SIM	NÃO	NR
Cigarro	12	38	1	-	50	1
Álcool	27	23	1	2	48	1
Maconha	10	40	1	1	50	-
Cocaína	4	46	1	-	51	-
Alucinógenos	4	44	3	-	51	-
Inalantes	4	47	-	-	51	-
Outros	1	46	4	-	47	4

Fonte: Pesquisa de Campo.

Em observações realizadas em outros Núcleos localizados na região metropolitana, encontrei dois jovens fazendo uso problemático, de mais de uma SPA, não são sócios ainda, mas estão procurando participar dos rituais e sendo acompanhados pelos dirigentes dos respectivos Núcleos. Numa população em torno de 150 jovens, tendo dois casos de adicção encontrado, o percentual desta amostra foi de 1,3%, abaixo do índice de prevalência de dependência nacional, na média de 9%, para drogas ilícitas e 16% para álcool no Nordeste brasileiro.

Num segundo momento, após quatro meses da aplicação do primeiro questionário, os 51 sócios foram chamados para responder novos questionários mais detalhados sobre o uso das SPAs e 41 sócios estiveram presentes. Para os 41 presentes, foram apresentados 2 questionários diferentes: um para quem já usou ou usa SPAs e outro para quem nunca usou nem usa SPAs. A escolha foi espontânea de acordo com a percepção de cada um. Dentre os 41 sócios, 27 deles escolheram preencher o

questionário de quem nunca usou e nem usa (Questionário B) e 14 sócios responderam o questionário de quem já usou ou usa (Questionário A).

Comparando os dados do primeiro questionário aplicado quanto à quantidade de sócios que já usaram substâncias psicoativas, observo uma diferença de 14 sócios pra menos, enquanto que, aqueles que nunca usaram e nem usam SPAs. Houve um aumento de sete sócios, somando 27. A minha hipótese é que nesta etapa aqueles que usaram álcool com frequência anual, tenderam a considerar que não se enquadravam no grupo daqueles que já usaram SPAs. Parece que para estes, o enquadre para o questionário daqueles que consumiram ou consomem SPAs, teria de ser mais de uma substância com frequências diversas, principalmente aquelas consideradas ilícitas. Por ser o álcool de uso social e recreativo tão generalizado na nossa cultura, e por eles o terem usado no passado sem nenhum padrão regular se consideraram no grupo daqueles que não usaram e nem usam no presente.

Então, num grupo de 41 sócios com idade entre 18 e 29 anos, 27 sócios declararam nunca ter usado e não usam no presente SPAs (Questionário B), correspondendo a 65,85%, enquanto 14 sócios se declaram já ter usado ou usam SPAs no presente (Questionário A), correspondendo a 34,14%.

Aprofundando o conhecimento dos 14 sócios que responderam ao questionário A, passo a chamá-los de agora em diante de Grupo A. Averigüei se no período em que os jovens começaram a participar do CEBUDV, e a beber Hoasca, ainda usavam algum tipo de SPA. Destes, (7) 50,0% declararam que ainda usavam SPAs e (7) 50,0% declara que não mais usava. Entre aqueles que ainda usavam, 2 sócios deixaram de usar em até 3 meses, 1 sócio deixou de usar em até um ano, 1 sócio levou mais de um ano e 1 sócio está há mais de um ano tentando deixar de usar SPA (maconha), e outros 2 ainda usam SPA (álcool), ocasionalmente e não consideram que seja uso problemático para eles.

No mesmo grupo verifiquei a frequência de uso no passado: três deles disseram que usaram SPA diariamente, qua-

tro sócios semanalmente, cinco sócios mensalmente e dois sócios anualmente. O padrão de uso declarado foi: dois sócios se identificaram como experimentador (para conhecer); nove sócios fizeram uso ocasional (Ex. numa festa, uma ou duas vezes num mês); um sócio usou habitualmente (Ex. todo final de semana e até em algum dia na semana) e dois sócios fizeram uso compulsivo (uso diário e até mais de uma vez num só dia). Dentre estes, um já havia deixado de usar quando bebeu Hoasca e outro bebeu Hoasca por volta de oito meses até deixar de usar outras SPAs. Destes, 13 sócios consideram que fizeram uso controlado e apenas um sócio fez uso nocivo e teve que fazer tratamento clínico para parar de usar SPAs antes de ser sócio do CEBUDV. Ele afirma já ter deixado de usar outras substâncias quando iniciou a experiência com Hoasca. Os outros 13 não tiveram que fazer tratamento clínico, não consideram ter tido problemas com as SPAs. Verifiquei se eles já tinham participado de algumapalestra/aula na escola/universidade ou em algum programa de prevenção ao uso das SPAs, onde 3 não participaram e 11 afirmaram já ter participado.

O grupo A foi questionado sobre a idade em que iniciou o uso de alguma substância psicoativa. A faixa etária de maior incidência foi entre 12 e 17 anos, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 2 - Idade que iniciou o uso de SPAs

Idade (Anos)	Frequência	%
0-11	2	14,3
12 - 17	8	57,1
18 - 25	4	28,6
Total	14	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo.

As informações acima corroboram com as pesquisas nacionais de que os jovens estão iniciando o consumo de álcool cada vez mais cedo, em torno dos 12 anos, pois mais da metade dos sujeitos de nossa amostra experimentaram álcool na faixa de

12 a 17 anos. Foi observado que dois sócios quando iniciaram o uso de SPAs já participavam das atividades do Centro, um desde que nasceu e outro a partir dos sete anos de idade. Os outros iniciaram o uso de SPAs antes do início da participação no CEBUDV.

Relacionando as idades em que os grupos A (14 sócios) e B (27 sócios), iniciaram a participação no CEBUDV, verifiquei que no Grupo A, sete iniciaram sua participação com idade acima de 18 anos, enquanto que no Grupo B, até a idade de 14 anos, 21 jovens já conviviam no âmbito do Centro, como ilustra o quadro abaixo:

Tabela 3- Início da participação dos jovens no CEBUDV por idade

IDADE (Anos)	Grupo A (Frequência)	Grupo A %	Grupo B (Frequência)	Grupo B %
0 - 6	1	7,1	14	51,9
7 - 14	2	7,1	7	25,9
15 - 18	3	21,4	3	11,1
19 - 25	8	50,0	3	11,1
Total	14	100,0	27	100,0

Fonte: Pesquisa de Campo

Correlacionando as idades que iniciaram o uso de SPAs e as idades que iniciaram a participação nas atividades do CEBUDV, podemos verificar que no Grupo A, apenas um sócio conviveu no grupo em sua infância, enquanto no grupo B, 14 sócios tiveram essa convivência. E ainda, no grupo B, dos 27 sócios, 21 deles tiveram convivência no CEBUDV nas idades de 0 a 14, e no grupo A, foram três sócios.

Aprofundando esta análise, sabe-se que na literatura que tratada relação entre saúde e religião, alguns estudos apontam que a educação religiosa na infância tem ação moduladora para o uso de SPAs na juventude, mostrando-se com elevada importância, pela ação inibidora do consumo nocivo de álcool e dro-

gas(DALGALARRONDO *et al.*, 2004). Fiz esse levantamento nos dois Grupos A e B, e temos:

Tabela 4 - Educação religiosa na infância

Orientação Espiritual	Grupo A Frequência	Grupo A %	Grupo B Frequência	Grupo B %
Sim	10	71,4	25	92,6
Não	4	28,6	2	7,4
Total	14	100,0	27	100,0

Fonte: Trabalho de Campo.

As informações levantadas nesta amostra corroboram as conclusões do estudo citado acima. Sabendo tratar-se de levantamentos quantitativos, os aspectos qualitativos da educação religiosa não foram avaliados(DALGALARRONDO*et al.*, 2004). No contexto da população estudada, a diferença significativa dá-se entre aqueles que receberam orientação espiritual na infância, o que ocorreu no Grupo B, onde mais de 60% afirmaram que foi no CEBUDV. No grupo A, somente dois sujeitos receberam orientação espiritual na UDV na infância, os outros oito foram em outras religiões.

Investigando sobre as facilidades de acesso de SPAs no âmbito familiar, buscamos saber se os sujeitos do Grupo A, no tempo em que iniciaram o uso das SPAs, tiveram familiares próximos que também usavam. (9) 64,3% declararam que os seus pais ou parentes próximos também usavam alguma delas, como álcool, cigarros, etc. Já (5) 35,7% declararam que eles não usavam nenhuma substância psicoativa; (10) 71,4% afirmam ter recebido de amigos e colegas da escola; em segundo de namorado(a) (2) 14,3%; de parentes (1) 7,1% e de pais de colegas; (1) 7,1%. Lia, WaltereDantecomentam respectivamente a esse respeito que,

“[...]começa no colégio quando você já é pequeno e tem uns quinze anos aí começa as festas, as bebidas e os amigos.

Os pais dos meus amigos bebem...já me ofereceram muitas coisas, então eu acho que começa a partir da influência dos amigos do colégio e depois vai seguindo de faculdade, de trabalho. Mas é mais dos amigos mesmo que começa tudo isso". (LIA)

"Eu vejo que em todo lugar a gente sofre influência, na escola, amigos da rua e até das religiões. Porque amigos vão conhecendo algumas coisas e falando, né? Isso não significa que sejam todos os amigos, mas é algo que está no dia a dia, até a televisão, a propaganda disso e daquilo. Então a gente recebe constantemente informações e influências, né?" (WALTER)

"Comigo foi a mesma história, os pais dos amigos acostumados a beber. Eu ia pra casa dos amigos, os pais estavam bebendo ofereciam para os filhos e para os amigos dos filhos. Eu passei um tempo recusando e um dia resolvi aceitar pra ver como é que era. Comecei a gostar e teve um certo dia que minha mãe descobriu. Ela me botou de castigo me proibiu de sair, nesse momento eu não aceitei muito bem. Então comecei a ir pra União porque ela me obrigou. Com o tempo fui tendo *burracheira* fui vendo que não era muito bom aquilo. Fui conhecendo o posicionamento da União sobre a bebida alcóolica. E eu vejo que a gente recebe a orientação dos pais, eles sempre falavam que não era uma coisa legal, que eu não bebesse, até o momento que eu recusei foi pensando nos meus pais, mas eu recebi a influência de fora do mesmo jeito". (DANTE)

Para muitos jovens a influência começou na própria família. Foi o que aconteceu com Gadiel, que iniciou a usar álcool com doze anos.

“Meu pai bebia, e pra mim aquilo era normal. Aí quando passa o tempo e chega aos doze anos, e observa que todos os amigos estão bebendo, todos os amigos já tiveram uma experiência dessas, aí vai também. É mais um incentivo, se começa a achar normal [...] Começa pelo tratamento de achar que é normal, uma convenção social, a pessoa ter que beber para se inserir em determinado lugar”.

Há também a influência indireta com mudanças, como morte de um dos pais, ou desestruturação familiar com separação conjugal, parece que foi o que aconteceu para Lúcio:

“[...] E eu frequentava a missa todos os domingos e os grupos de jovens. Mas assim, por querer me aproximar de Deus e eu buscava um lugar que eu me sentisse fazendo parte. Meus pais se separaram na minha juventude, eu tinha 17 anos. E eu me envolvi com droga, fumava maconha. Mas não era nada demais, não. Era mesmo para participar do momento. [...] Aí já comecei a me envolver com bebida e tudo. Eu acho que era sempre aquela busca e as pessoas sempre usavam aquelas coisas e eu usava também[...] Já com o álcool eu chegava a beber quatro vezes por semana. Quase toda semana, na faculdade era certo. Saía da faculdade já ficava no bar, muita mulher, muita coisa ruim mesmo Mas não era uma coisa que eu deixava de viver por causa daquilo não, usava...”

Entre os membros do Grupo B, (14) 51,9% declararam que ninguém ofereceu substâncias psicoativas para eles, enquanto (13) 48,1% afirmaram que amigos ou conhecidos lhes ofereceram. Os locais/situações preferenciais foram: (6) 22,2% festas e aniversários, (3) 11,1% escolas/faculdades, casa de amigos, (1) 3,7% em viagens. Lia comenta: "então, eu nunca me deixei influenciar porque desde pequena meus pais falavam: - isso é errado, não faça isso, você é da União, a União não segue esse padrão de vida". E completa:

"E quando eu era mais nova que eles (os amigos) me ofereciam (álcool) eu dizia não, não tomo não, não quero nem provar. Ai eles falavam Ave Maria deixa de ser besta tu é careta, né? Tu não é jovem? Até hoje em dia me perguntam, - tu bebe? Ai eu, não! - Tu nunca bebeu? Tu tem vinte anos e nunca bebeu? Ficam surpresos como se fosse uma coisa que no mundo hoje em dia não existisse".

Pude constatar nesta amostra, que a facilidade de acesso através de colegas, e os exemplos dos familiares no uso de tais substâncias, são fatores de risco importantes. Neste aspecto, as famílias participantes do CEBUDV, procuram evitar uso do álcool que é socialmente estimulado, e buscam outras formas de lazer. Quando os jovens já podem sair para outros ambientes, como festas, aniversários e shows, é que têm a oportunidade de experimentar tais substâncias.

4.2 Entendimentos dos jovens quanto ao uso das SPAS

A palavra sentido tem diversas significações. Especialmente para a fenomenologia é um termo rico e complexo. Nesta etapa do livro examino os sentidos, enquanto rumo ou direção, atribuídos pelos jovens quanto ao uso das SPAs. A partir das respostas às perguntas abertas no questionário e nas entrevistas, busquei identificar os sentidos intersubjetivos que motivaram os jovens a buscarem tais experiências. O primeiro sentido

presente na fala da maioria dos sujeitos foi a busca de socializar com os amigos, o uso recreativo. Tito afirmou:

“Se você que não bebe e chega numa festa, tá ali se divertindo e as pessoas acham logo que você não tá se divertindo. Você diz: – Não, tô aqui tomando meu suco. – Mas isso tem graça? Não tem graça ir pra uma festa e não beber! Dizem as pessoas. Já chegou ao ponto de eu estar em uma festa e meus amigos me segurarem pra eu beber dizendo: - rapaz bebe isso aqui, isso não vai fazer mal não, não é veneno não.[...] E se a pessoa não faz uso da bebida ela acaba sendo deixada um pouco de lado pelos amigos, já aconteceu comigo em algumas saídas que eu fiz”.

O comportamento do Tito reforça a importância para os jovens do reconhecimento dos outros, principalmente de seus pares, aspecto relevante na formação de sua identidade. Tais comportamentos confirmam características comuns entre os jovens em geral, que buscam se inserirem em grupos, turmas e bandos, inventando seus próprios ritos para se considerar com mais autonomia e adulto. No caso de consumo de drogas como a maconha ou a cerveja, são atitudes que funcionam como forma de marcar a entrada em certos grupos, como também estabelecer a linha entre os caretas e entendidos (KEHL apud MIRANDA, 2007).

Para Leno, que desde criança, seus pais já bebiam Hoasca, e ele teve oportunidade de beber algumas vezes, achava toda a experiência muito familiar, fazendo parte da sua vida. Afirmou que:

“[...] tudo [experiência religiosa] já é conhecido. Aí a pessoa ver outras coisas no mundo e quer conhecer, experimentar. Por exemplo, nos filme a gente ver as pessoas fumando, e a gente quer saber como

é. Com 15 anos, com a turma do skate comecei a usar maconha. E depois, usei cocaína, LSD, barbitúrico e álcool; gostava de beber para cair no chão (embriagar). Eu era muito impulsivo. Foi uma mistura de impulso com curiosidade".

A experiência de Leno é emblemática para ilustrar o segundo sentido para uso das SPAs, que foi a busca de experimentar o novo. Isto indica a presença de algo fundamental na condição juvenil (MARIALICE FORACCHI, 1972), que é a experiência em estabelecer uma vinculação experimental com a realidade e os valores vigentes. Neste caso os valores da turma do *skate*.

O terceiro sentido para uso das SPAs, é a busca por aliviar a angústia, tristeza, conflitos, estresse, tédio, desânimo e/ou desmotivação. Neste aspecto, comenta Lúcia:

"Eu nasci na União e não tinha vontade de usar bebida alcoólica. As minhas amigas do colégio começaram a beber muito novas, com quinze anos já bebiam consideravelmente. Eu sempre saía com elas e não bebia, não sentia vontade e sempre senti que eu me divertia e conseguia está ali sem usar aquilo. Mas teve uma época na minha vida que eu passei... estava com alguns problemas emocionais, eu me chateei com alguns amigos, foram poucas pessoas. E nessa época eu experimentei beber álcool".

O quarto sentido foi em busca de momentos de transcendência do ritmo de pensamentos cotidianos. Apresentando um perfil da categoria experimentador, o jovem Rian compartilhou:

"Comigo, que nasci na União já é um pouco diferente porque eu não tive influência em casa. Meus tios não bebem

muito, então também não tenho influência. E mesmo no colégio a experiência que eu tive com bebida alcóolica não foi uma coisa que me influenciaram foi uma coisa que eu procurei. Porque eu notava o seguinte: eu não gostava muito de ir pra União quando eu era adolescente porque eu não sentia *burracheira*. E também achava o povo muito velho, muito careta, muito besta e eu sempre senti uma necessidade de sair um pouco de mim. E eu não tinha aquela experiência na *burracheira*, então a primeira vez que eu bebi álcool tinha treze anos eu achei o máximo. [...] Também nunca tive vontade de usar outras coisas, outras drogas porque eu tinha medo”.

Rian afirmou que quando estava usando álcool, buscava uma forma de sair um pouco desse “eu”, buscando uma transcendência, significando para ele, a necessidade de experimentar um estado de consciência diferente do estado de consciência ordinário, ao qual estava habituado. Quando teve a experiência da *burracheira* ele encontrou o que estava procurando. E acrescentou:

“Meu pai disse, e eu achei parecido comigo que quando ele era novo, ele também tinha várias buscas e tinha usado várias drogas. Quando soube do Vegetal ele disse: rapaz eu quero ir saber como é a *vibe*. Ele imaginou que fosse um monte de gente assim sentado em volta da fogueira e tal, e quando conheceu e foi na casa era de mestres, dois velhos, bem diferente do que ele imaginou. Aí bebeu o Chá e até hoje.”

Foi citado, anteriormente, que o uso ritual da Hoasca promove estados ampliados de consciência, em que é possível abs-

trair-se de situações do cotidiano e ter *insights* e novas associações de ideias, etc.

Analisar fenomenologicamente as experiências dos jovens quanto ao uso das SPAs, implica a tarefa de estudar as significações das vivências tais quaiße apresentam à consciência dos hoasqueiros. Há de se considerar que as experiências de uso das SPAs para estes sujeitos, apresentam-se as consciências destes como uma experiência ocorrida no passado e não fazendo parte de sua vivência no tempo presente. Portanto, são significados concebidos atualmente sobre experiência vivida no passado. Temos que considerar as mudanças das condições existenciais e de idade, ocorrida entre o tempo que usaram e atualmente, quando não fazem mais uso das SPAs. Evidenciam-se nas significações atribuídas, aspectos relativos à assimilação dos preceitos e a experiência com o uso da Hoasca. São significados e entendimentos concebidos, a partir de análises e vivências em estado ampliado de consciência produzido pela *buracheira*, e balizados nas orientações doutrinárias. Além disso, compartilham suas compreensões com os amigos, que tiveram experiências parecidas.

Observando que o método fenomenológico não permite que o pesquisador pese a "verdade" ou avalie o seu referente "real" das experiências dos sujeitos. Este método permite que se entre em um aspecto do mundo religioso dos informantes, como ele se apresenta a consciência desses (SPICKARD, 2014). Nesse sentido, busque nesta obra desvelar aspectos das experiências dos jovens adeptos relacionados ao uso de SPAs e da Hoasca e as influências da afiliação religiosa.

Ao trabalhar com o material coletado nas entrevistas e grupos focais, analisei o modo como os sujeitos qualificaram suas atitudes para as suas relações com o uso de SPAs, Hoasca e sua afiliação religiosa. Observei que eles fornecem dados ricos sobre a significação de tais experiências. Esta abordagem refere-se, na perspectiva fenomenológica, a "um conjunto de experiências vividas pelos indivíduos (percepções, memória, imagens), que podem ser acessadas pela consciência." (ANDRADE, 2014, p. 103).

Desse modo, a escolha em apresentar os significados, compartilhados em frases sínteses expressos pelos próprios jovens, são os entendimentos das experiências vividas por eles, no que se refere ao uso de SPAs. Dessa forma, emergiram três núcleos de significados, que apresento a seguir:

4.2.1 USAR SPAs SIGNIFICA SOFRIMENTO:

A) “[...] traz malefícios para a saúde, causa sequelas e destruição, desorienta.”

Alguns dos jovens tiveram fortes vivências na própria família, como Gil que relatou: “[...] meu pai morreu de overdose, posso dar meu depoimento de muito sofrimento.” Tito disse: “Minha família não é da União, eu cheguei na União com dezoito anos. E até os dezoito anos eu convivi bem de perto com alguns problemas que a bebida alcóolica traz pra vida das pessoas ao ponto de alguns tios, avôs falecerem de cirrose.”

Para Lúcio, antes mesmo de beber Hoasca, teve sensações fisiológicas com SPAs que lhe permitiu o reconhecimento dos efeitos no próprio corpo, como descreve:

“[...] nunca achava que era aquela coisa (usar álcool e maconha) que me satisfazia. Eu não ficava bem no dia seguinte quando acordava e lembrava o que eu fazia. A reação do meu corpo com aquilo, no outro dia eu ficava muito debilitado então não era uma coisa que eu gostava de fazer. Fazia porque estava lá no momento era inexperiente”.

A jovem Lise teve uma imagem mental associada ao sentido olfativo na *burracheira*: “[...] vi uns homens fumando maconha e consegui entrar neles, e vi uma coisa podre. Foi a partir desse dia que eu não fumei mais. E foi assim, uma coisa bem forte que eu vi né? São Tomé precisa ver, né? Eu vi (imagem mental) e foi um impacto na minha vida”. A expressão “entrar neles” neste contexto, evidencia a percepção do corpo como a

base existencial para a experiência com uso de SPAs. Trata-se de uma "performance ritual" (CSORDAS, 2008), em que a vivência pessoal é potencializada pelos efeitos expansivos da Hoasca nos participantes da sessão, sejam eles mentais e/ou corporais.

Já Rian observou os danos físicos quando presenciou... "Eu vi amigos usarem coisas mais pesadas como cocaína, crack e vi o efeito, aquilo é muito pesado para o organismo, não é uma coisa boa...examinei as consequências do uso...o perigo dos vícios." Além disso, a *burracheira* proporciona a amplificação dos sentidos, e frequentemente aumenta a percepção do próprio corpo. Marley comentou, "as pessoas falam que quando alguém faz alguma coisa que prejudica a saúde, o vegetal mostra. Com o Vegetal, a pessoa começa a se ver mais, e ver o que está precisando melhorar".

No CEBUDV "afirma-se que cada pessoa tem, diante de Deus, o dever de zelar por sua saúde física e espiritual. E os vícios – as drogas, sobretudo – atentam contra ambas" (CEBUDV, 2008 p. 25). Lúcia concorda que, "é um descuido consigo mesmo e falta de amor próprio". O corpo é percebido como o templo onde habita o espírito, é dever do discípulo preservá-lo. Cuidar do corpo e atender suas necessidades é uma condição básica para tratar de si mesmo. Ser-no-mundo percebendo a vida valiosa e significativa (CEBUDV, 2008). É por esta razão que Cordas (2008), destaca a riqueza existencial do ser-no-mundo, sendo o sujeito-corpo o lugar rico desta aventura.

Além disso, na ritualística das sessões as "chamadas" ou doutrinas orienta-se a construção de um estilo de vida que promove a saúde física, mental e espiritual. Tal evidência, coadjuvante com os efeitos benéficos da Hoasca, comprovados pelos adeptos e descritos em diversas etnografias e nos estudos científicos realizados pelo Projeto Hoasca, já citado.

B) "[...] destrói família, amigos e o modo de ser."

Rian demonstra a relação significativa com o pai.

"Eu vejo claramente que das vezes que eu estava usando álcool e que eu bebia vegetal depois eu não sentia boas *burra-*

cheiras, né? O vegetal faz um trabalho de limpeza, apertar a consciência, a memória, clareia, mostra aquilo que não é uma coisa boa. Já algumas vezes eu escondia do meu pai que eu tinha usado álcool, aí eu bebia o vegetal e eu ficava muito mal só melhorava depois que falava pra ele. Ou então, de passar muito mal na "burracheira", assim, da "burracheira" escurecer, eu sentia iss".

Por sua vez, Joe observa que por ter usado maconha e álcool, "eu sei que trouxe muitas coisas ruins para a minha vida, eu sinto que sou meio lesado mais que os outros jovens, às vezes sou meio voador". E José teve visões de "burracheira" que lhe pareceram muito reais, com uma riqueza de imagens, sons, sensações e sentimentos, que ele entendeu como um aviso.

"Eu uma vez, eu parei e refleti durante a semana o porquê de eu não está mais bebendo e fumando. Normalmente, assim, eu parei e refleti qual era o motivo daquilo ali. Aí no final de semana tive uma sessão. Aí a minha "burracheira" foi todinha eu me vendo dirigindo bêbado e batendo o carro, andando bêbado e sendo assaltado. Fazendo alguma coisa bêbado e acontecendo alguma coisa de ruim. E depois eu me vi num lugar colorido, mais alto e um monte de gente, amigos meus, em uma festa todos bebendo e quando olhavam para cima e me viam faziam cara de desespero e esticavam a mão para mim.[...] E já vi algumas vezes o meu pai morrendo e a minha mãe chorando por conta da bebida alcoólica".

Mediado por sensações de ampliação da consciência induzidas pelo chá Hoasca, José projetou cenas na "tela da mente", com imagens nítidas, coloridas, cujo conteúdo significou

para ele um aviso do que poderia acontecer se continuasse usando SPAs. Tais experiências produzem uma vivência que envolve também sensações corporais, semelhante às vivências reais, embora se saiba que não são. Na verdade, do ponto de vista da fenomenologia, o que importa é a "experiência perceptiva" que induz a variadas sensibilidades e múltiplos sentidos que são atribuídos pelos sujeitos envolvidos durante o ritual (RABELO, SOUZA e ALVES, 2012).

A ampliação da consciência, neste contexto, promove o aumento da autopercepção e a capacidade de autoconhecimento, de modo a favorecer a percepção de comportamentos e atitudes pessoais nos relacionamentos. Com tais habilidades, é evidenciado, inclusive, em outras pesquisas que, ao examinar "...essa fase de envolvimento com drogas lícitas e ilícitas [...], interpretam o uso de drogas como uma influência negativa na vida de qualquer pessoa, tanto no trabalho como nos relacionamentos interpessoais e familiares, e em nível psicofisiológico" (SOUZA, 2010, p. 120).

C) "[...] a coisa mais parecida com a verdade é a ilusão. E droga é ilusão e sofrimento."

O discernimento da verdade, da realidade da vida é um aspecto do trabalho espiritual. Conforme o CEBUDV, a ilusão é o oposto da verdade, e que viver na ilusão é expor-se ao sofrimento físico, emocional e espiritual. Iana comenta: "[...]o jovem quer se divertir, mas ao usar drogas ele entra na ilusão que é parecido com a verdade. E quando não tem uma orientação, por influência de amizade aí está sujeito a entrar em estações que não são boas."

No mesmo sentido Lise afirma que:

"O mestre falou que os vícios são opostos à saúde. E o que a gente busca é a saúde. Acho que a maioria das pessoas, quando tem essa consciência de bem estar, elas buscam saúde, boa alimentação, atividade física... Enquanto ele estava falando [o mestre], eu examinei o álcool, tive um

sentimento de que é uma coisa sem fundamento nenhum, é uma ilusão".

Lise apresenta também um aspecto peculiar da doutrina udevista, que é a orientação para o "exame", ou seja, a prática em examinar o que é dito, aplicando o próprio discernimento. O exercício da autoconsciência, ou o entendimento pela consciência. Uma das características dessa religião como já citado, é que "não há dogmas. Toda a doutrina está aberta ao exame e à compreensão do discípulo [...]". Mestre Gabriel adverte que "não é para aceitar o que digo, mas para examinar e ver que estou certo". E "aquele que achar que o Mestre está errado não deve acompanhá-lo" (FABIANO, 2012, p. 174).

4.2.2 USAR SPAS SIGNIFICA IMPEDIR A EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

A) "[...] homem é liberto, mas os vícios escravizam. Para evoluir espiritualmente tem que se libertar de todos os vícios."

Entendimentos de que o vício (compreendido como uso nocivo de drogas) escraviza porque o usuário tende a não ter o domínio de si, por sua vez, a cura do vício é considerada uma libertação da escravidão de forças negativas ou inferiores. E, portanto, imprescindível para evoluir espiritualmente. Os ensinamentos udevistas enfatizam o domínio de si em todas as áreas da vida. Promovem percepções de que a perda de controle vulnerabiliza a pessoa para as influências de energias negativas como afirma Lúcio "[...] para evoluir tem que ter domínio de si [...] sou eu que devo estar no comando da minha vida." Ao serem convocados para evoluir espiritualmente, desenvolver as virtudes e aperfeiçoar-se como ser humano, Lia vê como necessário "ser realista...percebendo que não faz sentido usar SPAs, diante do sentido da vida."

B) "Afeta negativamente a vida profissional e amorosa"

Segundo o Guia de Orientação Espiritual do CEBUDV, a maioria das drogas leva o usuário a dependência, enfraquecendo sua vontade e seu empenho em progredir. Isto afeta a capacidade de assumir responsabilidades na vida profissional

e amorosa, dificultando a evolução espiritual, que exige responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros e a construção de uma vida afetiva equilibrada. José se percebeu com dificuldades para concluir sua faculdade quando usava SPAs. Diz, "eu fumava três cigarros de maconha por dia, quando estava fazendo o trabalho final da faculdade. Tinha passado um semestre estudando e as informações e conhecimento eu já tinha, mas não conseguia fazer a monografia[...]Tranquei o semestre[...]É relaxamento demais, lerdexa, né?"

c) "[...]ocupar a cabeça com o que não serve...perder tempo? a vida é curta!".

Lúcia observou aspectos dos comportamentos de seus colegas usuários de SPAs que a vida parecia estagnada, e as pessoas pareciam estar perdendo tempo.

"Uma coisa que eu percebia é que a maioria das pessoas que eu conhecia que fumavam maconha e já eram um pouco mais velhas, que algumas daquelas pessoas não iam muito para frente em algumas coisas. As vezes era a mesma conversa que o mais novo tinha e parecia que a pessoa não mudava, estava sempre com aquele mesmo pensamento, daquele mesmo jeito e parece que a vida fica estagnada".

Em estados ampliados de consciência, induzidos por Hoasca, há possibilidade da percepção do tempo ser alterada. Parece que fica mais claro para alguns o entendimento da finitude da vida, aspecto raramente percebido pelos jovens em geral. Segundo a doutrina udvista, a oportunidade de estar encarnado (espírito tendo um corpo) precisa ser valorizada, porque "só encarnado [a pessoa] evolui, desenvolve suas potencialidades – morais, intelectuais e espirituais – e obtém gradualmente o conhecimento da realidade" (FABIANO,2012, p. 171).

4.2.3 USAR SPAs SIGNIFICA FAZER ALGO ERRADO

Para Cinara, ser capaz de discernir entre certo e errado, “- depende da consciência que a pessoa tem, se a pessoa não sentir que aquilo não tá certo [...]. Tem que ter um nível de consciência. É não estar fazendo a coisa certa e sentir a consciência pesada”.

Benício quando experimentou maconha, teve a sensação que o Mestre Gabriel estava vendo o que ele estava fazendo.

“[...] no dia que eu fiz uso de maconha o período que durou eu fiquei direto lembrando do Mestre Gabriel, era como se ele tivesse vendo o que eu estava fazendo, como se ele tivesse olhando pra mim. E aí eu fiquei aperriado com aquilo e quis sair dali. Eu usei maconha umas três vezes e foi a mesma coisa e não quis mais depois disso”.

Rian e Jack lembraram os ensinamentos em situações em que estavam usando álcool.

“Também tive isso duas vezes. Depois que eu estou na União, bebendo o vegetal isso aconteceu duas vezes. Teve uma vez que depois que eu bebi álcool, eu fiquei lembrando um monte de palavra de chamada na minha cabeça e teve outra vez que eu bebi e ao invés de eu ter ficado eufórico eu fiquei super sério e comecei a doutrinar todos os meus amigos, dizendo que eles não deviam estar bebendo, que era errado”. (RIAN)

“[...] eu fui fazer uso (álcool), com uns colegas e quando tava assim no pico de alterado eu olhei lá pro fundo do bar, e vi só o quadro do Mestre Gabriel e a chamada do “Castelo da Ciência” vindo na

minha cabeça.. Eu estava na mesa com os amigos e quando eu senti, me deu um choque na consciência e eu liguei pro meu pai e na mesma hora contei o que estava acontecendo. Aí ele foi me buscar. E eu vi o quadro do Mestre Gabriel lá no fundo na parede do bar". (JACK)

As experiências acima exemplificam feitos possíveis do uso de Hoasca, que diz respeito ao aumento da capacidade de autoanálise, e perceber coisas que precisam ser corrigidas, principalmente aquelas coisas que dentro da perspectiva do próprio indivíduo é considerado moralmente inaceitável (TÓ-FOLI, 2013).

Leno vivenciou essas experiências de outro modo. Ele não se sensibilizou pela doutrina. Para ele as experiências com SPAs se tornaram erradas porque gerou muito sofrimento para a sua família, como relata:

"[...] eu nunca ficava pensando assim vixe eu não devo usar isso não (drogas) [...] eu não prestava atenção aos ensinamentos da sessão, como é que a gente deve se conduzir na vida. Pela minha compreensão eu não absorvia todos [...] eu ia pra sessão e no outro dia estava fumando maconha. Eu não fazia distinção. Eu gostava da União, do sítio, dos amigos, mas nunca equilibrava com doutrina. O que me chamava mais atenção na União eram as pessoas, os amigos, eu gostava. Não pela doutrina porque eu não tinha maturidade para absorver. Não é tão fácil se sensibilizar com a doutrina. Eu me sensibilizeia deixar de usar drogas mais pela questão de estar causando muito sofrimento à minha família. E isso não é certo".

Roni se percebeu fazendo diferente ao que aprendia na União, como relata:

"[...] eu sabia que a União era contrária ao que eu estava fazendo. Eu sabia que os princípios morais da União não eram de acordo com o que eu estava fazendo. O ensino em si eu não lembrava exatamente, mas eu sabia da existência dos princípios morais que eu estava indo contra esses princípios morais. E isso mexia bastante com a minha consciência. Ficava sempre aquela pulga atrás da orelha falando que acreditei na União. Então, mesmo utilizando aquela substância eu sempre tinha na minha mente que eu estava infringindo um princípio moral da religião. E isso me alertava".

As doutrinas, ensinamentos e orientações religiosas do CEBUDV, prescrevem comportamentos e estilos de vida que promovem a saúde. Condenam o uso de drogas, legais ou proibidas, e toda forma de vícios, considerando-os incompatíveis com estados equilibrados de conduta pessoal. A prática constante, pautada pela doutrina, amplia a capacidade do discípulo de aprender com as experiências pessoais e evitar o sofrimento, sentimentos e atitudes negativas. (CEBUDV, 2008). Orienta-se um padrão de conduta moral discreto e coerente, e entendem por vício a prática sistemática de atos nocivos ao equilíbrio humano – físico e espiritual (CEBUDV, 2008).

Segundo Barbosa (2001), há no CEBUDV uma tendência proeminente de regular, determinadas condutas – entre as quais o consumo de álcool e cigarro – mediante sanções estatutárias, como afastamentos temporários do grau hierárquico ou do grupo religioso. De acordo com o Regimento Interno, documento do CEBUDV, lido no início das sessões de escalas mensais, diz que "aquele [discípulo] que for encontrado em visível estado de embriaguez, será advertido; e em caso de reincidência será punido [afastado da comunhão do vegetal]". De acordo com rela-

tos dos jovens, a aplicação dessas leis são os últimos recursos a serem utilizados, principalmente se tratando de jovens adultos. Antes de aplicá-las, o discípulo recebe o acompanhamento e o apoio necessário à mudança da conduta. Rian foi acompanhado pelos Mestres e diz:

"[...]tive um ensinamento bom, vi por mim mesmo que (álcool) não era bom, que tem o caminho certo, e os ensinamentos da União são bons para a minha vida. Foi bom para eu amadurecer mais, ter uma clareza na minha vida. Quando somos jovens estamos na época de se testar. Quando vai crescendo mais amadurecendo, vamos acertando as ideias".

4.3 Sentidos e significados sobre a hoasca

"[...] um mergulho na espiritualidade [...] Conexão com o lado espiritual [...] encontro com Deus/paz/gratidão".

Para Miro, a experiência com a Hoasca:

"[...]mostra que existe um poder superior, uma luz superior, algo maior, que tem alguém olhando pela gente, que tem alguém que é superior a gente. [...] eu acho que é isso que talvez faz que a pessoa que já usou alguma substância não se mantenha usando aquilo, porque sabe que está sendo acompanhado por alguém superior".

Para Bernardo:

"A sensação que eu tenho com o chá é que eu posso me acessar interiormente. Acessando-me eu posso fazer uma cone-

xão mais próxima. Tem também a questão de acreditar no que a gente ouve. O chá me faz crer que dentro de mim há também essência divina. O chá me faz crer nisso, é como se eu conseguisse ficar mais perto, enxergar melhor e ver o que é que eu posso fazer para ficar ainda mais perto do poder superior".

Por sua vez, Rosa afirmou que: "eu vejo que o vegetal é um meio, um veículo para a comunicação com o superior e melhora o ser humano, uma evolução espiritual. Para mim, isso fica cada vez mais claro".

"[...] um encontro comigo mesmo [...] oportunidade de aprender a ser uma pessoa melhor".

Ângela considera que, "Hoasca representa um encontro. É por esse caminho que eu vou encontrar alguns sentidos pra vida, dar direção pra onde eu vou a minha vida, encontrar valores também". Lúcia considera importante encontrar respostas para "[...] me conhecer na essência: de onde vim para onde vou." Lise percebeu que ao longo do tempo a experiência com Hoasca "[...] ampliou a visão da vida e do sentido de viver." Roni declarou que se identificou com o grupo e encontrou um lugar para ser e fazer o que estava querendo: "quando eu me engajei na União consegui me encontrar enquanto pessoa, e fazer o que eu estava querendo fazer".

Já Levi, destacou a sacralidade deste momento, expressando: "[...] momento sublime que posso sentir e aprender [...] refletir sobre minhas atitudes, relacionamentos e descobrir o que preciso fazer para melhorar nas minhas atitudes e pensamentos." Enquanto Walter vivencia o estado alterado de consciência e sente que, "[...] facilita entender a doutrina e perceber o que preciso aprender para evoluir espiritualmente."

Na compreensão de Iana: "[...] o vegetal é uma chave que pode abrir algumas portas e isso vai depender do grau de

consciência que a pessoa tem. Porque o vegetal tem que ser combinado, como o Ciro falou, com o ensinamento da palavra, da doutrina, algo que direcione o pensamento". Roni tem uma compreensão semelhante à de Iana, quando fala que:

"[...] é uma porta de entrada para o conhecimento, porque possibilita que a pessoa se conheça enquanto espírito se conheça enquanto ser humano conheça seu lugar no mundo, conheça sua posição enquanto cidadão. E ela possibilita que você se melhore enquanto pessoa, enquanto espírito, enquanto cidadão, enquanto amigo. Então, ela abre portas para o conhecimento entrar[...] eu larguei o direito para estudar para medicina [...] tenho convicção que foi colocando em prática os ensinamentos da União, e que a burracheira fez com que minha consciência se expandisse ao ponto de eu ver a necessidade de realmente eu agir de acordo com a doutrina da União. E me auxiliou bastante na minha organização enquanto estudante fortaleceu a minha capacidade de eu querer me manter naquilo que eu estava buscando. Então a burracheira ela expandiu minha mente, para fortalecer meu querer estudar, de querer ser uma pessoa melhor. A doutrina que eu recebia ela fortaleceu também junto com a burracheira e isso foi um ponto forte. Então, tive várias experiências boas com o vegetal, que me fortaleceram enquanto pessoa e que me fizeram crer mais em mim e ir buscar o que eu estava querendo".

Duda comentou que: "acho muito interessante o vegetal nos jovens, em mim. Fez eu me firmar muito na vida". São valorizadas as sensações, sentimentos que afloram em certos momentos da vida "[...] ver o caminho do bem [...] a salvação da minha vida", disse Péricles, ou a percepção de sinais no dia a dia que são entendidos como avisos. "[...] outra festa que eu fui

e estava muito pesado, o clima muito tenso, aí eu falei vamos embora que eu tô sentindo que o Mestre Gabriel está me avisando que vai acontecer alguma coisa ruim. Aí, depois eu soube que teve uns tiros, e isso fez a gente escapar, né?"

O efeito da Hoasca proporciona aumento da introspecção que facilita a reflexão, mediado pela ampliação do estado de consciência, facilita a focalização da atenção em detalhes, antes não observados, e que podem enriquecer análises comparativas, gerando associações de ideias *einsights* pessoais como já foi abordado anteriormente. Sobre isso Lúcia comenta:

"É porque eu percebo que tem diferença entre a pessoa que bebe ou usa qualquer tipo de coisa, parece que dificulta ela escutar qualquer coisa que o outro fala. Dificulta ela receber um conselho porque ela acha que tá sempre certa. Equando bebe vegetal facilita. Por exemplo, algumas sessões eu nem senti muita "burracheira", mas só de tá ali escutando o que o Mestre tá falando, já facilita o entendimento. E, às vezes, quando eu tô na "burracheira" forte também facilita na minha compreensão o entendimento para eu ver o que é certo e errado. As outras pessoas não tem essa facilidade de entender o que a outra tá dizendo".

Lúcia demonstra a facilidade de perceber uma modalidade específica de sensações que corresponde ao aumento perceptivo do órgão da audição, impactando na capacidade de entender as informações recebidas sob o efeito da Hoasca, durante a sessão.

Sousa (2010) indagou aos filiados do CEBUDV, em outra pesquisa sobre o poder curativo da Hoasca, e observou que a maioria deles acredita que o vegetal não tem poder mágico curativo, mas permite ao indivíduo o autoconhecimento suficiente para mudar hábitos e conceitos de vida, que auxiliam a

pessoa a alcançar mais harmonia consigo mesmo e com a natureza.

"[...] é renovação/fortalecimento/paz interior [...] é sentir bem-estar, leveza, bom humor".

Lúcio na experiência descrita abaixo adotou um ato de vontade, pelo qual a vontade toma uma determinação e intenciona um direcionamento de sua experiência sob o efeito de Hoasca, mobilizando sua atenção para objetivos de resolver problemas e sentir mais bem-estar, como declarou:

"Usei o vegetal mesmo sem saber, desde o início, para resolver algumas coisas comigo mesmo, meus problemas. Coisas que eu não sabia resolver bem, achar uma solução. Já desde o início eu bebia vegetal e aparecia na burracheira àquela situação e eu comecei a entender que o vegetal servia para isso também. Para me auxiliar a encontrar uma forma de me acalmar, de resolver um problema com a família, com as pessoas. Hoje em dia, eu vou para a sessão beber o vegetal pedindo o mestre para ele me mostrar um caminho, resolver uma dificuldade, um trabalho novo que chega para mim, um desafio novo. E eu já recebo e digo mestre como é que eu vou dar conta?"

Participando dos rituais religiosos desde a adolescência, Miro vê que a Hoasca é um recurso "[...] é meu refúgio, meu abrigo."

"Com 14 anos eu comecei a beber Hoasca e foi muito terapêutico pra mim. Resolvi muitas questões. Senti-me muito guardado, e limpando muita coisa dentro de mim que precisava ser limpo, conhecen-

do muita coisa dentro de mim. Às vezes mostrava alguma tristeza que eu estava sentido naquela época e vendo que era capaz de mudar aquele sentimento[...] e eu vi os efeitos que o vegetal tinha comigo nos dias seguintes, no meu dia a dia. Eu tinha muita ansiedade, quando eu bebia vegetal eu passava a semana sem ficar com alguma ansiedade, tristeza ou alguma coisa assim. Acabava funcionando pra mim também como um refúgio. Eu via que tinha coisa boa acontecendo. O vegetal é um recurso para mim".

4.4 Diferenças entre as experiências com as spas e a hoasca

Observei nos relatos, que os jovens desde que iniciam a beber Hoasca, passaram a entender e aceitar a sacralidade da beberagem. José percebeu através de resultados vivenciados na prática.

"Eu fumava três cigarros de maconha por dia, quando esta fazendo o trabalho final da faculdade. Tinha passado um semestre estudando e as informações e conhecimento eu já tinha, mas não conseguia fazer a monografia [...] Foi aí quando eu cheguei à União, aí eu bebi o vegetal. No semestre seguinte eu comecei a fazer de novo só que no lugar de eu estar fumando maconha eu estava bebendo o vegetal. Aí foi assim, tão fluído, tão fácil, consegui ver o que tinha que ser feito, consegui sentar e passar o tempo necessário para fazer aquela tarefa, para desenvolver. Sem ficar me levantando, ir ali [...] mas focado no que eu tinha que fazer. Consequia ter mais determinação. Então, eu percebi a diferença mesmo do que é uma

droga e o que é o vegetal. Percebi claramente como é uma coisa que parece que é boa e uma coisa que é boa mesmo".

Tal experiência exemplifica dados apurados nos questionários relativos às mudanças ocorridas na área profissional/financeira, ao se frequentar as sessões: 44 sócios afirmaram que melhoraram os desempenhos nas atividades profissionais, um sócio diz que piorou, para cinco sócios não houve mudanças e um não respondeu.

Lise, que experimentou maconha, comparou os efeitos com a Hoasca, relatando que:

"[...]a maconha tem um efeito de ser "força sem luz". É parecido com o efeito da "burracheira". Mas a "burracheira" a pessoa bebe o vegetal e fica mais esclarecido, né? A maconha, a pessoa usa tem uma sensação parecida, mas depois a pessoa fica confusa, desorientada [...]o vegetal traz consigo a força e a luz para as pessoas perceberem as coisas, ele já traz consigo porque é algo de Deus, né?".

Lúcia comparou as sensações de euforia imediata de algumas drogas e a serenidade que a Hoasca lhe proporcionou.

"É porque quando a gente bebe o vegetal e recebe a doutrina do mestre a gente vê que é diferente mesmo. Por exemplo, uma coisa que eu vejo muito nas pessoas que usam droga é a sensação de inquietude, de revolta, de inconformação com as coisas, né? Não tem compreensão acha que está tudo um caos, tudo ruim, né? E eu quando cheguei à União, também estava assim, inconformado com a humanidade, reclamando de tudo. Então, comecei a ver também coisas boas, ter mais tranquilidade, ter mais paz, dentro de mim. Um sentimento de paz que vem

quando a gente tá se conhecendo. Eu vejo que é muito importante para a gente viver bem mesmo, que às vezes as drogas dão uma ideia de felicidade, mas que é muito uma euforia, né? Que é aquela coisa aparente que a pessoa está rindo para tudo, mas por dentro ela está angustiada, está se sentindo triste e que o vegetal, a sensação que eu tenho hoje é mais serena. Eu não ando rindo por aí, eu rio nos momentos de descontração, brinco, sou uma pessoa descontraída de brincar, mas que tenho mais serenidade, não é uma coisa forçada, artificial, né? É uma coisa que eu sinto mais verdadeira, de ter uma compreensão comigo de que nem sempre você está ali naquela de estar rindo, que nem todo momento é momento de esta rindo, né?"

De outra parte, Lise disse que a diferença entre o uso da Hoasca e outras SPAs, está no resultado que traz na vida da pessoa, de acordo com seu relato:

"[...] uma coisa que para mim foi bem importante para poder fazer essa diferença, dessa espiritualidade mesmo do vegetal e do benefício que ele vem trazendo para um monte de gente e para mim também. Quando eu entrei na União mesmo, me associei, tive a oportunidade de levar pessoas, já foi minha mãe e agora minha irmã e as pessoas que eu amo eu sinto uma vontade de trazer para a União".

Raveli relatou a realidade da experiência que tem quando bebe o vegetal:

"Pelo que eu sinto do vegetal, o prazer, a satisfação que a pessoa sente depois que

bebe e durante, é uma coisa mais real que é assim [...] até difícil de explicar, para as outras pessoas que não bebem, com palavras da sensação de paz que gente sente é real. Um prazer real é uma coisa contínua, não é uma coisa que passa que nem as drogas".

Vale ressaltar que, há também a possibilidade de passar por experiências desconfortáveis, durante o uso de Hoasca, como já foi dito sobre os efeitos colaterais, como agitação, vômitos, taquicardia e medo. Para os hoasqueiros estes efeitos são uma "limpeza" física e/ou espiritual que a pessoa está necessitando. É por isso que depois que passam tais efeitos, diferentemente de outras substâncias, as pessoas sentem-se bem.

Aurélio disse que, "[...] já estive em rodas que as pessoas comparam, né?[a Hoasca] com alucinógeno e tratam com desrespeito. Já tive essa experiência. Aí falam assim, - e isso aí? Ah fica muito doido quando bebe, ficam muito doido fazendo o quê? Mas eu sei que não é assim."

A percepção das diferenças entre os efeitos da Hoasca e outras SPAs parece ser importante nas primeiras experiências e participações nos rituais religiosos. Tais distinções são estudadas, inclusive, pelos jovens que não tiveram experiências com SPAs. Eles buscam conhecer melhor tais diferenças para saber argumentar em situações quando estão diante de pessoas na sociedade que igualam a Hoasca a outras SPAs, principalmente aquelas ilícitas e discriminam os seus usuários.

4.5 Sobre a discriminação da hoasca

Todos os jovens entrevistados evidenciaram que, em algum momento de suas vidas, perceberam na sociedade discriminação e preconceito com as pessoas que bebem Hoasca, a exemplo de Rian: "[...] quando eu vou falar da minha religião para as pessoas, aí eu digo que bebo um chá e elas ficam achando que eu sou hipócrita, que eu fico reprimindo elas usarem

substância "não sei o quê" e dizem que eu sou "doidão" que tomo um chá. E elas acabam criando um preconceito."

Walter tem amigos também de outra religião e vivenciou o preconceito:

"[...] eu prefiro até dizer que eu sou espírita, mas falar assim que eu bebo um Chá aí já é mais difícil. Porque eles entram nesse argumento aí, né? Alguma vez já souberam que eu tomei um chá e passaram a não me respeitar mais por isso, eu tenho alguns amigos evangélicos que não me respeitam mais depois que souberam que eu bebi um chá".

Cinara comentou que sua irmã namorou um rapaz que era residente de medicina. "Ele gostava muito dela e era católico. Quando soube que ela era espírita e que bebia um chá, ele foi estudar o que era o chá e a parte médica. "Ele disse que se ela ficasse com ele tinha que acompanhar ele porque ela estava usando droga". Ela foi tentar explicar que não era droga e ele disse que procurou e estudou e viu que aquilo era droga. Até que ela terminou o namoro".

Os jovens observaram que, as informações que são veiculadas na mídia, na Internet e até nas apostilas do colégio classificam a Hoasca como substância alucinógena. Rian comenta que, "nas apostilas de quase todos os colégios está desse jeito, aí fica difícil".

O jovem que não tem família participando do CEBUDV parece ter dificuldade de explicar o que está fazendo. Márcia comentou: "é, no começo, quando eu comecei a ir para a União a minha mãe tinha receio, né? Ela falava, ah porque que tem que beber esse chá, o que é isso? E ficava: - vocês ficam lá "muito doido" e tal".

Eles relataram que ainda há muita desinformação sobre a Hoasca, e consideraram importante que a direção do CEBUDV, oriente melhor os jovens e os sócios, em geral, para lidar com as

situações em que as pessoas na sociedade brasileira apresentam preconceitos e discriminação.

4.6 Doutrina, ensinamentos e orientações do CEBUDV

Os ensinamentos, orientações e as práticas doutrinárias legados pelo mestre Gabriel aos seus discípulos, estão ligadas à tradição do Cristianismo e visam conduzir os filiados a uma ética de vida, pautada em valores morais que estão presentes na maioria das religiões cristãs. As diferenças podem ser na forma como se estabelece a organização sistematizada das narrativas, símbolos, e histórias sagradas que se destinam a dar sentido à vida de seus seguidores e dispor sobre as condições pelas quais os filiados terão uma atitude religiosa pessoal.

Nesse sentido, o CEBUDV orienta a adoção de padrões comportamentais em termos de moralidade, ética e leis religiosas que definem um estilo de vida alinhado a suas doutrinas sobre o cosmo e a natureza humana. Lise iniciou o aprendizado destes preceitos aos 20 anos, e afirma que, "as orientações proporcionam maior clareza sobre o caminho que quero seguir".

Os preceitos que fundamentam esta religião hoasqueira, foram sistematizados no Guia de Orientação Espiritual de Crianças e Adolescentes, que elaborado numa linguagem acessível, visa dar "orientações sobre a formação moral e cultura religiosa elementar, que auxilie o jovem a melhor se posicionar na vida e a compreender os valores da espiritualidade"(CEBUDV, 2008). Existem poucos registros escritos sobre a doutrina, além daquele livro citado acima, tem a primeira publicação UDV Fundamentos e Objetivos(CEBUDV, 1989) e o livro "Mestre Gabriel o Mensageiro de Deus" (FABIANO, 2012). O detalhamento de tais ensinamentos são comunicados de forma oral e gradual nas sessões de escala e instrutiva, pelos mestres dirigentes.

Como todas as religiões, há uma convergência entre a dimensão que abarca as ideias mais abrangentes sobre ordem e que estão na visão de mundo que remete para a metafísica, a cosmologia e a ontologia. E a dimensão em que define o *ethos* que evoca valores, estilo de vida e as disposições morais e es-

téticas (TEIXEIRA, 2011). Os dirigentes do CEBUDV procuram articular vínculos necessários entre o modo como se deve viver e o modo como a realidade é explicada pela religião.

É esperado idealmente que os preceitos aprendidos sejam assumidos na prática de vida. Nesse sentido, ser religioso significa colocar em prática os preceitos 24 horas por dia, não só no momento da prática do ritual. Em outras palavras, orienta-se que os adeptos evitem restringir as práticas dos preceitos ao contexto dos rituais religioso, mas adotá-los como estilo de vida. Assim, os discípulos são convocados à prática dos valores espiritualistas e comportamentos conectados com os preceitos professados. Tal ênfase foi apontada por Walter com a seguinte afirmação: “[...] a prática é pra ser vista em cima do pregador”, - quando se referiu à necessidade que sente de dar exemplo em sua vida prática, evitando o uso de SPAs.

A jovem Rosa destacou em sua entrevista, a importância do exemplo dos pais na prática dos ensinamentos e na forma como eles educam seus filhos:

“[...]o que faz a diferença entre o jovem que segue os princípios e os que não seguem, está ligado à forma que os pais trazem os ensinamentos para dentro de casa. É isso que faz a diferença, se os ensinamentos são praticados pelos pais. Se os pais consideram normais as coisas que acontecem na sociedade, como por exemplo, comprar uma arma, mesmo que seja de brinquedo, para o filho, isso não é coerente com os ensinamentos do CEBUDV”.

Roni confirmou o comentário de Rosa:

“[...] o que mais influenciou foi uma passagem meio que indireta dos meus pais, meus pais recebendo a doutrina e passando para mim enquanto filho. Ensinando-me o que estavam aprendendo

com a doutrina e passando para a família. Eu acho que foi mais uma passagem de pai para filho do que uma experiência direta".

O fato é que através dos pais, ou diretamente, os sujeitos desta pesquisa, especificamente aqueles que já usaram SPAs, reconheceram que a doutrina, ensinamentos e orientações contribuíram na escolha para não continuar usando as SPAs. Dentre os 14 jovens que já usaram SPAs, 12 deles confirmaram esta influência, apenas um jovem não considerou importante e outro não respondeu. Os tipos de vivências apontadas que foram mais influenciadoras na decisão de parar de usar foram: primeiro beber Hoasca e as experiências de "burracheira", segundo a doutrina, ensinamentos e orientações do Mestre Gabriel, em terceiro, os amigos do CEBUDV.

Ao justificar suas respostas, os sujeitos afirmaram que teve na "burracheira", a consciência de que não estavam fazendo a coisa certa antes; outros afirmaram que tiveram a consciência que para evoluir espiritualmente precisavam se livrar de todos os vícios; e que são atitudes que não fazem sentido à luz da realidade espiritual; e, ainda afirmaram ter aprendido pela doutrina o significado da firmeza de pensamentos para tomar decisões.

Até mesmo aqueles jovens que não usam e nunca usaram SPAs, confirmaram que a doutrina, ensinamentos e orientações, exerciam alguma influência sobre eles quanto à escolha de não fazer uso de SPAs. Neste sentido, a doutrina do mestre Gabriel, a experiência de beber Hoasca e os amigos, que são constituídos nas relações estabelecidas pelos trabalhos voluntários que realizam juntos, nas atividades de lazer em grupo, aniversários, festas, casamentos, etc., foram os fatores citados como mais importantes.

Procurei captar se a doutrina, ensinamentos e orientações do CEBUDV modulam a concepção de mundo e de si próprio desses jovens, ou seja, se fornecem ideias gerais em termos das quais eles podem dar significação às suas experiências intelectuais, emocionais e morais. Nos resultados quantitativos oriun-

dos dos questionários pude verificar as percepções dos sujeitos relativas a ocorrências de mudanças (após um ano no mínimo de filiação) no que diz respeito:

Tabela 5 – Mudanças dos filiados após um ano de participação no CEBUDV

MUDANÇAS	SIM	NÃO	NR
Estilo de Vida	42	8	1
Nos comportamentos	44	7	-
Nas crenças pessoais	34	15	2
Nas ideias	45	4	2
Nos sentimentos	42	7	2

Fonte: Pesquisa de Campo.

A seguir, apresento os valores que emergiram intersubjetivamente no decorrer da pesquisa e que estão interligados e tendem a nortear as condutas de vida desses jovens.

- O valor da vida incluindo a saúde física, emocional, mental e espiritual: no CEBUDV, "afirma-se que cada pessoa tem, diante de Deus, o dever de zelar por sua saúde física e espiritual. E os vícios -as drogas, sobretudo- atentam contra ambas"(CEBUDV, 2008 p. 25).O corpo é percebido como o templo onde habita o espírito, é dever do discípulo preservá-lo. Cuidar do corpo e atender suas necessidades é uma condição básica para tratar de si mesmo. Ser-no-mundo percebendo a vida valiosa e significativa (CEBUDV, 2008).
- O valor do exame, do exercício de análise para desenvolver o próprio entendimento: a advertência do mestre Gabriel de que não é para aceitar nem o que ele diz, sem exame, estimula os discípulos a exercitar a análise, a reflexão, o estudo. Portanto, quanto às drogas, observei a existência de uma orientação para evitá-las, e também o estímulo para o exame por si mesmo, para chegar às próprias conclusões, como falou uma das entrevistadas. Dessa forma, busca-se conduzir o aprendi-

zado de um modo que o discípulo tenha um comportamento ativo na busca de conhecimento.

- O valor da liberdade para fazer escolhas: a partir do discernimento, operado pela própria consciência, a doutrina ensina que o ser humano deve primeiro compreender que ele traz em si à dualidade, a presença de duas forças espirituais do universo, a negativa (ou inferior) e positiva (superior). Faz parte da realidade humana, a força negativa, o mal. É a força negativa ou inferior, conhecida como Demônio, Satanás em hebraico como adversário, ou em grego, Diabolo (CEBUDV, 2008). Nesta perspectiva, podemos entender a expressão falada por Walter quando se referiu à bebida alcoólica: "é uma comunhão diabólica". Entendendo que o uso de bebidas alcoólicas conecta o ser humano com aquela força inferior que degenera, destrói, causa dependência física e psíquica, e escraviza a pessoa. Assim, discernir no cotidiano como atuam as duas forças em si mesmo e nos outros, produz balizas para o exercício da liberdade e as escolhas bem sucedidas na vida. Existe a liberdade de opção, condição que é dada a cada um de nós para decidir o que vai fazer da sua vida - como, quando, onde e com quem - e o dever de responder pelo que faz. Ensino sintetizado na frase dita por Joe: "temos a liberdade para escolher o que quisermos, sabendo que vamos colher exatamente o que plantamos", quando se referiu à escolha e aos efeitos do uso de drogas.
- O valor do autoconhecimento: estímulo para ampliar a percepção de si mesmo e desenvolver a prática de observar e refletir sobre os próprios pensamentos, sentimentos, atitudes e comportamentos, conforme se observa nas falas dos jovens. Tal prática produz balizas para a construção de um senso de direção, de sentido de vida, na busca de prospectar seu lugar no mundo, sua posição enquanto cidadão. Fortalece a autodeterminação, o querer realizar suas escolhas. Aumenta a crença em si mesmo. Há um reforço à prática do autoconhecimento pelo entendimento de que a força inferior pode se servir do próprio ser humano como instrumento para suas ações. Então, o discípulo precisa se conhecer e ficar atento

aos próprios comportamentos para não ser instrumento da força inferior. Lise disse que, "[...] na burracheira eu tive uma percepção da força inferior, né? O que é inferior e o que é superior, né? E que a força inferior domina um tanto de gente que não consegue nem ver. E que na "burracheira" eu percebi mesmo, assim, que o álcool principalmente, é estimulado às pessoas a o consumirem."

- 5) O valor do domínio de si: os ensinamentos udvistas enfatizam a importância do domínio de si em todas as áreas da vida. Promove percepções de que a perda do autocontrole vulnerabiliza a pessoa para as influências de energias negativas. Se o vício (entendido como uso nocivo de drogas) escraviza porque o usuário tende a não ter o domínio de si, a cura do vício é considerada uma libertação da escravidão de influências negativas ou inferiores. E, portanto, imprescindível para evoluir espiritualmente (CEBUDV, 2008). Walter afirma que, "aprendi a importância em querer estar no comando da minha vida e ter domínio de mim". Ao se referir ao risco que a pessoa está exposta ao usar drogas, e perder o autodomínio, o equilíbrio e o respeito para consigo mesmo.
- O valor da responsabilidade envolve o cuidado consigo mesmo, com a própria vida e com os outros. E tratar bem os outros na convivência comunitária, envolve a necessidade de aperfeiçoamento das condutas individuais e mobilização da inteligência do grupo para desenvolver uma ética da convivência, que possa tornar a vida comunitária mais pacífica, harmônica e benéfica para toda a coletividade. Diz respeito também ao cumprimento dos deveres para ter direitos.

É o fiel cumprimento do dever que gera o direito: direito à diversão, direito à alimentação, direito ao repouso etc. Não há direito sem dever cumprido [...] a recompensa exige esforço, dedicação. Temos o direito à saúde se procuramos cumprir com o dever de ter uma vida íntegra, física e moralmente. Temos direito ao equilíbrio se procuramos cumprir o elementar dever de obedecer às leis de Deus. Temos o direito de ser bem-tratados se cumprimos o dever de tratar bem nossos semelhantes. "E assim por diante" (CEBUDV, 2008, p. 37).

O valor do autoaperfeiçoamento: visando a evolução espiritual com o desenvolvimento das virtudes, pois "só encarnando evolui, desenvolve suas potencialidades – morais, intelectuais e espirituais – e obtém gradualmente o conhecimento da Realidade" (FABIANO, 2012, p.171). Todos os vícios e desvios de condutas são considerados obstáculos à evolução. Os desvios de condutas são: a intemperança ou falta de medida, exagero nos hábitos, nas práticas de vida; a Inveja ou desejo pelo que é do outro; o orgulho, o mesmo que vaidade e sentimento de superioridade diante dos outros; a ira é a raiva, energia destruidora que nasce do impulso e do descontrole; a luxúria é o prazer sexual visando atender só aos instintos sem levar em conta a responsabilidade do que está fazendo; a preguiça é inércia, ausência de ação, negação da vida; e avareza é a negação da solidariedade, da doação; e os preconceitos de raça, porque a humanidade é uma só, todos somos irmãos (CEBUDV, 2008).

As virtudes são o contrário dos vícios e desvios de condutas. É a prática de atos positivos e favoráveis ao desenvolvimento das qualidades humanas. São dons adquiridos com esforço e determinação, pois é preciso disposição para superar os obstáculos e dificuldades, especialmente no íntimo da própria pessoa. Escolher pelo bem, optar por desenvolver virtudes, na maioria das vezes não é cômodo, exige consciência e impõe renúncias, porque as virtudes são construções, resultam do querer da pessoa e da prática fiel, como comenta Marley: "[...] a importância da prática fiel do bem e a constância nos deveres".

A prática das virtudes produz um círculo virtuoso na vida da pessoa, que fortalece e constrói a paz em si mesmo e no mundo. As principais são: a paciência; a obediência às leis de Deus²³; a justiça; a prudência, cuidado consigo, preservar-se dos perigos, cuidar-se física e moralmente; a caridade é solidariedade e fraternidade; a constância é a firmeza no cumprimento das metas estabelecidas, prática continuada dos deveres; a temperança é a moderação, o equilíbrio em tudo o que se diz e pratica; a mansidão e a humildade. Tais virtudes constituem

23 São os Dez Mandamentos de Moisés e a máxima de Jesus "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".

o patrimônio moral do indivíduo, e exige um investimento de longa duração e dedicação para conquistá-lo (CEBUDV, 2008).

O Guia de Orientação Espiritual (CEBUDV, 2008), prescreve aos jovens, comportamentos e estilos de vida, que promovem a saúde. Condena-se o uso de drogas, legais ou proibidas e toda forma de vícios e considera-os incompatíveis com estados equilibrados de conduta pessoal. Nesta perspectiva, a maioria das drogas leva o usuário à dependência (concepção semelhante ao senso comum dos brasileiros, discutido no capítulo um), enfraquecendo sua vontade, seu empenho em progredir. Isto afeta a capacidade de assumir responsabilidades na vida profissional e amorosa, dificultando a evolução espiritual, que exige responsabilidade para consigo mesmo e com os outros, e construção de uma vida afetiva equilibrada.

Segundo as orientações do CEBUDV (2008, p. 24):

De todas as drogas conhecidas, nenhuma tem tantos adeptos e goza de tantas franquias públicas quanto a bebida alcoólica. Sua publicidade abrange todos os veículos de comunicação, em que pesem os estragos que diariamente ocasiona à milhões de pessoas em todo o mundo. É equivocadamente associada a status social, requinte e bom gosto. A muitos parece inofensiva, se ingerida moderadamente. Engano. É nociva, em qualquer quantidade, não só pelos danos físicos que ocasiona, mas, sobretudo, pela sintonia espiritual que estabelece com a Força Negativa.

Nesta perspectiva, podemos entender a expressão falada por Walter quando se referiu à bebida alcoólica: "é uma comunhão diabólica", entendendo que o uso de bebidas alcoólicas conecta o ser humano com aquela força inferior que degenera, destrói, causa dependência física e psíquica, e escraviza a pessoa. O termo "comunhão diabólica" deriva da cosmogonia xamânica que significa "liberação da escravidão aos espíritos do

mal", em vez da linguagem de "expulsão demoníaca" comum na tradição cristã europeia.

Bernardo, recém-chegado, comentou:

"[...]eu não tinha ainda escutado muita coisa. Eu não me lembro do que eu ouvi, mas eu lembro meu irmão me falando para ter cuidado com bebida alcoólica, que era uma comunhão diabólica, que não trazia nada de positivo. E aí logo eu senti isso. Com pouco tempo isso já chegou naturalmente para mim. Não foi por meio de uma imposição, por medo de uma "burracheira". A burracheira não veio pra dizer. Não faz isso! Foi consciência mesmo. Perdi o interesse, aquilo ali eu vi que não era para mim. E que não trazia nenhum benefício".

Vale ressaltar que, Bernardo acompanhou por alguns anos familiares próximos com problemas de alcoolismo. Mas esse entendimento de Bernardo não parece ser unânime entre os jovens, visto que Levi que desde três anos de idade convive com sua família na religião, argumentou:

"Compreendi que essas substâncias desvirtuam um caminho [...] E essas substâncias atrapalham em algum ponto, mas depende da maneira que é usada. Da maneira como é feito. Eu não acho que uma pessoa que bebe uma cerveja ela está se distanciando de Deus ou então está comungando com o capeta, tá entendendo? Eu não tenho essa visão, infelizmente ou felizmente. Eu não sou uma pessoa que tenho um único pensamento sempre. Minha visão das coisas muda".

Enfim, os jovens e adolescentes são orientados a plantar a ciência do bem-viver, e fazer opções por uma forma positiva

de vida, sintonizada com Deus, para conhecerem a si mesmo e cultivar as virtudes e vencer as tentações da força negativa. Buscar o bem-viver significa zelar pela saúde, evitar vícios e de drogas, procurar andar em boas companhias e trabalhar pela integridade moral de sua vida (CEBUDV, 2008). Nesse sentido, Péricles comenta:

"A pessoa vê o que tem para ser visto dentro da força da "burracheira" e da doutrina e largar essas coisas do mundo e se ligar mais nas coisas espirituais. Assim, a pessoa ganha certa tranquilidade na vida. Saber viver melhor em sociedade e sentir a energia de cada coisa é melhor, né? O mestre Gabriel disse que tinha a obrigação de ver cem anos à frente. E a gente tem que ter a capacidade de ver algumas coisas na frente, para eu saber o que eu vou ter como resultado se eu seguir esse caminho conseguir ver além, né? Bebendo vegetal a gente tem esse poder, cria essa capacidade, né? De ter um discernimento".

Segundo os ensinamentos e a prática constante pautada pela doutrina, amplia a capacidade do discípulo de aprender com as experiências pessoais e evitar o sofrimento, sentimentos e atitudes negativas (CEBUDV, 2008).

Vale ressaltar que, embora tenha observado entendimentos comuns relativos aos ensinamentos recebidos, os dispositivos didáticos influenciam no processo de transmissão e compreensão, como relata o jovem Miro:

"A doutrina é muito relativa, tem mestre que traz a doutrina para o mundo dos jovens, outros são mais caretas, outros são medianos. É muito relativo, depende do Núcleo, o jovem só fica mesmo atento para a doutrina se tiver uma linguagem

mais pra ele. E se elese sentir mais valorizado, mais aceito".

Nesta religião a dimensão vivencial é fundamental, dessa forma para que os ensinoss possam ser aplicados na vida cotidiana, necessitam serem assimilados por experiência e emoção, não apenas conceitualmente. Por esse motivo, o CEBUDV é conhecido como "a religião do sentir".

CONCLUSÃO

Nesta obra, apresento um quadro do uso das substâncias psicoativas no Brasil, abordando aspectos socioculturais, sentidos atribuídos e regulamentações oficiais sobre o tema. Procurei refletir sobre a relação entre religião, saúde e juventude, destacando a importância destes assuntos para a pesquisa desenvolvida. Para a construção desta, analisei dados quantitativos e qualitativos sobre jovens e os sujeitos deste estudo, pertencentes ao CEBUDV, na região metropolitana de Fortaleza. Também tratei de apresentar a origem desta religião brasileira recente, e de sua presença no Ceará. Destaquei a participação dos jovens no dia a dia desta comunidade religiosa.

Os resultados confirmaram o pressuposto da pesquisa, de que na condição de participantes do CEBUDV, os jovens desenvolvem uma conduta diferenciada em relação às SPAs, caracterizada pela orientação espiritual e por valores éticos estruturantes, cujos principais fundamentos são a experiência ritual e o convívio comunitário.

Entendo que a pesquisa desenvolvida ratifica que as experiências religiosas dos jovens do CEBUDV, ocorrem em três dimensões: o uso ritualístico do chá Hoasca; o alinhamento às orientações doutrinárias, e a participação na vida comunitária. Tais dimensões funcionam como fatores interativos em um processo circular no qual os significados das vivências dos sujeitos são modulados, modificados ou reforçados. Trata-se de um fenômeno que é multifacetado, envolvendo aspectos subjetivos e intersubjetivos que repercutem na conduta dos jovens com relação ao uso de SPAs, como também em outras áreas de suas vidas.

Através dos objetivos foi possível descrever e examinar as atividades ritualísticas e comunitárias dos jovens no CEBUDV; identificar e analisar as experiências dos jovens com as drogas e com a Hoasca; e examinar as orientações doutrinárias do CEBUDV, seus valores e regras de conduta voltadas aos jovens hoasqueiros.

Na pesquisa de campo observei um forte nível de compromisso religioso dos jovens consultados, evidenciando, entre alguns aspectos: frequente participação nas atividades ritualísticas e nas atividades comunitárias; autopercepção da importância da religião em suas vidas; reconhecimento dos impactos da prática dos preceitos espirituais, o que contribui para mudanças no estilo de vida, nas crenças pessoais e na melhoria das relações familiares, profissionais e sociais; sensações de bem estar (físico e emocional) ao experienciar os efeitos (antes, durante e depois) do uso da Hoasca no ritual religioso e para a saúde em geral; autopercepção de aumento de resistência ao lidar com momentos difíceis, situações estressantes e adversidades; satisfação com relação ao apoio que recebem dos amigos da religião, dos dirigentes e afiliados.

É possível concluir que as condições socioculturais vivenciadas nesta entidade religiosa, através das práticas ritualísticas e comunitárias, possibilitam aos jovens experiências que funcionam como fatores de proteção existencial, o que propicia uma atitude que nega o vazio existencial, ao que alguns jovens estão sujeitos. O dinamismo das interações, o apoio social e os cuidados que os jovens compartilham uns com os outros, e com os adultos, proporcionam a "liga" para a coesão social e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Vale ressaltar, que a atuação desses fatores varia em intensidade, dependendo das condições pessoais e cotidianas dos sujeitos, incluídos também as resistências, dificuldades de adaptação e desafios próprios da idade.

Pelos sentidos declarados que motivaram o uso de SPAs, os sujeitos deste estudo assemelham-se aos jovens em geral. Da mesma forma, vivenciam as experiências do processo de transição da adolescência para a vida adulta, em que o sentido de curiosidade pelo novo e pelo proibido, e a pressão de seu grupo para ter determinados comportamentos, podem levar aos primeiros contatos e experiências com as drogas lícitas e ilícitas. A diferença é que estes jovens não dão continuidade aos usos, corroborando os resultados obtidos no Projeto Hoasca na Adolescência. Tal conduta pode ocorrer por eles contarem com o suporte do fator de proteção existencial, que pode auxiliá-los a

atravessar esse período sem maiores problemas com relação ao uso de SPAs.

Além disso, quanto mais estes jovens estão envolvidos nas atividades religiosas à luz da experiência com a Hoasca, tanto menos são os atrativos pelas "drogas" em geral. O entendimento de que as SPAs geram os mais diversos tipos de sofrimento, e que impedem a evolução espiritual e o autorrespeito, reforçam o desinteresse por outras substâncias psicoativas. Conseqüentemente, o uso da Hoasca, neste contexto religioso, não é fator de estímulo ao uso de outras SPAs. Ao contrário disso, ele promove o distanciamento através da atuação de complexos mecanismos psicofisiológicos que ainda merecem investigação.

Observei que os ensinamentos atuam como instância de produção de sentidos e significações para os jovens:

Sentido espiritual: envolve a conexão da criatura com o Criador, ou Deus, e são gerados os significados da essência do ser humano, esta considerada sagrada;

Sentido existencial: envolve a construção do significado para o existir – evoluir, através do autoconhecimento, buscar o autoaperfeiçoamento, com a correção dos desvios de condutas e desenvolvimento das virtudes;

Sentido de vida: envolve a construção de objetivos pessoais e profissionais, e o estabelecimento de vínculos afetivos na família e na vida social.

Tais sentidos e significados concorrem com uma multiplicidade de ofertas de sentidos que o mundo contemporâneo dispõe aos indivíduos, nas mais diversas esferas de atuação humana. Nestas circunstâncias, os jovens estão expostos a múltiplas influências.

Dados os limites desta investigação, com uma pequena amostra da população, não é possível fazer conclusões generalizantes. À luz das lógicas de participação em diferentes sistemas de interação local, através dos quais também se modula e afirma as trajetórias sociais dos jovens hoasqueiros, é necessário considerar diferenças regionais, culturais e sociais em grupos de outras localidades. Além disso, não foi possível analisar toda

a riqueza de informações levantada na pesquisa, haja vista as limitações de tempo e de recursos.

A experiência em construir esta obra me trouxe um conjunto de desafios, aprofundamento intelectual e um sentimento de contribuição para o entendimento das relações da juventude com as SPAs no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO H.W.; BRANCO P.P. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ADAM, P.;HERZLICH,C.**Sociologia da Doença e da Medicina**, SP: Ed. EDUSC, 2001.

ALTO FALANTE. **Jornal Institucional do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal**.Edição Histórica. 22 de julho,2011.

AMBALU e colaboradores. **O Livro das Religiões**.São Paulo: Globo Livros, 2014.

ANDRADE, João Tadeu. Etnografia de corte fenomenológico: reflexões metodológicas sobre contextos laborais em saúde. In: ALVES G.;SANTOS J.B.F.(Orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa sobre o Mundo do Trabalho**.Bauru-SP: p. 99-112, 2014.

ANDRADE, A. P.Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa.In:LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). **O Uso Ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

BARBOSA, Paulo C. R. **Psiquiatria cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano**: uma investigação dos estados alterados de consciência induzidos pela ingestão de ayahuasca no Santo Daime e União do Vegetal em moradores de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, Campinas-SP, 2001.

BECKER, H. **Outsiders**: estudos sobre Sociologia do Desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. (Org.). **Hoasca**: ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem (COFEM). **Resolução nº 04/85 - 30/07/1985**. 1986.

BRASIL. Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde (DIMED), 1985.

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL ANTIDROGA (PNAD). (2001), **Decreto nº 3.845**, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 13 de junho. Disponível no portal: www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas.

BRISSAC, Sérgio. **A Estrela do Norte Iluminando até o Sul**: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

BUCHER, R. A situação das Drogas no Brasil. In:**Prevenindo contra as drogas e DST/AIDS**. Brasília: CDIC, p. 8-16, 1995.

CANOLETTI B.; SOARES C.B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil:uma análise da produção científica de 1991 a 2001. **Interface C. Saúde Educação**, 2004/2005.

CARLINI-COTRIM B. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In: ABRAMO H.W.;BRANCO P.P., (Orgs). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARNEIRO L.; RÊGO, M. O crack na perspectiva da religiosidade e da redução de danos. In: FILHO, Antônio Nery. (Org.) **As Drogas na contemporaneidade**: perspectivas clínicas e culturais. Salvador:EDUFBA- CETAD, 2012.

CAVALCANTE, Regina Cláudia Barroso. **Políticas** Públicas sobre drogas: labirinto entre a marginalidade e a cidadania. Dissertação (Mestrado) - Saúde Pública do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará UECE, 2008.

CEBUDV. **Guia de Orientação Espiritual para Crianças e Adolescentes**. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, Brasília, 2008.

CEBUDV. **União do Vegetal: Fundamentos e Objetivos**. Centro de Memória e Documentação da Sede Geral, Brasília, 1989.

CEMIN, A. B. **Ordem, xamanismo e dádiva: o poder do Santo Daime**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2000a.

CEMIN, A. B.; MADEIRO, E.C.; ARAÚJO, E.D. Ayahuasca como terapêutica para o uso de drogas (o imaginário do uso e da cura). In: **Revista eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário**. Universidade Federal de Rondônia, 2000b.

CHAIBUB, J.R.W. **Entre o mel e o fel: Drogas, Modernidade e Redução de Danos**. 2009. 238f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade de Brasília/UNB, p.02, 2009.

CIPRIANI, R. **Manual de Sociologia da Religião**. Local: Ed. Paulus, 2007.

COMISSÃO LATINO-AMERICANA SOBRE DROGAS E DEMOCRACIA. (2009), **Drogas e democracia: rumo a uma mudança de paradigma**. Declaração da Comissão Latino-Americana sobre Drogas e Democracia. Disponível no portal: www.cbdd.org.br/comissao-latino-americana-sobre-drogas-e-democracia.

COUTO, F.L.R. **Sinais dos Tempos Santos e Xamãs**. Dissertação (Mestrado) em Antropologia. Universidade de Brasília, 1989.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais.v.34, supl. 1; p. 25-33. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria Clínica**, 2007.

DALGALARRONDO, P. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DALGALARRONDO, P.; SOLDERA, M.A.; CORRÊA FILHO, H. R.; SILVA, C.A.M. Religião e uso de drogas por adolescentes. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 26(2): pp. 82-90. 2004

DAYRELL, J. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. In: **Revista do Observatório da Juventude do Centro Cultural da UFMG**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2004.

DOERING-SILVEIRA, E.; GROB, C.; "Ayahuasca na adolescência: uma avaliação neuropsicológica. In: BERNARDINO-COSTA, J. **Hoasca**: ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

DOBKIN, M. R., et al. *Psychoactive Drugs Use Among Adolescents Using Ayahuasca within a Religious Context*, **Journal of Psychoactive Drugs**, Vol. 37(2), June, 2005.

DUCH, L. **La experiência religiosa em el contexto de la cultura contemporânea**. Barcelona, Madri: Don Bosco-Bruno, 1979.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares de Vida Religiosa**. SP: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, M. **O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. SP: Martins Fontes, 1998.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. 2ª Edição, RJ: Ed. Martins Fontes, 1998.

ERICKSON, Eric. **Identidade, Juventude e Crise**. 2ª Edição, RJ: Editora, 1997.

ESCOHOTADO, Antônio. ***História General de las Drogas***, Madrid: Alianza Editorial, 1994.

ESCOBAR, J. A. C. ROAZZI, Antônio. *Panorama Contemporâneo do Uso Terapêutico de Substâncias Psicodélicas: Ayhuasca e Psilocibina*. **Revista de Neurobiologia**, 73 (3) jul./set., pag. 159- 172, 2010.

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – UNODC. 2021. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2021/06/relatorio-mundial-obre-drogas-21-do-unodc>.

FABIANO, R. **Mestre Gabriel O Mensageiro de Deus**. Brasília, DF: Editora Pedra Nova, 2012.

FERNANDES, C.G. **Transformações Pessoais na União do Vegetal**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, 2011.

FERNANDES, H. A. **Droga, religião e cultura: um mapeamento da controvérsia pública sobre o uso da ayahuasca no Brasil**. Dissertação (Mestrado) Departamento de Antropologia. São Paulo: USP, 2012.

FERNANDES, H. A. **Droga, religião e cultura: um mapeamento da controvérsia pública sobre o uso da ayahuasca no Brasil**. 126f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

FIORI, M. **O Lugar do Estado na Questão das Drogas: O Paradigma Proibicionista e as Alternativas.** Novos Estudos, p.8-12, 2012.

FIGUEIRA, E.A.P. Experiência religiosa e experiência humana no séc. XXI: construção de chaves de leitura para estudo do fato religioso, **Revista Nures**, nº 7, Setembro/2007.

FILHO, Antônio N. Entrevista. In: FILHO, Antônio Nery *et al.* **Toxicomanias incidências clínicas e socioantropológicas.** Salvador: EDUFBA, CETAD, 2009.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Bookman, 2004.

FRIGOTTO G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES R.; VANNUCHI P, (Orgs). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Fundação P. Abramo, 2004.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo, Companhia Ed.Nacional, 1965.

FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Livraria Pioneira, 1972.

FORACCHI, M. M. **A participação social dos excluídos.** Parte II – A juventude: ascensão social e rebelião. São Paulo: Hucitec, 1982.

GARCÍA-ALANDETE, J. **Sobre la experiencia religiosa: aproximación fenomenológica,** Folios N.º30, *Facultad de Psicología y Ciencias de la Salud. Universidad Católica de Valencia (España).* 2009 • pp. 115-126 *Correo electrónico:* ximo.garcia@ucv.es

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Bruno R. **O sentido do ritual da ayahuasca em trabalho voltado ao tratamento e recuperação da população em situação de rua em São Paulo**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública da USP, 2011.

GROPPO, L. A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análises sociológica das juventudes. **Revista Última Década** Nº33, Cidpa Valparaíso, Diciembre, 2010.

GOULART, Sandra. **Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica**: as religiões da ayahuasca. 2004. 315f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2004.

GROB, C. S. et al. Farmacologia humana da Hoasca: efeitos psicológicos. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. **O uso ritual da Ayahuasca**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

GRUND, J.P.C. **Drug use as a social ritual**: functionality symbolism and determinants of self-regulation. Rotterdã: Institut voo Verslav ingsondeersoek, Erasmus Universiteit, 1993.

HAGUETE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, p. 639. 1993.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, Saúde e Doença**. RS: Ed. Artes Médicas, 1994.

HOENIG, H. G.; McCOLLOUGH, M.E.; LARSON, D.B. **Handbook of religion and health**. New York: Oxford University Press. 2001.

INGOLD, Timothy. Da transmissão da representação à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, jan/abr 2010.

JAMES, W. (2002). **As variedades da experiência religiosa**. Um estudo da natureza humana. Local: Ed. Cultrix, 1991

JORGE, Maria S. B.*et al.* **Olhares plurais sobre o fenômeno do crack**. Fortaleza: Ed. UECE, 2013.

KRIPPNER, Stanley. Os primeiros curadores da humanidade: abordagens psicológicas e psiquiátricas sobre os xamãs e o xamanismo. v. 34 p.17-24, **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2007.

LABATE, B. C. **A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Fapesp, 2004.

LABATE, B. C; ROSE, I. S.; SANTOS, R. G. **Religiões Ayahuasqueiras-** Um balanço Bibliográfico. Campinas: Mercado das Letras/Fapesp, 2008.

LABIGALINI, Eliseu J. **O uso da Ayahuasca em um contexto religioso por ex-dependentes de álcool – um estudo qualitativo**.Dissertação (Mestrado) - Escola Paulista de Medicina São Paulo da Universidade Federal de São Paulo, 1998.

LANDGON, Jean (org.) **Xamanismo no Brasil**: novas perspectivas. Florianópolis: UFSC, 1996.

LARANJEIRA, R.*et al.*, (Org.). **I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira**, Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

LIMA, E. Existe um paradigma epidemiológico para o fenômeno da drogadição? In: FILHO, Antônio N.(Org) **Toxicomanias: Uma abordagem Multidisciplinar**. Rio de Janeiro, NEPAD/ UERJ: Sette Letras, 1997, p. 92.

LIMA, I.M.S.O. *et al.* Adolescência e consumo de substâncias psicoativas: uma discussão sob o enfoque do direito à saúde. In:TAVARES E MONTES (Orgs.)**A Adolescência e o Consumo de Drogas**: Uma rede informal de saberes e práticas. Salvador:EDUFBA- CETAD, p. 169-187, 2014.

LUNA, Luis E. Vegetalismo. Chamanismo entre los ribereños de la Amazonía Peruana.Florianópolis: editora, 1986.

LUZ, Emanuel. "**Jardim do Norte**":experiências de sofrimento e desenvolvimento espiritual de adictos na União do Vegetal. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. UFRJ, 2015.

MACRAE, Edward. **Guiado Pela Lua**: Xamanismo e Uso da Ayahuasca no Culto do Santo Daime. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992.

MACRAE, Edward. **A subcultura da droga e prevenção**. Texto apresentado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas(CETAP), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MACRAE, Edward. O uso ritual de substâncias psicoativas na religião Santo Daime como exemplo de redução de danos. In FILHO, A.N.; MACRAE, E.; TAVARES, L A. & RÊGO, M. **Toxicomania incidências clínicas e socioantropológicas**. Salvador-BA: Ed. UFBA, 2009.

MACRAE, Edward. Antropologia: Aspectos Sociais e Ritualísticos. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO Jr. A. **Dependência de drogas**, p. 25-34. São Paulo: Editora Atheneu, 2001.

MENEZES, Renata C. Marcel Mauss e a Sociologia da Religião, In: TEIXEIRA, F.(Org.) **Sociologia da Religião**: Enfoques Teóricos. local :Ed.Vozes,2011.

MCKENNA, Terence. **O alimento dos Deuses**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.

MCKENNA, Dennis J. **Ayahuasca: An Ethnopharmacologic History**. Local: editor, 1998.

MCKENNA, Dennis J. *Clinical Investigations of the therapeutic potential of ayahuasca: rationale and regulatory challenges*. **Pharmacology e Therapeutics**, n. 102, p. 111-129, 2004. Portal on line: www.sciencedirect.com.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade**. Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, 2008.

MILLER, W.R. **Researching the spiritual dimensions of alcohol and other drug problems**. *Addiction* 93(7): pp. 979-990. 1998.

MIRANDA, M. B. S. **Os sentidos das drogas na sociedade contemporânea: ecos entre os jovens e a família**. Dissertação (Mestrado) – Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica de Salvador/BA, p. 572007.

MIZUMOTO, Suely A. **Dissociação, religiosidade e saúde: um estudo no Santo Daime e na Umbanda**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia da USP, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA. Alexander; LOTUFO. Francisco N.; KOENIG, Haroldo G. *Religiousness and mental health: a review*. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 2, p. 242-250. 2006.

NOVAIS, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** São Paulo SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). (1986), Carta de Ottawa. **Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde.** Ottawa, Canadá, novembro. Disponível em: www.opas.org.br/promoção/uploadArq/Ottawa.pdf.

PAES, J. M. **A construção Sociológica da Juventude** – Alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV, 1990.

PERREAULT, J. Pensar a religião entre os jovens e pensar a juventude a partir da religião. In: CASTRO, L. R. **Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais.** Ed. Rio de Janeiro, 2005.

PINHEIRO, Ana Paula T. Estratégias de prevenção ao uso e abuso de substâncias psicoativas na adolescência. In: FILHO, Antônio N. (Org.) **As Drogas na contemporaneidade: perspectivas clínicas e culturais.** Salvador: EDUFBA-CETAD, 2012.

RABELO, Miriam C.M.; SOUZA, Iara M.A.; ALVES, Paulo C. **Trajetórias, sensibilidades, materialidades: experimentações com a fenomenologia.** Salvador: EDUFBA, 2012.

RIBEIRO, Fernanda M. L.; MINAYO, Maria C. de S. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. p.1773–1789, v.19(6), **Revista Ciência e Saúde Coletiva da Escola Nacional de Saúde Pública**, RJ: Fundação Osvaldo Cruz, 2014.

RICCIARDI, Gabriela S. **O uso da Ayahuasca e a experiência de Transformação, Alívio e Cura, na União do Vegetal (UDV).** Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Ciências Sociais. UFBA. Salvador-BA, 2008.

RIOS, D.R.et al. *Ayahuasca in Adolescence:Qualitative Results. Journal of Psychoactive Drugs*, 37(2), June, 2005.

RODRIGUES, Tiago. **Política e Drogas nas Américas**. SP: EDUC- FAPESP, 2004.

SANCHEZ, Z.M.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**.v.9, n.1, p.43-55. 2004.

SANCHEZ, Z.M.; NAPPO, S.A. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas.v.34, supl.1; pp. 73-81**Revista de Psiquiatria Clínica**. 2007.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso. In:**Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 3, nº3.p27-43, 2001.

SANTOS, R.A **publicidade e a representação da juventude**. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Antropologia da Universidade de Campinas, SP, 1992.

SANTOS, Marcel de L. Xamanismo: a palavra que cura. Local: Ed. Paulinas, 2007.

SANTOS, João B. F. dos. A etnografia dos pares como ferramenta de pesquisa. In:ALVES G.;SANTOS J.B.F.(Orgs) **Métodos e Técnicas de Pesquisa sobre o Mundo do Trabalho**. Bauru, SP: p. 113-121, 2014.

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS (SENAD). (2007), **Mapeamento das instituições governamentais e não governamentais de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no Brasil 2006/2007**. Brasília: SENAD / UnB. Disponível no portal: www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas

SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., Alfredo. **Dependência de drogas**. São Paulo: Ed. Atheneu, 2001.

SELL, Carlos E. **Max Weber e a racionalização da vida**. local: Ed. Vozes, 2013.

SILVA, Silvio E. D.; PADILHA, M. I. Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. 45(5):1063-9 **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2011;

SILVEIRA, E. *Ayahuasca in Adolescence:Qualitative Results*. In:**Journal of Psychoactive Drugs**, 37(2), June, 2005.

SIMÕES, Júlio A. Prefácio.In: LABATE, B. C. et al.**Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador : EDUFBA, 2008.

SOARES, Cássia B. **Consumo contemporâneo de drogas e juventude**: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem da USP. SP, 2007.

SOARES, Luís E. O Santo Daime no contexto da nova consciência religiosa. In: **O Rigor da indisciplina**. Ensaios de antropologia interpretativa. RJ: Iser/Relume Dumará, 1994.

SODELI, Marcelo. Abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Revista do Departamento de Psicologia da PUC**. São Paulo, p. 638 – 639. 2007

SOUZA, Valdir Mariano de. **Ayahuasca, Identificando Sentidos**:o uso ritual da bebida na União do Vegetal. Dissertação (Mestrado) Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, 2010. p. 120.

SPICKARD, J.V. *Fenomenology*.In: **The Routledge Handbook of Research Methods in the Study of Religion**. REVER Ano 14,

Nº 01 Jan/Jun, p. 280-299 Org. Michael Stausberg and Steen Engler, 2014.

SULLIVAN W.P. *It helps me to be a whole person: the role of spirituality among the mentally challenged.* **Psychosocial Rehabilitation Journal.** n.16: p. 125-134. 1993.

TAVARES, F.R.G.; CAMURÇA, M. A. "Juventudes" e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Numen**, v.7, nº 1, p.11-44, 2004.

TEIXEIRA, Francisco. **Sociologia da Religião: enfoques teóricos.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

TÓFOLI, Luis F. Ayahuasca, segurança e Pesquisa Biomédica. Palestra publicada em: 27/12/2013 no site: www.youtube.com/watch?vwqxFVmnGXoM.

TRAD, Sergio. Mídias e Drogas: Confrontando Texto e Contexto da Publicidade Comercial e de Prevenção. In: FILHO, Antônio N. (Org). **Drogas: Tempos, Lugares e Olhares sobre seu consumo.** Salvador: EDUFBA; CETAB/UFBA, p. 2004.

VELHO, G. A Dimensão Cultural e Política dos Mundos das Drogas. In: ZALUAR, A. (Org.) **Drogas e Cidadania: Repressão e Redução de Riscos.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

WASH, Patrick. **O exemplo na vida de quem prega: a constituição da ética udevista entre os sócios do CEBUDV.** Texto qualificado (Doutorado) Pós-graduação em Sociologia na Universidade de Brasília, DF, 2015.

VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. CEBRID/UNIFESP, em 2010. Disponível no Portal: www.cebrid.epm.br.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta fâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Resso e a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em ruidosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora

Biênio 2021-2022

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Danniel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário

INESP

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ermendes do Carmo

Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

Cleomarcio Alves (Marcelo), Francisco de Moura,

Hadson França e João Alfredo

Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal

Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni

Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)

Equipe de Design Gráfico

João Victor e Thais Lúcio

Estagiários

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Redação

Valquíria Moreira

Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante

Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim

Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha, Sandra Bastos Mesquita

e Vânia Montelro Soares Rios

Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira

Equipe Auxiliar de Revisão

Site: <http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/>

instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3701



ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Av. Desembargador Moreira, 2807,

Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900

Site: www.al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-2500



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2021-2022

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja
1º Secretário

Deputado Audic Mota
2º Secretário

Deputada Érika Amorim
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações